

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

QUARTA-FEIRA
3 DE NOVEMBRO DE 2004
GRATUITO
ANO XIV
EDIÇÃO Nº121

Estudantes voltam a manifestar-se em Lisboa

Alunos de todo o país protestam amanhã nas ruas da capital

LUIS FILIPE ROCHA



As ruas de Lisboa são amanhã palco de mais uma acção de protesto dos estudantes contra as medidas educativas do ministério da Ciência, Inovação e Ensino Superior de

Maria da Graça Carvalho. Depois de várias iniciativas locais que tiveram lugar um pouco por todo o país, os estudantes do ensino superior reúnem-se em protesto para criticar o

Governo liderado por Santana Lopes. O fim do sistema de propinas e a revogação da lei de financiamento são algumas das bandeiras da luta. Pág. 8

Eleições AAC

Esta semana apresentam-se os candidatos aos corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra. O prazo para entrega de listas termina na sexta-feira. Contudo, a escalada de contestação estudantil levou a que, na última Assembleia Magna, fosse levantada a hipótese de adiamento das eleições. Numa altura em que a academia vive tempos agitados, A CABRA foi saber o que pensam os candidatos à direcção-geral. Págs. 2 a 5

Os novos rurais

No Catarredor, uma das aldeias da serra da Lousã, vivem pessoas que procuram um estilo de vida alternativo. Por entre a mais recente música electrónica, os habitantes cozinham o seu próprio pão, fazem compotas e artesanato e tentam construir um mundo à parte. Págs. 12 e 13

Voyager aterriza em Coimbra

Um camião de arte experimental vai estacionar na Praça da República. De vídeo a instalações, a cultura chega sobre rodas à cidade. Pág. 18

SUMÁRIO

| | | | |
|-----------------|----|--------------|----|
| Destaque | 2 | Ciência | 15 |
| Opinião | 6 | Desporto | 16 |
| Ensino Superior | 8 | Cultura | 18 |
| Cidade | 10 | Artes Feitas | 20 |
| Nacional | 11 | Estórias | 22 |
| Tema | 12 | Vinte&três | 23 |
| Internacional | 14 | | |

Com o apoio de:
- SASUC
- DG/AAC
- RUC
- A CABRA

SOS-ESTUDANTE

Linha SOS-ESTUDANTE 808 200 204
Recrutamento de Voluntários
Sessões de Esclarecimento
dias 3, 4, 8 e 9 de Novembro
pelas 21:30, no
mini-auditório da AAC

Candidatos à direcção-geral apresentam listas esta semana

Prazo de entrega de candidaturas abriu ontem

As listas candidatas aos corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra para 2005 vão ser entregues até sexta-feira. No entanto, o acto eleitoral, previsto para os dias 17 e 18 de Novembro, pode estar sujeito a adiamento.

A decisão, a ser conhecida no dia 8, está nas mãos da Comissão Eleitoral, que ainda não está formada

Marisa Ferreira
Margarida Matos

São já quatro os projectos que anunciaram a candidatura nas próximas eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra. A entrega de listas está agendada para esta semana, mas ainda só dois slogans são conhecidos: Fernando Gonçalves, apresenta a lista R sob o mote "Reage" e Cláudio Schulz lidera a lista S, cuja palavra de ordem é "Exige sempre mais". Por seu lado, Cátia Almeida, que também já tinha assumido a candidatura, diz preferir esperar para revelar o slogan da sua campanha, embora garanta que este vai ser uma surpresa. A quarta candidatura parte do movimento Muda AAC (ver caixa), que não quis ainda revelar o nome do cabeça de lista.

Embora as eleições estejam marcadas já para os dias 17 e 18 (e uma eventual segunda volta para os dias 24 e 25), há a possibilidade de o escrutínio ser adiado. A Comissão Eleitoral decide no dia 8 a proposta de adiamento das eleições, aprovada em Assembleia Magna. Esta sugestão previa que as eleições fossem adiadas para o final do mês de Novembro, até que as relações entre estudantes e a reitoria da Universidade de Coimbra ficassem resolvidas.

A decisão da alteração do regulamento eleitoral da AAC cabe agora à Comissão Eleitoral, sendo necessário o voto de dois terços dos seus membros. No entanto, esta só vai reunir no próximo dia 8, depois da entrega das candidaturas, uma vez que é composta, com excepção do presidente, por elementos das listas.

O presidente da Comissão Eleitoral, António Silva, explicou que "esta decisão não pode ser tomada anteriormente, uma vez que a comissão eleitoral ainda não está constituída". Assim, "só quando a Comissão Eleitoral estiver definida e se realizar a primeira reunião é que sugestão decidida em Magna



Candidatos à liderança da Associação Académica de Coimbra têm até ao fim da semana para apresentar candidatura oficial

pode ser avaliada e votada", concretiza.

Eleições concorridas

As eleições do ano passado registaram um número elevado de listas candidatas. Ao todo, foram cinco os projectos que então se apresentaram para a corrida eleitoral. As eleições acabaram por ter uma segunda volta, em que Miguel Duarte, estudante de Economia, sucedeu a Victor Hugo Salgado na presidência da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. A lista I, de Miguel Duarte, tinha já liderado a primeira volta das eleições, obtendo 2216 votos, enquanto que a lista C, de Hugo Queiroz, obteve 1516 votos, garantindo assim a passagem à segunda ronda. A lista E, do candidato Paulo Leitão, alcançou somente 1248 votos desta volta, conquistando apenas a faculdade de Ciências e Tecnologia. Fora da corrida ficaram também a lista A, encabeçada por Bruno Julião, e a lista L, liderada por Vasco Nogueira, que convenceram 972 e 624 votantes, respectivamente. Na primeira volta registou-se uma totalidade de 7331 votantes,

cerca de um terço dos alunos da universidade.

Apesar de se ter registado uma das maiores afluências dos últimos anos às urnas, os resultados finais da primeira volta ficaram longe de garantir a maioria absoluta para alguma das listas candidatas. A plu-

ralidade demonstrada pelas listas compartimentou os votos, tendo cada candidato conseguido conquistar uma faculdade, à excepção de Bruno Julião. Na segunda volta, concorrendo apenas as listas I, de Miguel Duarte, e a lista C, de Hugo Queiroz, registou-se uma menor

adesão às urnas, tendo 5961 estudantes exercido o seu direito de voto. A lista I bateu, nesta ronda, a lista C por uma diferença de 781 votos, tendo Miguel Duarte assumido o comando da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra.

Muda AAC ainda sem candidato definido

O movimento Muda AAC já assumiu que vai avançar com uma lista candidata à Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. Contudo, à hora de fecho desta edição, o nome do cabeça de lista era ainda desconhecido. Ricardo Reis, do Muda AAC, explica que o grupo pretende concentrar-se "na luta, simplesmente", defendendo o adiamento das eleições para os corpos gerentes da associação. Rui Calado, também do Muda AAC, acrescenta ainda que a opção de não apresentar um candidato com antecedência se deve ao facto de o movimento ser "um projecto que não vive à custa das caras das pessoas" e onde "o mais importante é o colectivo".

Os dois representantes do Muda AAC defendem que há a necessidade de uma "radicalização da luta", para que, nas palavras de Rui Calado, esta "não se torne em folclore, seja algo consequente e que una os estudantes". Neste sentido, o Muda AAC pretende usar o processo eleitoral como forma de promover o "debate construtivo" e não de obter uma vitória nas urnas. A es-

te propósito, José Reis é peremptório: "Nós não queremos os votos dos nossos colegas. Queremos vê-los na luta connosco". Rui Calado acrescenta mesmo não ter "dúvidas nenhuma que, devido à conjuntura e ao contexto, o objectivo não é ganhar. É mostrar que os estudantes podem estar na luta e na rua". A campanha do movimento passará assim pela realização de "um manifesto com as ideias-chave".

No que diz respeito às formas de contestação estudantil, o Muda AAC considera ser benéfica a união com outros sectores da sociedade: "O facto de neste momento estarmos com algumas dificuldades, torna mais urgente a junção. É fundamental a união dos estudantes com o resto da sociedade civil", explica Rui Calado. Por seu lado, José Reis alerta ainda para a existência de "novas formas de luta" que podem ser eficazes. Mas, "mesmo para as formas tradicionais, não se está a mobilizar como seria desejável", lamenta o estudante.

João Pereira

“Criticar, mas apresentar uma alternativa”

Cátia Almeida não avança ainda o slogan da campanha, mas garante que será “uma surpresa”. Contudo, afirma que as eleições devem ser adiadas até se resolver a “situação delicada” que a academia atravessa

João Pereira

Depois de ter estado dois anos na equipa de Victor Hugo Salgado, a estudante de Direito apresenta agora uma candidatura à presidência da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC). Cátia Almeida mostra-se crítica em relação ao movimento associativo nacional e defende que Coimbra tem que assumir um papel de peso.

O que te leva a avançar numa candidatura para a direcção-geral? Quais são as principais apostas do projecto?

Estive dois anos na direcção-geral. E quando estamos por dentro temos uma noção completamente diferente. O facto de este ano ter estado no Conselho Fiscal permitiu-me passar mais tempo lá fora, com o estudante comum, e permitiu-me ver que as coisas não lhe chegam. Poucas são as coisas que são feitas pelo estudante. Supostamente, a academia está aos serviços do estudante. Mas acho que não se tem apostado na melhor estratégia. Nós estamos a tentar recuperar um projecto de finais da década de 80, que era a lista dos “independentes”. Foi um projecto que surgiu, sem cor política, numa altura em que as listas eram de partidos. Eram pessoas que não tinham dinheiro dos partidos, mas eram extremamente criativas na campanha. E faziam uma coisa que acho essencial: criticar, mas apresentar uma alternativa àquilo que era criticado. Basicamente, estamos a tentar refazer esse projecto.

Que alternativas propõem, nomeadamente para tentar resolver o problema da falta de informação do estudante que está afastado da academia?

É essencial uma operação de marketing interna. A maior parte dos estudantes só conhece, no edifício da AAC, o bar, a sala de estudo e as cantinas. Não fazem a menor ideia do que é a associação. Tem-se criticado ao longo dos anos o distanciamento da associação. As pessoas acham que isto não tem nada a ver com elas. Quando um órgão foi criado para representar os estudantes e eles não se revêm neste, é muito grave. É óbvio que, se não nos revemos numa entidade, não vamos colaborar nas actividades que ela leva a cabo.

Achas então que há um problema de representatividade na academia?

Cada vez mais. Neste momento temos dois paradigmas: o da participação e o da representação. Temos que convencer as pessoas de que vale a pena ir às urnas. As pessoas já não acreditam (mas isso é um problema nacional, não é só da academia) que consigam alterar alguma coisa.

De que forma perspectivas a campanha e de que forma o teu projecto pretende chegar aos estudantes?

Na altura dos “independentes”, conseguia-se ter sete mil votantes na associação. Nós agora temos esse número porque a maioria vota nas faculdades. As pessoas não estão motivadas. Porquê? Porque estamos habituados a ouvir falar do amor pela academia durante três meses. Por volta de Maio ou Junho, começa-se a falar de amor pela academia. As pessoas vêm que isto só pode ser um “tacho”. As pessoas vêm para aqui por “tacho”, não é para representar os estudantes. Antigamente, os projectos duravam anos. As pessoas trabalhavam nas faculdades durante todo o ano. É isso que é preciso.

Como perspectivas o papel dos núcleos nessa tarefa?

Os núcleos foram criados para resolver o problema de as direcções-gerais não conseguirem chegar às faculdades. Mas o que eu tenho visto é que os núcleos também não estão a cumprir a função deles. Ou porque se sentem pouco apoiados pela direcção-geral, ou por outras razões. De facto, não temos mais mobilização do que quando não existiam os núcleos. Pelo contrário. Se calhar, temos que repensar o papel dos núcleos e da sua relação com a associação académica. Esta é uma questão muito complicada de resolver, porque temos aqui uma dimensão política evidente. É aquilo a que Victor Hugo Salgado chamou os “núcleos amigos” e os “núcleos inimigos”. Há núcleos que vão estar com um candidato e núcleos que vão estar com outro. O candidato eleito vai provavelmente ter uma relação muito diferente com os núcleos que o apoiaram e com os que não o fizeram. Quando nunca foi isso que se pretendia. Pretendia-se que, independentemente do candidato eleito, os núcleos estivessem com ele.

“Temos uma situação muito delicada”

Que comentários fazes às últimas semanas de luta estudantil em Coimbra, nomeadamente aos acontecimentos da abertura solene das aulas e do Senado Universitário?

Nós às vezes somos irreverentes, mas não podemos prejudicar muita gente com a nossa irreverência. Quando a irreverência nos prejudica a nós, é uma coisa. Quando vai prejudicar muitas pessoas, é outra. Essas pessoas são todos os estudantes de Coimbra, que vão ter que pagar a propina máxima. Desses que vão pagar a propina máxima, quantos colaboraram e quantos queriam a interrupção da abertura solene? Eu compreendo as pessoas que interromperam a abertura solene e os moldes como o fizeram. Mas temos que ter consciência das consequências dos nossos actos. Em relação ao senado, achei uma vergonha que o reitor eleito por estudantes tenha casado aquilo que é uma universidade.

“Não quero generalizar, mas acho que o movimento associativo está podre”

No caso de o teu projecto vencer as eleições, de que forma perspectivas as relações entre reitoria e estudantes?

Nós não sabemos o que vai acontecer. O meu projecto pensa propor um adiamento por tempo indeterminado das eleições, até esta situação estar resolvida. Neste momento, temos uma situação muito delicada para resolver, mas não sabemos como fazê-lo. A primeira coisa para a resolver é haver união. E para isso não podem haver interesses diferentes. Para além disso, o candidato que fosse eleito agora entraria em clara desvantagem. Não ia poder fazer muito. Ia herdar uma situação que só podia resolver seguindo a

metodologia e a estratégia do anterior. Da forma como as coisas estão, a margem de manobra é muito pouca. Como é que eu resolveria esta situação se fosse eleito? Nós no senado não temos maioria e nunca a vamos ter, enquanto não tivermos os funcionários do nosso lado. Não é com invasões que as coisas vão lá. Até por-

que já percebemos que já se encontrou uma forma de não haver invasões...

Achas que a academia não está unida?

Creio que está no bom caminho para a união. Não creio que já esteja unida.

Como caracterizas o movimento associativo nacional?

Não quero generalizar, mas acho que o movimento associativo está podre. E vai estar enquanto partidos políticos continuarem a ter uma voz dominante. Não se marca um Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA) para um dia de uma manifestação nacional. Não há coincidências. Quando muito, marcava-se o ENDA para o dia anterior ou para o dia seguinte. Marcá-lo para o dia da manifestação é má fé, é não querer que esta corra bem.

Qual achas que deve ser o papel da AAC a nível nacional?

Acho que deve ser aquilo que sempre foi. Era o papel de quem geria a situação, o papel de quem tentava que as coisas corressem sempre bem.

A academia de Coimbra já não

tem esse papel?

Não quando temos a AAC a ter que recusar ir ao ENDA. Noutra altura, o peso da AAC seria se calhar o suficiente para não haver ENDA. Por isso, eu pergunto: “Estará a AAC assim tão forte em relação às outras academias?”.

Perfil

Cátia Almeida tem 23 anos. Veio de uma pequena aldeia a 40 quilómetros de Viseu para estudar Direito em Coimbra, encontrando-se agora no quarto ano de curso. O futuro profissional passará, de preferência, pela magistratura judicial.

A candidata à presidência da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra fez já parte da equipa de Victor Hugo Salgado. No primeiro mandato do antigo presidente, Cátia Almeida tinha as funções de coordenadora da pasta das Saídas Profissionais, tendo, no ano seguinte, assumido o cargo de super-coordenadora das Saídas Profissionais e da Acção Social. Este ano fez parte do Conselho Fiscal.



Cátia Almeida pretende fazer renascer um projecto antigo da academia

RUI VELINDRO

“Tem de ser a AAC a procurar o estudante”

Com uma equipa que afirma ser baseada na inovação e na experiência, o actual presidente da Mesa da Assembleia Magna pretende que a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) não se limite ao edifício e vá ao encontro dos estudantes

João Campos

O candidato da lista S considera que a academia trava neste momento um “braço de ferro” com o reitor da Universidade de Coimbra, Fernando Seabra Santos, cuja demissão defende. Já no que diz respeito à mobilização dos estudantes, Cláudio Schulz quer apostar numa estratégia em que o presidente da direcção-geral se dê a conhecer, nomeadamente através da realização de “presidências abertas”.

Que razões te levam a candidatar?

Acima de tudo é um gosto pessoal e um amor que sinto pela Academia. Tenho também experiência da casa, um conhecimento de causa bastante grande, e creio que tenho pessoas na equipa que querem desenvolver e continuar um trabalho. Admito que é um sonho, mas também um objectivo em beneficiar a Academia e dar o melhor possível.

As pessoas conotam o teu projecto como sendo de continuidade com a actual DG/AAC. Qual é o teu ponto de vista?

Há um misto entre a continuidade e a inovação. A ideia é sobretudo adquirir a experiência da continuidade, o trabalho que já foi desenvolvido e fazer melhor. Essa melhoria passa por exigir mais de nós mesmos e de uma equipa que terá elementos novos. Há que agarrar nesse sangue novo para criar dinamismo e fazer surgir ideias, e aproveitar as outras pessoas mais experientes para estar no terreno, para fazer um trabalho que já conhecem.

Quais são as linhas mestras deste projecto?

Ao contrário de algumas direcções-gerais, que tentaram trazer o estudante à academia, nós queremos levar a academia ao estudante. Vamos tentar que o estudante conheça a AAC e para isso terá de ser a associação a ir às faculdades e departamentos. A partir daí, ele poderá conhecer o edifício, perceber a causa, saber o que é a academia e perceber que esta não tem só fins políticos. Tem de ser a associação a procurar o estudante para começar a ter uma passagem massiva pelo edifício, para ganhar outra vez o amor pela AAC.

E a nível da política de contestação, quais são as ideias em vista?

As ideias passam sobretudo por fazer presidências abertas pelas faculdades e departamentos, passar lá algumas tardes. A DG/AAC não pode passar o tempo todo no edifício, tem de fazer pequenas iniciativas nas faculdades, uma reunião de tertúlias, fazer mostras para os colegas todos, estar presente no maior número de iniciativas que os núcleos organizam. As pessoas têm de saber quem é o presidente da DG/AAC, porque no fundo este é um colega igual a eles. Eles têm de o conhecer pessoalmente e não pela televisão ou pelos jornais.

Como pensas levar o teu projecto aos novos estudantes?

O meu projecto pretende chegar aos novos estudantes em várias áreas: no desporto, na cultura e na política educativa. Mas o estudante tem de ser aliciado e a AAC tem de o atrair. Isso poderá ser feito através de iniciativas culturais, de torneios de futebol, de ligas académicas, de iniciativas de recolhas de sangue, para depois perceberem o que é a política educativa e como funciona. As famílias cada vez têm menos capacidade de suportar a estadia dos filhos na universidade e os estudantes trazem a cassete de casa, em que os pais os incentivam a não ir para grupos académicos, manifestações ou greves, porque os pais estão a pagar bastante para eles andarem a estudar. Esperamos atraí-los pelo desporto e pela cultura e só depois pela política. Politizá-los logo ao início é um choque.

“Temos de defender a demissão do reitor”

Como viste os acontecimentos do senado e da Rua Padre António Vieira?

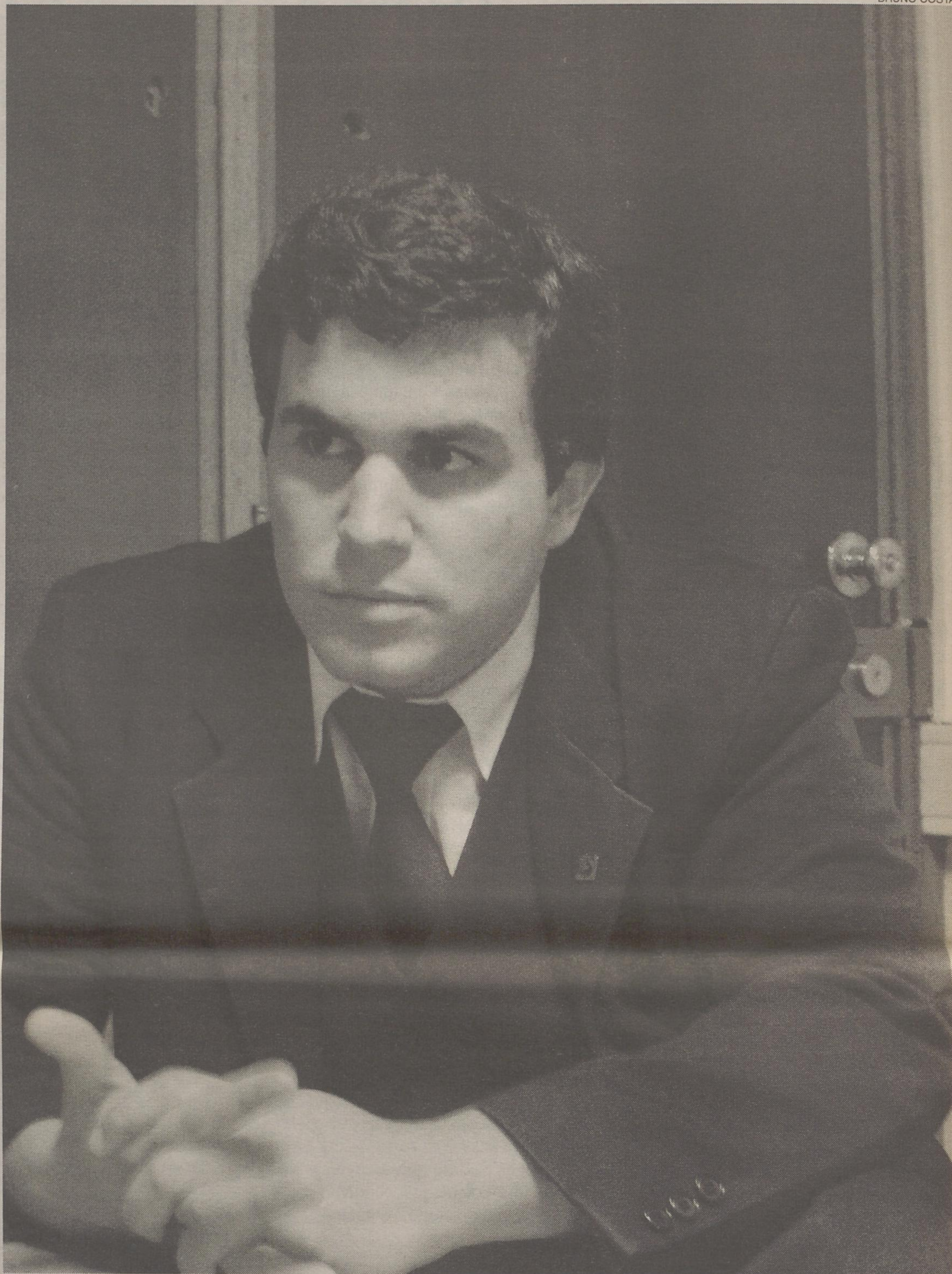
Neste momento estamos a atravessar uma crise, devido a uma série de acontecimentos que têm despoletado, acontecimentos esses de que não estávamos à espera. Com estas situações, as pessoas consciencializaram-se do que estamos a viver. É uma crise académica que já não se via há muito tempo, e tem de ser aproveitada para o bem da AAC.

Quais são as melhores medidas para mobilizar e consciencializar?

Não são medidas ainda mais extremas que levarão a consciencializá-las. Teremos de usar os elementos que temos agora para as poder motivar e elas perceberem que estamos a sofrer um ataque. Esse ataque é contra o ensino superior e as pessoas têm de compreender que só mobilizando e não ficando em casa é que podemos crescer, é que nos podemos mostrar como a maior associação académica do país. Essa força tem de sair às ruas e essas iniciativas lamentáveis, a que até muitos professores se opuseram, podem gerar a grande força da associação académica.

Como perspectivas as futuras relações entre a Associação Académica de Coimbra e o reitor Seabra Santos?

Neste momento há um braço-de-ferro entre a academia e o reitor. Nós acreditamos que a AAC nada fez para voltar com a palavra atrás, porque nós temos defendido as nossas



BRUNO COSTA

O actual presidente da Mesa da Assembleia Magna considera que se vive um momento de “crise académica”

causas e políticas. Espero que o reitor dê o braço a torcer e que as coisas voltem a ser trabalhadas. Mas isso depende do reitor Seabra Santos e não de nós.

O vosso projecto defende a demissão do reitor em consequência dos eventos da reunião de senado?

Neste momento, com o que aconteceu, sem dúvida alguma. É inadmissível haver brigada de intervenção e polícia na universidade, o que é uma coisa que não acontecia há anos. Por isso, temos de defender a demissão do reitor.

O que pensas do cancelamento da Queima das Fitas, discutido na última Assembleia Magna?

Não concordo, porque acho que vai quebrar a academia. A AAC é controversa, e nela sempre existiu a luta e a festa. Privarmo-nos de uma festa que é cultural, desportiva e lúdica só faz com que haja mais fracções e parte mais a AAC em vez de a unir. Tivemos uma Assembleia Magna de Voto, que deu um resultado significativo e não me parece que de um ano para o outro as opiniões mudem. Por isso, acho que a associação quer a Queima e ela deve ser realizada.

E em relação à Latada, também era essa a opinião?

Fui a favor da suspensão da serenata, embora achasse que devia ser tocada pelo menos uma música em respeito ao espírito do evento. Fui também a favor da suspensão dos convívios. Quanto ao recinto, a questão financeira foi posta e eu compreendo-a perfeitamente, mas há outra questão: muitas pessoas estiveram no local, e se tivesse havido suspensão da festa havia muita gente que gostaria de lá ter estado. Essas pessoas virar-se-iam contra nós e contra a luta, porque elas gostam de ter festa. Sem a Latada, poderia haver uma desmobilização e isso seria grave para a manifestação de amanhã.

A nível nacional, achas que o associativismo está adormecido?

Pode estar adormecido, mas só amanhã vamos saber. Há muitas associações que são comissões de festas, mas há muitas outras que fazem sensibilização, que fazem política educativa. A manifestação será o barómetro para sabermos realmente se as pessoas estão consciencializadas e se fazem política de contestação.

Como perspectivas a manifesta-

ção de amanhã?

Ao nível nacional espero que seja grande, mas não posso fazer um prognóstico. Ao nível de Coimbra, penso que será uma grande mobilização, muito devido aos acontecimentos tristes que se passaram. Creio que vai ser das manifestações mais corridadas dos últimos anos.

Perfil

Cláudio Schulz tem 25 anos e nasceu na Venezuela, país onde viveu até 1991, altura em que veio para Portugal. Fez o ensino secundário em Tomar e entrou posteriormente em Coimbra, em Engenharia de Minas, curso onde se encontra actualmente. No 2º ano juntou-se à Orxestra Pitagórica, da qual ainda é membro. Foi colaborador da área de Desporto no segundo mandato de Humberto Martins e integrou os dois mandatos de Vítor Hugo Salgado, no primeiro como coordenador de Ambiente e no segundo como super-coordenador de Núcleos e Pedagogia. Actualmente, é o presidente da Mesa da Assembleia Magna.

“Queremos abalar consciências”

“Reage” é o lema da lista R, encabeçada por Fernando Gonçalves. O candidato defende “uma academia com causas”, em que o estudante seja “interventivo” e “solidário”

**Tiago Almeida
Margarida Matos**

Antigo presidente do Núcleo de Direito, Fernando Gonçalves vai agora tentar conquistar a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC). Assume como objectivos o conhecimento dos problemas do estudante e afirma ser necessário apelar a uma consciência crítica por parte da academia de Coimbra.

O que te levou a assumir esta candidatura?

Esta candidatura partiu de um conjunto de estudantes preocupados com a academia e com o ensino superior em Portugal. Houve duas bandeiras que consideramos, desde logo, fundamentais: a conquista dos estudantes e a conquista da sociedade. Porque é muito importante mobilizar, ouvir e informar os estudantes. A academia só é forte e viva se os estudantes participarem. Para isso é fundamental a DG/AAC ir às faculdades perceber porque é que as pessoas não estão a participar. Qualquer direcção-geral só conseguirá mobilizar os estudantes se conhecer, no dia a dia, as suas aspirações. Foi esse défice de participação dos estudantes na vida académica que nos fez partir para esta candidatura. Para além disso, também vemos que, ao nível das secções culturais e desportivas da AAC, tem havido um afastamento. O meu nome surgiu dentro de um projecto, inicialmente sem um candidato predefinido. Mas estou com todo o gosto e com toda a vontade, pronto para fazer o melhor pela academia.

Quais as principais apostas deste projecto?

Para além de conseguir ter os estudantes a participar, considero essencial mobilizarmos a sociedade. Passar a imagem de Coimbra, enquanto escola de vida e não só como uma mera universidade que nos dá saberes técnicos. Assim, é preciso começar a atrair os estudantes a participar em grandes eventos culturais e desportivos, nos quais eles se revejam, e fazer com que a sociedade perceba que a visão de um estudante de Coimbra pode ser muito mais importante da de qualquer outro no país. Outro ponto muito importante é a defesa de uma academia com causas. Coimbra sempre se pautou por ter grandes valores, por estudantes que são interventivos, solidários e estão presentes em actividades de voluntariado. Para além de toda a política educativa, é urgente os estudantes

discutirem aquilo que os rodeia, debaterem-se por causas que devem ser de todos e lutarem por elas. Deve haver uma consciência crítica.

Como pensas chegar perto dos estudantes e que formas de luta defendes?

Penso que há boa vontade e esforço para se chegar aos estudantes, mas não se tem conseguido. A sensibilização deve ser uma grande aposta. É preciso uma candidatura que desça aos estudantes, que sinta e viva directamente com os seus problemas e dialogue com eles. Isto, de uma forma permanente. É do compartilhar de ideias entre representantes dos estudantes nos órgãos de gestão, dos estudantes membros de secções culturais e desportivas da AAC que a mobilização e a sensibilização deve ser feita, de forma a conjugarem-se todas as diferenças desta academia em torno de uma causa comum: a união da AAC. Os estudantes devem sentir que o edifício da associação é a sua casa. Penso que a realização de eventos culturais, por exemplo, pode mobilizar mais estudantes para acções de política educativa do que as actividades de política educativa em si mesmo. Os estudantes não querem uma luta sectariamente destinada a contestar uma ou outra lei. Na minha visão, querem uma luta por um ensino superior que contribua para o desenvolvimento do próprio país.

Mas não pensas que os estudantes estão já um pouco desgastados com algumas formas de luta? A que se deve a pouca participação?

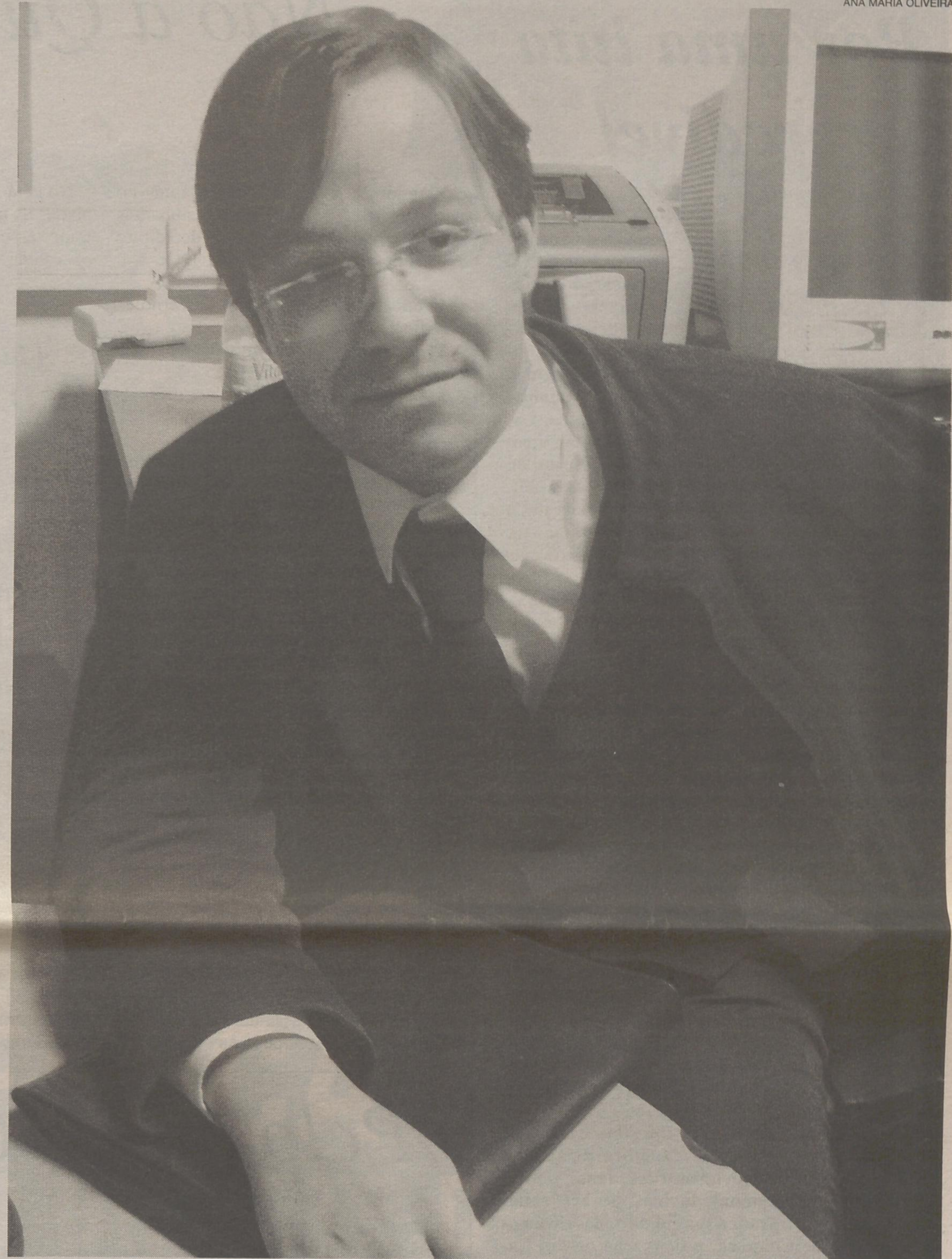
Antes de mais, é fundamental a informação. Não apenas do estudante comum, como até dos dirigentes associativos. Depois disso, a academia não deve afastar-se das formas tradicionais de luta, mas o que não pode mesmo é negar a luta institucional. A AAC tem de defender as suas posições perante os responsáveis políticos, tem de ter a sua voz e não deixar que outros se pronunciem pela voz dos estudantes.

“É necessário repensar as causas”

Embora não tenha terminado, que comentário fazes ao trabalho desenvolvido pela equipa de Miguel Duarte?

Por enquanto, é precoce fazer o balanço de um mandato que ainda não terminou. Gostei do virar do discurso político, centrando-se na sensibilização da sociedade civil para as causas da luta dos estudantes. No entanto, a grande lacuna desta DG/AAC foi a falta de mobilização. Penso que há coisas que não faria. A mobilização de estudantes não seria feita em alturas específicas, mas sim de forma continuada. Defendo o maior acompanhamento dos estudantes para tentar perceber as suas dificuldades, papel que não cabe somente aos serviços académicos. É preciso estar na rua, descer as Monumentais, passar a mensagem política àqueles a quem ela não chega. Esta candidatura quer abalar

consciências, revitalizar a imagem da AAC e voltar a estar próxima dos estudantes.



ANA MARIA OLIVEIRA

O candidato da lista R sublinha a necessidade de “revitalizar a imagem” da Associação Académica de Coimbra

consciências, revitalizar a imagem da AAC e voltar a estar próxima dos estudantes.

Tendo em conta os acontecimentos recentes desde a última reunião do Senado Universitário, como prevê a relação da direcção-geral com a reitoria, caso seja eleito?

O reitor assumiu determinadas posições, em período eleitoral, que fizeram acreditar num “reitor dos estudantes”, com uma nova visão para o ensino superior e com uma nova reitoria. Posteriormente isso não foi concretizado.

Obviamente que pelas várias manifestações recentes por parte da reitoria e pelos próprios métodos utilizados, não há condições para o reitor continuar a liderar, daí que concordo claramente com a demissão de Seabra Santos. É fundamental a união dos vários corpos universitários. Caso seja eleito vou promover a união entre estudantes, docentes e funcionários porque a universidade é de todos. Mas é claro que apesar deste período controverso que se vive entre estudantes e reitoria, o principal alvo continua a

ser o Governo, responsável pela aplicação das políticas educativas. É necessário repensar as causas e as formas de luta, daí que seja também crucial a união do movimento associativo nacional, com verdadeiras iniciativas conjuntas.

A última assembleia magna aprovou a sugestão da não realização da Queima das Fitas. Decisão agora remetida para o Conselho de Veteranos. Como prevê esta situação?

Considero que tudo vai depender da conjuntura política a nível nacional, de alterações legislativas ou de medidas que possam vir a ser tomadas. Apesar de ainda ser cedo questionar um eventual cancelamento da Queima, caso esta proposta siga em frente, defendo a importância da Assembleia Magna de Voto.

Quais são as tuas expectativas em relação à manifestação nacional de estudantes de ensino superior que tem lugar amanhã em Lisboa?

Não vou apontar números, mas penso que vai ser mais uma grande acção de contestação de estudantes

a lutarem por um ensino superior público, gratuito e de qualidade. No entanto, esta iniciativa não pode ser encarada como o culminar de um período de protesto. Depois de amanhã temos que reflectir e procurar qual o rumo do associativismo.

Perfil

Nascido em Viseu há 22 anos, Fernando Gonçalves, é actualmente representante dos estudantes no Conselho Directivo da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

O seu percurso teve início na comissão de curso no seu primeiro ano, tendo nesse mesmo ano participado na formação do Núcleo de Estudantes de Direito da Associação Académica de Coimbra (NED/AAC). Ocupou o cargo de vice-presidente do núcleo no ano de 2000/2001. Foi Presidente do Núcleo de estudantes de Direito nos mandatos de 2001/2002 e 2002/2003, tendo participado na Federação Nacional de Estudantes de Direito.

EDITORIAL

Por uma luta credível

Muitos outros interesses, bem diferentes daqueles escritos nas faixas de protesto, orientam as decisões de alguns dirigentes estudantis

O dia da última reunião do Senado Universitário foi apresentado pelos estudantes como um dos mais tristes da Universidade de Coimbra. Foi-o sem dúvida. Contudo, bem vistas as coisas, nem tudo foi negativo. É certo que a polícia ser chamada à universidade é vergonhoso. É certo que a aprovação do valor máximo da propina é lamentável. É certo que a atitude do reitor mostra, no mínimo, falta de respeito para com um dos corpos que o elegeu. Mas essa reunião de senado trouxe dois aspectos positivos. Em primeiro lugar, a crise instaurada conseguiu promover alguma coesão numa academia que estava dividida. Por outro lado, a reacção da academia de Coimbra (e, claro, a força mediática dos acontecimentos) fizeram com que passasse na comunicação social, pela primeira vez desde há muito tempo, uma imagem positiva do estudante; sob a isenção jornalística, foi mesmo possível ver (com excepções a confirmarem a regra) alguma simpatia pela causa estudantil. Depois disto, a credibilização da luta teria atingido um pico se a Lata tivesse sido cancelada. Não o foi, os motivos são sobejamente conhecidos e a posição da Direcção-geral da Associação Académica de Coimbra, concorde-se ou não, deve ser compreendida.

Os estudantes têm agora um duro teste pela frente. Se a academia de Coimbra demonstra união, a força do movimento estudantil a nível nacional deixa algumas dúvidas. Se academias houve que mostraram a sua solidariedade com os estudantes de Coimbra, a marcação de um Encontro Nacional de Direcções Associativas para o mesmo dia da manifestação nacional em Lisboa mostra que muitos outros interesses, bem diferentes daqueles escritos nas faixas de protesto, orientam as decisões de alguns dirigentes estudantis. A direcção-geral mostra o mais elementar bom-senso ao não se fazer representar.

Neste estado de coisas, a manifestação nacional de amanhã é uma prova de fogo. Quando os estudantes abandonarem a Assembleia da República podem trazer consigo um de dois resultados: ou cumpriram mais uma medida que estava na agenda da contestação e voltam para casa perante o olhar de indiferença do Governo; ou conseguem aquilo que, até agora, ainda não se conseguiu: incomodar de forma significativa o Governo e fazer com que a ministra Maria da Graça Carvalho desça do alto do Palácio das Laranjeiras e venha pronunciar-se a praça pública. E isto não depende só dos números da manifestação. Passará também, e muito, pela postura dos dirigentes estudantis. É imperioso que não se repita o cenário triste de manifestações anteriores, em que os dirigentes procuravam avidamente os jornalistas em busca de uns segundos de exposição e em que a força dos gritos de protesto era directamente proporcional ao número de câmaras que lhes estavam apontadas. João Pereira

Cartas ao director podem ser enviadas para direccao@acabra.net

CARTAS AO DIRECTOR

Não à Queima das Fitas

Vitor Oliveira *

Reunidos em Assembleia Magna no passado dia 27 de Outubro, os estudantes da Universidade de Coimbra decidiram sobretudo:

- 1) unir-se para derrubar o Governo e o Reitor,
- 2) pedir o cancelamento da Queima das Fitas
- 3) perder-se uma vez mais em discussões supérfluas.

Se as duas primeiras são louváveis, a terceira aborrece e desmoraliza, mas já não espanta ninguém. Por partes. A última quarta-feira foi, apesar de tudo, um dia importante. Depois dos infelizes acontecimentos que transportaram a academia para todas as televisões nacionais, os estudantes uniram-se num mesmo objectivo: pressionar o Governo e o Reitor para uma desejável demissão.

Mas nem tudo foi um mar de rosas nesta reunião magna da academia. À falta de concessões em questões menores, preferiu-se sacrificar o espírito de luta comum e emperrar a votação durante largos minutos em questões... adiáveis. E se as hostes não desmoralizarem para a manifestação de amanhã, dia 4, significa (tragicamente) que estamos demasiado habituados a este tipo de batalhas de quintal. Significa também que, apesar das quezílias internas, o momento é demasiado crítico...

Espero, portanto, que amanhã a academia esqueça tais fenómenos trágicos (que de quando em vez assaltam as nossas tribos) e estejamos em peso na capital!

No entanto, a luta não termina em Lisboa. E na última Magna deu-se um passo importante para intensificarmos o cerco: os estudantes manifestaram o interesse

A luta não termina em Lisboa. E na última Magna deu-se um passo importante para intensificarmos o cerco: os estudantes manifestaram o interesse em que se anule a próxima Queima das Fitas.

em que se anule a próxima Queima das Fitas. Esta louável atitude é, no fundo, um sinal claro de que estamos prontos para abdicar de algo em nome da luta.

Mas esta votação é apenas um parecer. A Assembleia Magna sugeriu ao Conse-

lho de Veteranos o cancelamento da festa, mas não pôde decidir.

Esperamos agora a reacção do Conselho de Veteranos. Qual será a escolha?

A sugestão de um referendo seria uma opção que agradaria a todos. Até ao Conselho de Veteranos, que não arcaria com o ónus da decisão. Recorde-se que em Janeiro cerca de 70 por cento dos estudantes votou a favor das Noites do Parque. Haverá, pois, a presunção de que tal resultado se possa repetir. Mas tal ideia esquece que actualmente as posições estão muito mais extremadas e que os acontecimentos recentes obrigam-nos a mais do que fizemos até agora. Mais do que os inócuos cadeados e gazetas, mais do que as sempre importantes manifestações. O Conselho de Veteranos "chutaria para canto" (usando a gíria futebolística) com a certeza de que na grande área a defesa daria conta do recado. Mas surpresas acontecem...

Pessoalmente, ficarei desapontado se o Conselho de Veteranos não ratificar este parecer da Assembleia Magna. E nesse caso proponho que se questione o papel que o Conselho de Veteranos tem na Associação Académica de Coimbra. Se, por outro lado, o Conselho de Veteranos se juntar à credibilização da luta, então estaremos finalmente de consciência tranquila: soubemos sacrificar uma festa lucrativa em nome de uma luta que já levou demasiados tiros nos pés!

* *Estudante de Jornalismo da faculdade de Letras*

Pelo não à Queima das Fitas

Jorge Nande *

Na Assembleia Magna de passado dia 27, uma moção pela não realização da Queima das Fitas obteve voto favorável. Com elevado simbolismo, esta votação teve efeito meramente indicativo, já que apenas o Conselho de Veteranos pode decidir com carácter final sobre a Queima das Fitas. É hora de reflectir sobre as eventuais vantagens deste tipo de protesto ser aprovado neste momento.

Primeiro, a sempiterna questão da opinião civil sobre os estudantes: são bêbados que não estudam. Para além de uma bacoquice redutora (estudantes há-os de todas as idades e feitios), quem diz isto são os mesmos que não se coíbem de encher as ruas de Coimbra aquando dos cortejos da Queima e da Latada ou de assistir aos concertos das mesmas. Aquilo de que se trata aqui é de direitos fundamentais à expressão, à liberdade e à educação, ou seja, livres de qualquer necessidade de merecimento.

Esta é a extrema simplicidade do que está em causa. E esta proposta, com um efeito perturbador gigantesco e uma garantia de credibilização segura, surge num momento extremamente conveniente. Primeiro, ainda não há entraves de uma organização iniciada que impeça o cancelamento (ainda nem sequer foram eleitos os Comissários e não há contratos comerciais celebrados). Segundo, a repressão policial voltou depois dos tempos negros do final dos governos Cavaco: os estudantes voltam a ser identificados como um grupo de desordem social a reprimir e prevê-se até a aprovação de um regime disciplinar específico para os estudantes que se manifestem! Quando se visa assim restringir garantias constitucionais, é porque os detentores do poder repressivo deixam de

se sentir seguros no seio quente das suas formalidades representativas, ou seja, estamos perante um enfraquecimento político – alturas ideais para uma agilização do movimento estudantil, para a criação de consensos, conversações entre representantes estudantis com grupos políticos e demais sectores de influência (sindicatos, associações, grupos culturais e artísticos, movimentos cívicos, etc.).

É necessário que o Conselho de Veteranos (que, no início da mesma Magna em que se aprovou esta moção, declarou a sua união com a luta estudantil) compreenda que insistir na realização da Queima ou qualquer meio-termo de celebração é desbaratar este momento privilegiado da luta estudantil: com um Governo em deterioração progressiva, que não reúne o consenso dentro do próprio partido da maioria, com um senado a refugiar-se cada vez mais no conforto ou no temor, o movimento estudantil pode avançar nestes meses o que não avançou em anos. Optar pela Queima com base em critérios económicos será pouco corajoso, mantê-la por causa da praxe será simplesmente incompreensível.

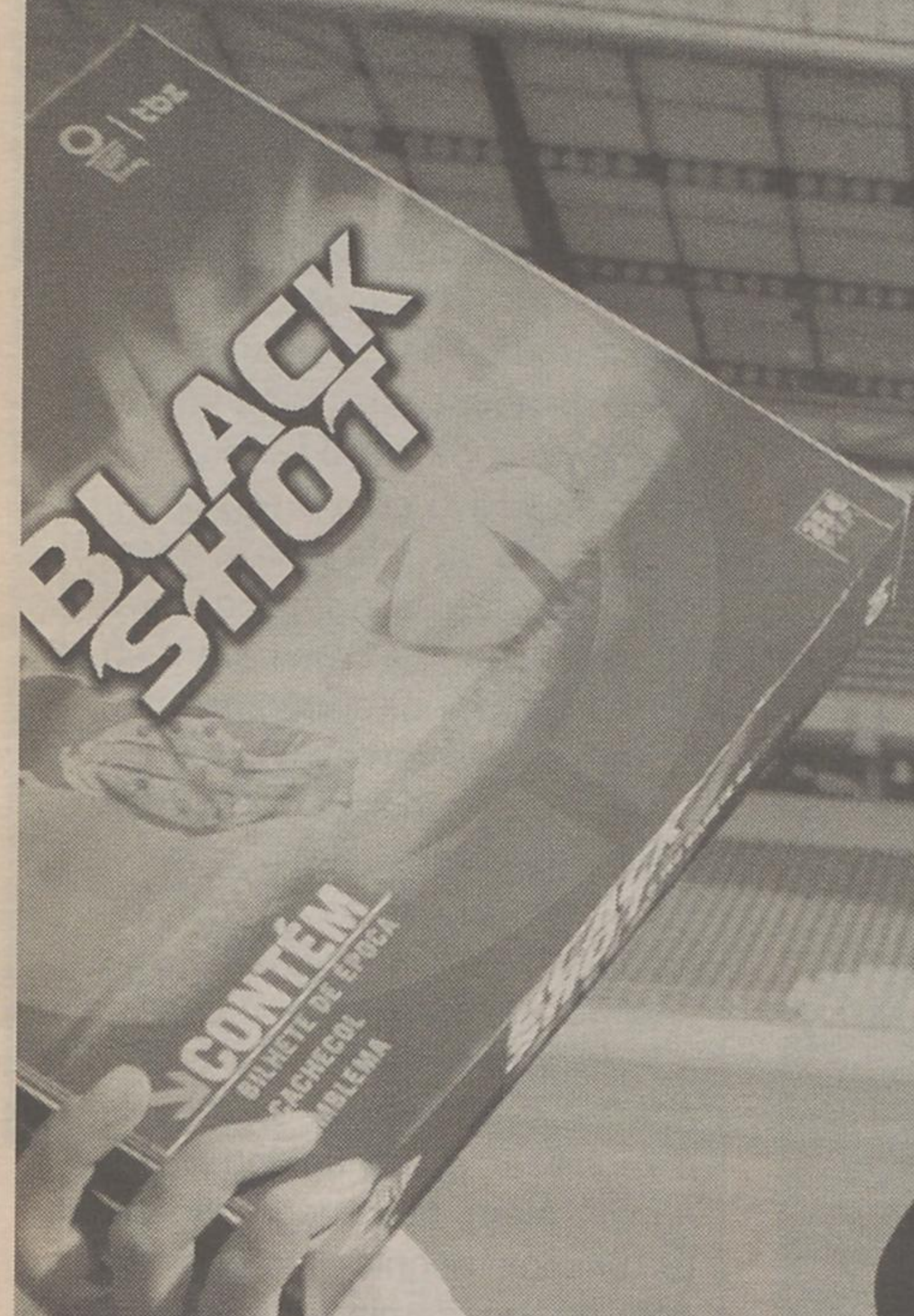
É verdade, o cancelamento da Queima das Fitas terá repercussões a nível interno da AAC, implicando um sacrifício financeiro pelas secções culturais. Mas quando um órgão coloca o seu funcionamento regular acima de tudo, mesmo dos princípios que basearam o seu surgimento, ele deve pensar em desistir de ser o que é. Nalguns momentos, é preciso escolher o sacrifício. Este é um desses momentos.

* *Advogado estagiário e estudante de pós-graduação*

O movimento estudantil pode avançar nestes meses o que não avançou em anos



O. A. F.



A ACADÉMICA ÉS TU!

O TEU BILHETE DE ÉPOCA

➤ **CONTÉM**

BILHETE DE ÉPOCA
CACHECOL
EMBLEMA

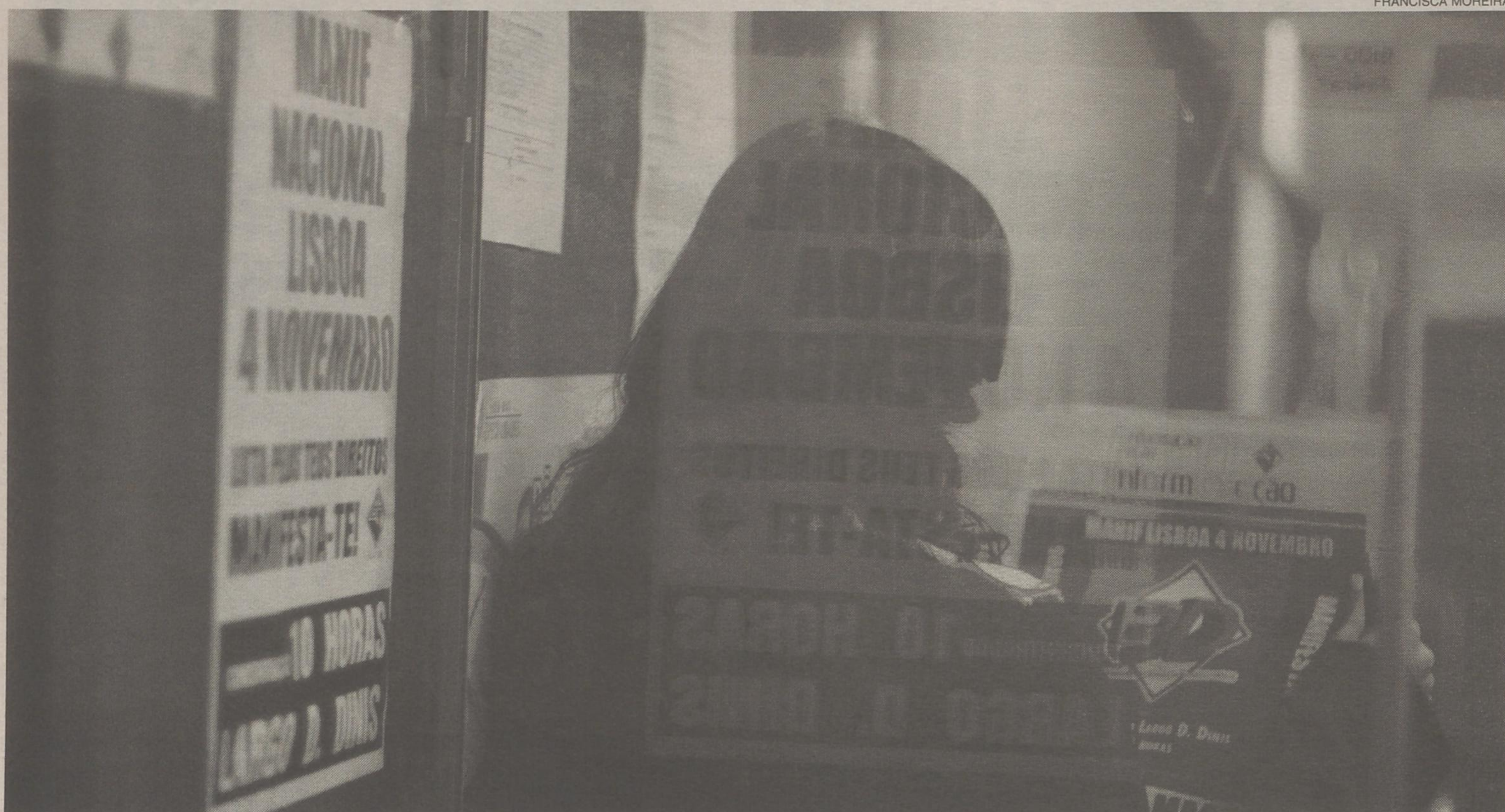
BLACK SHOT

25 €
P.V.P.

ESTÁDIO
CIDADE
DE COIMBRA

tbz

8 ENSINO SUPERIOR



FRANCISCA MOREIRA

Manifestação nacional vai testar eficácia das campanhas de sensibilização levadas a cabo nas últimas semanas

Estudantes protestam amanhã

Lisboa volta a ser palco de manifestação

Depois de iniciativas locais de informação e mobilização, os estudantes das academias do país juntam-se para mostrarem descontentamento pela política educativa de Santana Lopes

Ana Martins
Margarida Matos

É já amanhã que os estudantes de todo o país voltam a manifestar-se, em frente à Assembleia da República, em Lisboa, para contestar o actual pacote legislativo para o ensino superior. Em dia de manifestação nacional de estudantes do ensino superior, a sede da Associação Académica de Coimbra vai estar em encerrada como forma de protesto. Para trás ficam várias iniciativas de luta descentralizada que visavam esclarecer e sensibilizar os estudantes para esta acção de protesto. Ontem à noite teve lugar, na Praça da República, em Coimbra, uma concentração de estudantes e um cortejo com a presença de grupos das secções culturais da associação académica.

O presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Miguel Duarte afirma que "as campanhas de informação e mobilização tiveram uma boa receptividade da parte dos estudantes". E exemplifica com a iniciativa "3D - Democracia, Democratização, Desenvolvimento", que, ao proporcionar "um conjunto de informações referentes à política educativa, é uma forma de

chegar mais próximo dos estudantes". A este respeito, o dirigente sublinha: "Um estudante informado, é um estudante mobilizado". Deste modo, de acordo com os dados divulgados pela iniciativa da DG/AAC, 40 por cento dos jovens portugueses continuam fora do sistema de ensino superior, enquanto que cerca de 30 por cento dos que acedem a este grau acabam por desistir.

No entanto, as campanhas avançadas pela direcção-geral apostam numa estratégia de informação e esclarecimento não só dos estudantes mas também da sociedade, através da distribuição de dados e documentos. Segundo Miguel Duarte "esta é uma forma de passar a mensagem de que o actual panorama educativo não é um problema exclusivo dos estudantes". E acrescenta que "com os últimos acontecimentos vividos na academia de Coimbra, a opinião pública ficou mais solidária com as causas dos estudantes".

Contestação em todo o país

Integradas no movimento de contestação estudantil, decorreram muitas iniciativas nas várias academias para informar e mobilizar os estudantes pa-

ra as acções de protesto já agendadas.

A presidente da Associação Académica da Universidade de Aveiro, Rosa Nogueira, "explica que só estudantes informados podem ter uma participação consciente na luta estudantil" e, por isso desenvolveram-se campanhas de esclarecimento e sensibilização dos estudantes através da distribuição de panfletos, referentes às questões do actual pacote legislativo para o ensino superior". Dentro destas iniciativas Rosa Nogueira destaca a campanha "Rumo a Lisboa" com a distribuição de folhetos informativos com a imagem de mãos a simbolizar o envolvimento de todos os estudantes nesta luta e de pés para incentivar a adesão à manifestação. Em conjunto com o slogan "participa e traz o teu cartão", era divulgada a imagem de que o cartão de estudante vai passar a ser cartão multibanco para que os estudantes paguem tudo o que devem".

Já o presidente da Federação Académica do Porto, Nuno Reis, refere que "é necessário despertar a identificação dos estudantes com as reivindicações", através de cartazes que foquem os problemas específicos da Universidade do Porto, "tais como a carência de cantinas e residências e as

condições precárias das existentes, o número reduzido de espaços desportivos, a falta de aposta do estado no ensino nocturno e a falta de segurança".

Foi também lançada a campanha "Não te deixes apanhar desprevenido por estas leis", em que preservativos eram distribuídos aos estudantes, acompanhados de um folheto sobre a reforma educativa do ensino superior. De acordo com Nuno Reis, esta é uma forma "irreverente e alternativa de mobilizar para a luta estudantil".

Quanto à sensibilização da sociedade civil para a luta estudantil, o presidente da Associação Académica da Universidade do Minho, Jorge Cristino, afirma que este "é um assunto bastante delicado, pois os estudantes são vistos como uma camada elitista que actua em nome particular e não em nome de toda a sociedade". E ressalva "o facto de Coimbra estar numa situação privilegiada, protagonista de uma outra dinâmica e beneficiadora de um outro contexto, contrastando com qualquer outra academia". Acrescenta ainda que "apesar de sermos um país pequeno, encontramos grandes disparidades a nível de motivação para a mobilização."

Também Nuno Reis sublinha que "a opinião pública tem vindo a ser cada vez mais favorável e compreensiva perante as reivindicações estudantis por estar cada vez mais inteirada dos problemas estudantis". E defende que "os esforços têm de contrariar a imagem denegrida dos estudantes que não querem simplesmente pagar propinas. A luta é muito mais abrangente, envolvendo acção social e outros problemas igualmente relevantes."

Já Rosa Nogueira considera que a opinião pública "tem-se revelado solidária, e já está a acreditar na credibilidade dos argumentos defendidos pelos estudantes, por estes serem válidos e legítimos".

Dirigentes esperam forte adesão

As várias academias têm vindo a desenvolver iniciativas para sensibilizar e mobilizar a comunidade estudantil. O movimento reivindicativo tem como objectivo reunir todos os estudantes em torno de uma causa comum: a luta pela revogação do actual pacote legislativo para o ensino superior. Esta medida vem já desde o ano lectivo passado, quando as alterações legislativas para o ensino superior entraram em vigor.

Para o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Miguel Duarte, "é difícil aferir números da manifestação, mas espera-se uma adesão visível, como reflexo das várias iniciativas desenvolvidas na academia que visam sensibilizar e mobilizar a comunidade estudantil". Além disso, "acredito que os últimos acontecimentos vividos na academia de Coimbra com a fixação da propina máxima, vão atrair mais estudantes a esta acção de protesto".

Segundo o presidente da Federação Académica do Porto, Nuno Reis, "torna-se difícil prever a adesão, é sempre muito imprevisível mas acredito que será significativa, uma vez que têm sido accionadas várias campanhas de informação e sensibilização" nesse sentido. No entanto, defende que "o trabalho de mobilização tem de ser consistente, constante e contínuo."

Também, o presidente da Associação Académica da Universidade do Minho, Jorge Cristino, "está confiante na iniciativa depois de terem desenvolvido acções simbólicas, assembleias gerais e reuniões com os estudantes a explicar a premência da luta". Mas admite que há "uma dificuldade acrescida no processo mobilizador".

Já a presidente da Associação Académica da Universidade de Aveiro, Rosa Nogueira, considera que a "identificação dos estudantes com a luta" é a condição "sine que non" para uma mobilização consistente. Também o presidente da Associação Académica de Lisboa, Luís Semedo, "espera que os estudantes vão amanhã para a rua em força, tal como nas iniciativas de contestação do ano lectivo anterior". O dirigente associativo explica "que a comunidade estudantil não pode ficar conformada com as actuais políticas do Governo para o ensino superior". E argumenta "que a melhor forma de sensibilizar não só os estudantes mas também a sociedade civil para a luta estudantil passa pela credibilização e responsabilização das causas".

No entanto, os dirigentes associativos são unânimes em considerar que depois da manifestação nacional é necessário fazer o balanço das acções de protesto desenvolvidas e definir estratégias futuras para que o movimento de contestação estudantil tenha continuidade.

ENDA reúne em dia de manifestação

O Encontro Nacional de Direcções Associativas reúne amanhã, em dia de manifestação nacional dos estudantes do ensino superior, em Lisboa. Esta reunião convocada a pedido de José Alberto Rodrigues, representante do ensino superior particular e cooperativo, já suscitou diversas críticas.

A este propósito, o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC), Miguel Duarte, anunciou na última Assembleia Magna, "que a AAC não vai estar presente nesta reunião, vai sim estar em força na manifestação, em frente à Assembleia da República". E concluiu a sublinhar que "a academia de Coimbra não brinca ao associativismo".

Também, o presidente da Associação Académica de Lisboa, Luís Semedo, já afirmou que "Lisboa só vai participar nesta reunião após a acção de contestação".



Depois dos confrontos à porta do Senado Universitário os estudantes delinearam várias formas de luta

Estudantes de Coimbra formam comissão de luta

Depois de dias agitados na academia, a última Assembleia Magna decidiu a criação de um grupo de trabalho para campanhas de informação. Neste momento, circula pelas faculdades um abaixo-assinado a pedir a demissão do reitor

Margarida Matos

Em resposta aos acontecimentos que agitaram recentemente a Universidade de Coimbra, foi criada uma comissão de luta com representantes dos núcleos de estudantes, das secções culturais e desportivas da Associação Académica de Coimbra, das repúblicas, residências, organismos autónomos e do Conselho de Veteranos. Ao grupo pode ainda juntar-se qualquer estudante que se voluntarie. O objectivo, explica o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Miguel Duarte, é a formação de equipas de trabalho para levarem a cabo campanhas de sensibilização e informação.

Mas os confrontos entre estudantes e polícia, durante a reunião de Senado Universitário do dia 20, levaram a outras medidas por parte dos estudantes. A última Assembleia Magna, de 27 de Outubro, reafirmou o pedido de demissão do reitor, Seabra Santos. Deste modo, está já a circular um abaixo-assinado em todas as faculdades a solicitar que o catedrático Fernando Seabra Santos abandone as suas funções à frente da reitoria.

Segundo o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Miguel Duarte, “esta medida justifica-se pe-

lo extremar de posições entre os estudantes e a reitoria da Universidade de Coimbra”, uma vez que o passado dia 20 de Outubro, dia do Senado Universitário, “foi o dia mais triste para a academia de Coimbra, após o 25 de Abril”. E explica: “Depois de o reitor ter prometido que esperaria pela decisão do tribunal em relação ao método de votação utilizado para a fixação do valor da propina - o voto por correspondência - o reitor, convocou o senado de dia 20, colocando este ponto na ordem dos trabalhos, antes da resposta do tribunal”. Assim, afirmou Miguel Duarte, “está aqui demonstrado que a própria reitoria não confiou no método de votação por correspondência, quando, em Junho passado, votou a propina máxima”. Deste modo, os estudantes vão levar a cabo uma acção judicial a solicitar a impugnação da decisão da reunião de senado em fixar a propina máxima.

Quanto à demissão dos estudantes senadores em sinal de protesto, assim como a demissão dos estudantes da Assembleia da Universidade (o órgão que elege o reitor), também reiterada no passado dia 27, Miguel Duarte explica que “os estudantes que têm assento nesses órgãos de gestão se sentiram traídos”. No entanto, esta decisão não significa que

os estudantes vão abandonar definitivamente esses órgãos: “a ausência vai ser mantida apenas até às próximas eleições para os órgãos de gestão”, concretiza.

Os estudantes vão também avançar com uma acção judicial a solicitar responsabilidades às forças policiais ou ao Ministro da Administração Interna, Daniel Sanches, que afirmou que não houve qualquer carga policial sobre os estudantes da Universidade de Coimbra e negou desconhecer que tivesse sido utilizado qualquer tipo de gás paralisante pelos agentes de autoridade. A academia de Coimbra vai também enviar um documento ao Presidente da República a pedir a solidariedade.

Seabra Santos desvalorizou pedido de demissão

No final da reunião do Senado Universitário, em conferência de imprensa, o reitor Seabra Santos, lamentou os confrontos entre polícia e estudantes, quando estes tentaram invadir o senado e desvalorizou a exigência de demissão do cargo.

Fernando Seabra Santos afirmou lamentar “se houve exageros de uma parte ou de outra”. O reitor da Universidade de Coimbra continuou: “Há alturas em que em que é preciso

tomar decisões e foi com muita dor que tive que assumir as minhas responsabilidades”. E explicou: “Não concordo com esta lei de financiamento do ensino superior, mas em termos institucionais não tinha alternativa senão aplicar a propina máxima, quando a maioria das universidades públicas já o fez.” Quanto ao pedido de demissão feito pelos estudantes logo nesse dia, o catedrático defendeu que “esta não é uma posição inovadora e não terá outra consequência que não seja desprestigiar a academia de Coimbra”.

O senado, realizado sem a presença dos estudantes que integram o órgão, ratificou a propina máxima para este ano lectivo na Universidade de Coimbra. Deliberou ainda alertar os órgãos competentes para a necessidade de se proceder à imediata publicação do regime disciplinar aplicável aos estudantes do ensino superior, assim como proceder, na próxima reunião ordinária deste órgão, à constituição da Comissão Permanente do Senado para efeitos do exercício do poder disciplinar. As decisões causaram reacções de descontentamento por parte dos estudantes. Contudo, até ao fecho desta edição não foi possível entrar novamente em contacto com o reitor Seabra Santos.

Assembleia Magna aprova sugestão para cancelar Queima

Foi aprovada, na última Assembleia Magna, a sugestão da não realização da Queima das Fitas 2005, mas a decisão foi remetida para o Conselho de Veteranos.

Já no ano passado, a hipótese de suspensão da Queima das Fitas foi levantada em Assembleia Magna. A moção, então apresentada pelo Núcleo de Estudantes de Arquitectura, propunha promover um debate em torno da não realização da festa académica enquanto forma de protesto contra as políticas do Governo para o ensino superior.

A discussão levou à realização de uma Assembleia Magna de Voto, convocada pela DG/AAC de então, ainda liderada por Victor Hugo Salgado. Assim, os estudantes foram chamados às urnas para se pronuncia-

rem sobre esta questão. O “sim” à realização da Queima das Fitas conseguiu obter uma vitória com 76,6 por cento dos votos, contra apenas 19,5 pela suspensão da festa.

No entanto, após estes resultados realizou-se um novo referendo acerca da realização integral ou parcial da Queima das Fitas. A realização parcial excluiu as Noites do Parque, a Garraizada, o Chá Dançante e o Baile de Gala, bem como as actividades culturais e desportivas. Em consequência, nos dias 22 e 23 de Dezembro, 72,9 por cento dos votos disseram votaram positivamente a favor da realização total da Queima das Fitas. A favor da realização parcial da Queima das Fitas estiveram apenas 25,6 por cento.

Tunas portuguesas e espanholas encontram-se em Coimbra

Filipa Oliveira

Nos próximos dias 5, 6 e 7, Coimbra vai acolher o XIV FESTUNA, que conta com a participação de grupos de vários pontos do país e da vizinha Espanha. Esta é uma iniciativa levada a cabo pela Estudantina Universitária de Coimbra, integrada na Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra, que, todos os anos, organiza este evento, reunindo várias tunas para um espectáculo sem exemplo, a ter lugar no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV).

O primeiro dia do festival conta com dois convívios em bares da cidade, após um jantar de recepção. O ponto alto do FESTUNA é no sábado, com o “Passe Calles”, uma espécie de desfile das tunas participantes, pelas ruas da cidade, que funciona como “convite” para o espectáculo às 21h30 no TAGV, com a actuação, na primeira parte, da Tuna Veteranos de la Coruña, da Tuna Universitária do Minho e da Tuna Académica de Lisboa. Na segunda parte, sobem ao palco a Tuna de Farmácia de Madrid, a Tuna Universitária do Porto, a Tuna Universitária de Aveiro e, para fechar, a tuna organizadora – a Estudantina Universitária de Coimbra.

Para além da diversão que o espectáculo proporciona, há um grande espírito de competição entre os vários grupos que disputam os três prémios para as cinco tunas a concurso. Depois do espectáculo, segue-se um habitual convívio na discoteca “Scotch”, na margem esquerda do rio Mondego. Para o último dia, está marcado para todos os tunos participantes um almoço de despedida.

À semelhança de anos anteriores, a Estudantina convidou cerca de dez tunas espanholas, mas as que vêm são aquelas que vieram nos anos anteriores. As razões pelas quais recusam o convite são essencialmente económicas. Segundo Carlos Figueiredo (“Mama”, como é chamado na Estudantina, onde todos os tunos têm uma alcunha), o ideal seria trazer à cidade tunas, por exemplo, da América Latina”, o que seria demasiado dispendioso, não só para a tuna organizadora que teria de assegurar alojamento, como também para a tuna convidada, que teria que acarretar com todas as despesas de deslocação.

O festival tem lugar todos os anos no mês de Novembro. Contudo, e excepcionalmente, no ano lectivo passado realizou-se em Março, de forma que coincidissem com a comemoração dos 20 anos da Estudantina. “Um dos pontos mais altos da Estudantina é actuar no seu próprio festival”, sublinha Carlos Figueiredo. Depois do rescaldo do festival, a Estudantina tem agendada a gravação do seu quarto álbum de originais. Dos cinco álbuns, dois são de concertos gravados em FESTUNAS – o cd “V FESTUNA”, gravado ao vivo no Jardim da Sereia e o “VII FESTUNA”, gravado no TAGV, em colaboração com o ilusionista Luís de Matos.

10 CIDADE

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha volta a encerrar

As obras de reabilitação do monumento vão dinamizar a margem esquerda

Em obras até 2007, o mosteiro não fecha as portas na totalidade, garante o Instituto Português do Arqueológico (IPPAR)

Ana Bela Ferreira
Diana do Mar

O projecto de reabilitação foi lançado e está aberto às empresas o concurso internacional de arquitectura, cujo prazo de entrega das candidaturas termina a 6 de Dezembro. No dia seguinte, vai decorrer a abertura de propostas. A abertura ao público está prevista para Abril do próximo ano, ainda que de forma condicionada, como tem ocorrido até aqui.

Fundado em 1286 por iniciativa de Dona Mor Dias, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha surge associado à figura da Rainha Santa Isabel, devido ao seu apoio em relação a esta obra. A localização do mosteiro na margem esquerda do Mondego marcou a sua história, visto que a subida cada vez mais acentuada das águas do rio piorou as condições de vida dos monásticos. Por isso, foi ordenada a construção de um novo espaço num sítio mais elevado e, deste modo, a saída das religiosas de Santa Clara-a-Velha provocou o seu esquecimento e conduziu-o à ruína.

Na tentativa de devolver ao monumento a sua integridade, o IPPAR desenvolveu algumas intervenções que se revelaram vãs. Uma nova intervenção aconteceu em 1995, no entanto, o mosteiro manteve-se aberto ao público, embora de um modo condici-

do. “Esta era uma intervenção de fundo para Coimbra sob o ponto de vista cultural e devia ser transparente e objectiva”, refere o coordenador do projecto, Artur Côte-Real.

As particularidades com que este programa de visitas contou devem-se ao estado de ruína do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e dos seus artefactos, bem como aos eventuais riscos para o público, visto que o local continuou a ser alvo de obras. O último período regular de abertura ao público decorreu entre 18 de Maio e 17 de Outubro de 2004, com o objectivo de dar a conhecer as estruturas arquitectónicas descobertas durante os anos de 1995 a 1998.

Em 2007, data avançada para o final das obras, o mosteiro terá disponíveis três núcleos de visita: “o da história, o das características da arquitectura e o da operação arqueológica”, explica a responsável pelo programa museológico, Lúcia Gambini.

O conteúdo da intervenção arqueológica conta com as diversas etapas de intervenção realizadas no monumento no século XX, em grande parte decorrentes da invasão pelas águas do Mondego.

A segunda matriz diz respeito à história do mosteiro desde a sua fundação até ao nascimento da devoção popular após a morte da Rainha Santa e da transladação do seu corpo para este monumento. Através da mostra de diversas tampas sepulcrais e do seu valor documental e iconográfico, dá-se a conhecer outro núcleo respeitante à história do monumento, a morte.

Outro conteúdo é o da área do projecto de conservação e restauro da ruína, bem como a edificação de um novo equipamento que alberga um núcleo museológico. Este último é



Durante o Inverno o interior do mosteiro está longe dos olhares do público

destinado à interpretação do local e exposição dos artefactos arqueológicos aí encontrados. Existe ainda “uma casa situada no antigo paço da rainha que à partida vai ser dedicada à figura da Rainha Santa”, acrescenta Lúcia Gambini.

Para além de todo o projecto de reabilitação do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Artur Côte-Real realça que este é um “projecto da cidade, transversal às outras estruturas envolventes”, que deve ser encarado em articulação com todas as acções culturais da cidade. Deste modo, o IPPAR e a Câmara Municipal de Coimbra, no âmbito do programa POLIS, tem de-

sempre envolvido acções que permitam gerir o espaço da margem esquerda do Mondego, numa perspectiva de transversalidade com outros locais.

O objectivo é que, em 2007, com o projecto concluído, as pessoas que visitam Santa Clara possam usufruir não só do espaço do mosteiro, bem como dos jardins do Parque Verde, da Quinta das Lágrimas e do Convento de S. Francisco, isto é, “que haja a possibilidade de criar mobilidades e acessibilidades para um projecto integrado da margem esquerda” conforme explica Artur Côte-Real.

O mosteiro pretende dar um sinal de contemporaneidade, integrando na

sua programação ideias inovadoras voltadas para a componente arqueológica e pedagógica, que o coloque para além da esfera do património.

A conclusão das obras vai permitir a constituição de um novo espaço cultural com uma sala pedagógica e um anfiteatro, bem como o próprio espaço da Igreja, que tem a intenção de ser um local de usufruto cultural onde se podem realizar concertos ou peças de teatro.

Vai iniciar-se ainda no próximo ano um projecto de requalificação ambiental no sentido de reconstruir a paisagem envolvente do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

Baixa de Coimbra vai ter cara nova

A Agência Para a Promoção da Baixa de Coimbra (APBC) foi criada em Fevereiro e já tem em vista vários projectos

Ricardo Martins

O objectivo é “converter a zona num centro comercial a céu aberto e que esta seja um pólo atractivo para todos, para lazer, comprar e viver”, segundo o presidente da APBC, Armindo Gaspar

Durante várias décadas, a Baixa de Coimbra foi um espaço privilegiado da cidade, funcionando como um pólo histórico, turístico, habitacional e principalmente comercial. Aí concentravam-se os principais pontos de decisão e gestão pública e privada, tais como sedes bancárias, igrejas de património histórico, o edifício da Câmara Municipal de Coimbra (CMC) e

um elevado conjunto de escritórios. É precisamente contra esta tendência e que a cidade pretende lutar.

Desta forma, foi criada a APBC, que integra a CMC, a Associação Comercial e Industrial de Coimbra, Associação do Comércio e da Indústria de Panificação, Caixa Geral de Depósitos e as Juntas de Freguesia de Santa Cruz e São Bartolomeu. Os órgãos sociais da agência são compostos por individualidades das várias entidades que a compõem.

Os comerciantes e o poder autárquico sentiram a necessidade de engendrar uma estratégia que viabilizasse uma recuperação da Baixa como centro vivo da cidade e um ponto apetecível de visita e de compras, não só para os moradores mas também para os turistas.

Para a revitalização da Baixa, a agência baseou-se no modelo da Compostela Monumental, ao procurar implementar em Coimbra as mesmas orientações da cidade galega. A solução passaria assim por uma remodelação do

centro histórico, impedindo o seu declínio. Em Outubro, o gerente do programa de Santiago de Compostela, Francisco Xavier Chico, esteve em Coimbra. O arquitecto procurou tomar contacto com a realidade específica da cidade, aferir as reais condições físicas e humanas para levar a cabo o projecto e apresentar as suas soluções para esta área.

A alternativa para o comércio da Baixa e Baixinha, numa área de cerca de 51 mil metros quadrados e mais de meio milhar de lojas, passa pela conversão da zona num centro comercial a céu aberto. Para tal, a ideia é adoptar uma política comercial única e uma imagem estandardizada, em que todas as lojas se mostrem perfeitamente identificadas como sendo parte desse mesmo centro. Uma estratégia profissionalizante de gestão unitária, que passa pela vinculação de todos os comerciantes e todos os intervenientes a essa lógica colectiva, em que a política de marketing e animação é conjunta.

Armindo Gaspar pede portanto a todos, co-

merciantes e cidadãos, que se unam e colaborem, de forma a que surja “uma nova Baixa, ponto não só de passagem mas também de paragem” na qual se “respira história e monumentalidade e sabe bem permanecer”, salientando que “tal só é possível se todos se esforçarem para que este projecto seja um sucesso”.

Para além dessa estandardização a nível da imagem, elaborou-se um estudo para que a Baixa esteja actualizada e acompanhe os movimentos do consumo. Este estudo pretende que se percebam hábitos de compra e se permita a uniformização da época de campanhas comerciais e a instalação de serviços de agrado do consumidor, como entregas ao domicílio, estacionamento grátis e um cartão de consumidor com promoções e um ajustamento do período de funcionamento das lojas, ajustado às novas realidades sociais. A APBC pretende assim, ao converter a Baixa num centro comercial a céu aberto, que esta seja um pólo atractivo para todos os habitantes de Coimbra.

NACIONAL 11

FRANCISCA MOREIRA

Portugueses vão ser consultados acerca do tratado constitucional europeu no primeiro semestre de 2005

Constituição não é consensual

Principais partidos concordam com referendo popular

A Constituição Europeia, recentemente assinada, será referendada em 2005, apesar das vozes discordantes das diversas forças parlamentares

André Ventura

Quase meio século depois do nascimento da União Europeia (UE), assinou-se, na passada sexta-feira, o Tratado da Constituição Europeia, que terá agora de ser ratificado por cada estado-membro, sendo referendado no nosso país no primeiro semestre do próximo ano.

PSD, PP e PS mostram-se a favor da Constituição considerando-a um passo importante para a Europa e uma oportunidade para consolidar o projecto político, económico e social que é a UE. Já o PCP e o BE tecem algumas críticas ao texto, acusando-o de ter sido produzido pelos países mais poderosos e de ser neo-liberal. No entanto, nenhum partido levantou objecções à realização do referendo.

O PSD, pela voz do deputado Miguel Coleta, considera o tratado um

“grande passo para a Europa no que diz respeito ao processo de construção e integração da UE”. Este documento visa essencialmente uma definição quer das competências a nível legislativo, quer das instituições, visto que tudo o que tem a ver com a organização da UE passa a ser definido por este documento.

Para o social-democrata, a Constituição Europeia “representa uma evolução em relação a tratados anteriores porque nele está muito mais do que um embrião de integração política e económica, pois este texto confirma a vontade de integração política dos estados que constituem a União Europeia”. Miguel Coleta acredita que o referendo é importante para os portugueses, que o processo de integração europeia foi algo que sempre foi decidido e que foi avançando um pouco longe de todos os portugueses. Toda esta situação faz com que a realidade europeia esteja ainda um pouco distante do nosso país, embora afecte o nosso dia-a-dia. O deputado conclui que este é o momento ideal para “dar um passo em frente com vista a uma aproximação dos portugueses à realidade europeia”, sendo o referendo um contributo para que tal aconteça.

O PP, através do deputado Pires de Lima, mostra-se a favor desta Constituição, mas ressalva que nela deve

ser respeitada “a soberania nacional e a alusão às origens da Europa”. Em relação ao referendo mostra-se igualmente agradado, e refere que é importante “a participação de todos nos assuntos relacionados com Europa”.

Ana Benavente, deputada socialista, afirma, em relação ao tratado que este é “bastante favorável” e entende que a preocupação de alguns constitucionalistas relativamente à perda de soberania nacional nos dias de globalização em que vivemos hoje não se coloca. Segundo a deputada, o país tem de se preocupar em “desenvolver novas políticas que levem a uma melhor qualificação social dos portugueses de modo a poder estar ao nível dos países da Europa onde se vive melhor”. Quanto ao referendo, a socialista considera importante a sua realização, de modo a proporcionar aos portugueses uma boa campanha de informação relativamente ao que se passa na Europa, já que faz parte da vida do país e de todos nós.

PCP e BE insurgem-se contra o tratado

Por parte do PCP, o deputado Jerónimo de Sousa defende que o texto da Constituição é “um produto discutido em circuito fechado” pelos países mais poderosos da UE longe

das instituições e longe dos povos da Europa, e claramente vincado pela força que as multinacionais tem no curso da própria UE. Para Jerónimo de Sousa a UE, hoje, tem como eixo central “o militarismo, o neo-liberalismo e o resultado deste rumo está claramente vigente no tratado da constituição”. O deputado afirma que deste modo os poderosos podem decidir as políticas do social e da economia, havendo ainda a questão gritante da perda da soberania nacional que este tratado comporta, em relação ao nosso país e à nossa Constituição.

Segundo Francisco Louçã, do BE, o seu partido é contra este tratado da Constituição Europeia, pois acredita que vem “acentuar a militarização e a política neo-liberal, incluindo a degradação dos serviços públicos, muito em particular a educação, e deste ponto de vista é uma péssima escolha para a Europa”. O dirigente do Bloco acredita que é urgente uma nova política que permita desenvolver estes mesmos serviços. No que diz respeito ao referendo, Francisco Louçã refere que o BE sempre insistiu na sua realização e que este é muito importante “pois representa a possibilidade de os portugueses contribuírem para que haja uma outra constituição que não esta”, já que, para o deputado, a actual tem de ser derrotada

Portugal quer diminuir consumo de “ouro negro”

Rúben Figueira

O clima de instabilidade que se tem verificado em torno do preço do barril de crude nos mercados mundiais levou a que o ministro das Actividades Económicas, Álvaro Barreto, elaborasse um plano a pedido do primeiro-ministro Santana Lopes, com o intuito de reduzir a dependência de Portugal em relação ao petróleo. A persistir este aumento contínuo dos preços, Portugal sairá prejudicado face a essa mesma alta de preços, visto que a dependência portuguesa em relação ao crude está fixada nos 64%. Recordem-se as duras críticas lançadas pela Agência Internacional de Energia a Portugal por este ser um dos países europeus com maior ineficiência energética.

Deste modo, Álvaro Barreto avança com medidas em quatro áreas chave da economia portuguesa, a ser tornadas públicas este mês: no sector energético, onde pretende estimular a produção da energia hídrica, hidráulica, solar, biogás e biomassa. No sector dos transportes, onde a tónica será posta na sensibilização dos cidadãos para utilizarem com mais frequência os transportes públicos urbanos. Já no sector industrial serão atribuídos benefícios fiscais às empresas que optarem pelas energias alternativas, sobretudo a biomassa e a energia solar térmica. Por fim, no sector dos serviços e do consumo doméstico, a ênfase será posta em encontrar soluções para a renovação dos equipamentos domésticos, de modo a torná-los mais eficazes.

Estas e outras medidas farão parte de um plano recheado de desafios que tem como grande meta diminuir até 2010 a dependência em relação ao “ouro negro” para 51%. Este plano recebeu de imediato o apoio de outros ministros (António Mexia, responsável pela pasta das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, José Luís Arnaut, da Cidade, Administração Local, Habitação e Desenvolvimento Regional, Luís Nobre Guedes, do Ambiente e Ordenamento do Território, Carlos Costa Alves, da Agricultura, Pescas e Florestas e Maria da Graça Carvalho, de Ciência e Ensino Superior) que lhe prestaram colaboração.

Quando questionado sobre a criação de medidas compensatórias devido à subida do preço dos combustíveis, nomeadamente nos sectores da agricultura e pescas, o ministro do Estado e da Presidência, Nuno Morais Sarmento, disse que “no âmbito da avaliação [do relatório] esta subida ainda não foi feita”. Quanto à eventualidade do Governo vir a interromper a liberalização do preço dos combustíveis como forma de colmatar a subida do preço do petróleo, medida defendida pela DECO, Morais Sarmento afirmou que o tema não foi debatido neste Conselho de Ministros, “tratou-se de analisar a dependência de Portugal face ao petróleo”.



A vida lá em cima

Na serra da Lousã existe uma aldeia com sentimentos de comunidade alternativa dos anos setenta. No alto das serranias, Catarredor procura na tranquilidade da natureza que a rodeia, paz e afirmação para o seu estilo de vida

Texto
José Manuel Camacho
Rita Delille
Cláudio Vaz

Fotografia
Cláudio Vaz

O taxista não nos quis levar até lá. “Os acessos são muito maus, não me agrada nada meter lá o carro”, explicou. Relativamente aos que lá vivem disse não ter motivos de queixa: “Cada pessoa tem a sua forma de viver. A mim pagaram-me sempre o que deviam”. Esta conversa foi tida enquanto subíamos a serra, já noite escura. Uma estrada serpenteante que deixava para trás as luzes da civilização.

O sr. Simões deixou-nos onde acabava o asfalto, com algumas instruções e seguimos a pé por um caminho de terra batida. A meio do caminho parou um carro solitário que nos deu boleia até à aldeia. “Gosto de vir cá porque tem um bom astral”, explicou-nos o condutor, um visitante habitual. Chegámos ao Ca-

tarredor. Fomos conduzidos pelas ruas escuras da aldeia até ao “Hotel do Índio”, onde nos receberam com música “techno” e a naturalidade de quem está habituado a ter visitantes que chegam a qualquer hora. Seguindo um ritual da casa, deixámos os sapatos à entrada.

A casa tem duas divisões, uma em cima e outra em baixo. Em baixo fica a sala/cozinha. Nas paredes, vários panos com múltiplos temas: o símbolo do equilíbrio da natureza, o ying e o yang; um sol personificado, enorme e grandioso que parece estender os seus raios por todo o espaço; um casal de jovens indianos em pose de namoro, sentados lado a lado. Velas, almofadas no chão, um fogão e um armário para a comida. Em lugar de destaque, o livro de honra onde cada viajante deixa uma espécie de testemunho ou diário de visita. No andar de cima, dois colchões sobre o estrado de madeira servem de dormitório para quem chega.

A conversa flui e em poucos minutos, Ana, gerente do “hotel”, mostra a sua receptividade ao calcular o nosso signo segundo o horóscopo maia. Na verdade, o “Hotel do Índio” não é um hotel. É uma casa serrana onde

os visitantes podem pernoitar e comer em troca da módica quantia de dois euros e meio. O dinheiro serve para ajudar na reconstrução deste projecto que pretende ser o primeiro de muitos.

Toda a aldeia do Catarredor está aos poucos a ser reavivada por pessoas que querem viver um estilo de vida assente numa lógica de auto-subsistência. Cultivar os próprios alimentos, aproveitar os recursos naturais e estar em paz através do contacto com a natureza. Esta vontade ainda não é uma realidade. Nas palavras de Ana: “Queremos pessoas

já que a comida é quase toda comprada na cidade. A construção de uma estufa para a plantação de vegetais é um dos planos de Ana que considera, no entanto, que este deveria ser “um projecto da comunidade”. Ainda não existe uma consciencialização colectiva porque cada um tem uma ideia própria e diferente sobre o assunto.

Quem lá vive

A comunidade engloba pessoas de várias proveniências, experiências e idades. Os habitantes naturais já não existem: a população actual da aldeia vem de fora.

Dos cerca de 20 habitantes que fazem o seu dia-a-dia na aldeia, muitos são estrangeiros, principalmente alemães. Vieram para o Catarredor há já muito tempo e ali tiveram os filhos. A presença de crianças deve-se a eles. As

que têm idade vão à escola na vila da Lousã, as mais pequenas ficam com a mãe. Expressam-se fluentemente em português e em casa falam predominantemente alemão com os

pais. Já estes, apesar dos vários anos passados em Portugal, continuam com um sotaque cerrado e a carregar nos “erres”.

Este sotaque ouve-se também nas salas do único bar da aldeia, o “Fantasia”. O sítio, construído pela família Gutbub, é, como todas as outras casas, feito de pedra. No interior as cores são mais que muitas, cada detalhe é pensado e espelha o estilo de vida dos seus habitantes. Vários quadros dos mais variados pensamentos esotéricos e de tendências musicais preenchem as paredes de um sítio multicultural que parece espelhar o pensamento e o estilo de vida dos habitantes daquele lugar. O sítio funciona como espaço de socialização dos locais e de paragem obrigatória para quem visita a aldeia. O horário é flexível: as luzes só se apagam quando todos já foram embora.

Depois da noite, a luz do dia entra pela pequena janela de madeira do segundo andar do “Hotel do Índio”, e a aldeia pouco a pouco desperta. O fumo das chaminés ofusca a visão das árvores já cobertas por uma fraca neblina. Os cheiros também denunciam a vivência do sítio; o pão a cozer e o aroma da vegetação acompanha-nos pelas estreitas ruas de pedra que nos conduzem sempre a algum lugar e a uma nova imagem. Na eira crianças jogam à bola. “Olá! Sabes jogar?”, a pergunta serve como convite e quebra o gelo do primeiro contacto com alguns dos pequenos habitantes de Catarredor. “Queres apanhar castanhas? Não é longe daqui!”. Sem perceber, fomos levados aos arredores da aldeia na companhia dos novos amigos que nos quiseram mostrar o seu mundo como se



que venham para cá com vontade de trabalhar e construir alguma coisa dentro do espírito da aldeia”. Neste momento ainda não se pode falar propriamente de auto-subsistência

já soubessem que qualquer visitante gostaria de o descobrir. Um entusiasmo digno de uma criança que cresce acostumada à segurança do campo.

Irmãos, irmãs, mães e avó. Em pouco tempo toda a família é apresentada. Alguns rostos já são conhecidos, pois a aldeia não é grande e todas as ruas se encontram. “Gostas de viver aqui?”, a pergunta pode parecer óbvia, mas a resposta não vem tão rápida. “Gosto... mas não há muitas crianças para jogar futebol”. O isolamento e o silêncio que se vivem na serra são evidentes. De manhã à noite a música está um pouco por toda a aldeia para preencher um silêncio que pode traduzir-se em solidão.

Uma aldeia onde os dias não têm horas

O tempo não tem uma presença física no Catarredor. Ninguém anda de relógio no pulso nem dentro de casa se ouve o tique-taque dos ponteiros. As horas são passadas ao sabor da vontade da cada habitante e dos afazeres do dia-a-dia. Da mesma forma, quase todos os valores institucionalizados na sociedade ocidental são, nesta aldeia, subvalorizados. O dinheiro não parece ter muita importância, pelo menos para alguns. Ana afirma que “se me vim embora é porque sou, de alguma forma, contra o sistema. O dinheiro não tem para mim qualquer importância”. É o trabalho que funciona como valor primordial. No meio da tranquilidade da serra ouve-se o ba-



ruído das ferramentas usadas no trabalho de restauração das casas misturado com música de “trance psíquico”.

“Quando me levanto tenho sempre qualquer coisa para fazer. A única diferença é que eu escolho os meus próprios horários”, conta um dos habitantes que chegou há pouco tempo à aldeia mas já elegeu este sítio como “o lugar onde encontrei a minha paz e posso ser eu próprio sem as máscaras que se usam lá em baixo”. Lá em baixo é um termo co-

mummente usado pelos habitantes para se referirem ao sítio que deixaram para trás: a cidade, a sociedade tradicional. “Vim à aldeia de passagem e quando voltei para baixo não conseguia deixar de pensar neste sítio. Então voltei para ficar”, recorda Ana com um sorriso no rosto.

À procura do artesanato local, e também de tabaco (que só ali se vende), batemos à porta de um artesão estrangeiro que para ali veio há três meses. No alpendre duas caveiras de animais fazem-nos companhia enquanto a porta não se abre. Entrámos na já habitual casa onde a cozinha e a sala ocupam o mesmo espaço. O espaço parece pequeno para tanta coisa, brincos de penas, colares trabalhados, miniaturas de casas serranas tentam organizar-se entre livros e ferramentas de trabalho. A pergunta surge, inevitável, “onde vivia antes de vir para cá?”. A resposta veio para afastar o tema: “Não me

lembro”.

Ao fim da tarde deixámos o “Hotel do Índio” e também a aldeia. Ana estende-nos um pote com vários papéis enrolados. Cada um contém um pensamento. Num deles lê-se “Pilar de luz. Tira a tua força do céu e da terra”. Ana diz: “Podem levá-los ou podem deixar cá e dar a alegria a outra pessoa de o ler”. Deixámo-los ficar porque afinal já tinham cumprido a sua missão: deixar em nós uma última palavra sobre o espírito do Catarredor.

A Serra da Lousã

Segundo a lenda, a serra da Lousã começou a ser povoada em tempos de ocupação muçulmana quando um rei chamado Arunce precisou viajar à África para buscar reforços contra os cristãos que vinham do norte. Antes de partir, O rei mouro ordenou que se construísse um castelo a meio da região serrana para garantir a segurança de sua filha, a princesa Peralta. Ao redor do castelo formou-se a vila de Arouce que mais tarde, viria a chamar-se Lousã, que, como alguns dizem, tem a sua origem na lousa, mineral abundante na região.

Montanhas xistosas, carvalhais, azevinhos e loureiros, por onde quer que se vá, esta será a paisagem a encontrar nos caminhos que levam e trazem os que a serra visitam. A fauna também é variada na região, porém os seus elementos estão a desaparecer. Apesar disso, ainda há quem sinta medo de andar às escuras pelos trilhos da serra. Os mais velhos advertem para a possibilidade de encontrar animais nativos à solta pela floresta, mas infelizmente a probabilidade de se encontrar javalis, lobos ou veados é bem pequena, pois a ameaça da extinção também já chegou ao cimo da serra. A culinária local encontrou na culinária alemã uma importante aliada para uma certa diversidade de sabores. A diversidade vai dos caseiros pães de trigo integral, compotas de maçã com canela às castanhas e ao mel, ainda em favos, que é de salivar na boca uma pureza que dificilmente encontraríamos nos supermercados.

Caminhos pedestres e estradas de alcatrão serpenteiam-se nas montanhas serranas entre rios e estradas florestais. Um passeio agradável se contarmos com uma boa e natural disposição para andar e procurar esquecer, nem que seja por alguns minutos, certas vicissitudes da cidade grande.

Mapas e folhetos turísticos podem ser encontrados no posto municipal de turismo em Lousã, mas uma boa conversa com os habitantes da região resolve qualquer dúvida ou mata qualquer curiosidade. Afinal, a serra não é só natureza e aventura - também abriga comunidades de culturas e valores estranhos aos que lá não vivem.



14 INTERNACIONAL

UE pede fim do plano nuclear do Irão

Prazo dado pela União Europeia (UE) a Teerão para rever programa termina este mês

Apesar da existência de duas forças divergentes, os analistas acreditam que o Irão irá aceitar a alternativa europeia

Ana Bela Ferreira
Diana do Mar

No passado dia 21 de Outubro, França, Reino Unido e Alemanha reuniram-se na capital austríaca com o objectivo de propor a Teerão a suspensão do seu plano de enriquecimento do urânio que visa a obtenção de armas nucleares. Para tal, concederam ao governo iraniano um prazo para cumprir as exigências, que se prolonga até meados de Novembro.

Um dos mais importantes desenvolvimentos no que diz respeito a esta questão teve lugar em Outubro do ano transacto, no qual a "troika" da UE propôs ao Irão que colocasse à disposição da Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA) o seu arsenal de natureza nuclear, em troca de benefícios económicos por parte da UE.

Numa primeira fase, o Irão disponibilizou-se para mostrar o seu plano de produção nuclear, mas depressa a agência descobriu que o regime dos "mullahs" estava na posse de centrífugas de tipo II, que permitem o enriquecimento do urânio através do laser podendo servir para a produção de armas de destruição maciça (ADM). Deste modo, o Irão foi apanhado em falta e aceitou a proposta europeia de suspensão de qualquer trabalho de investigação até à realização de um acordo. Estes desenvolvimentos desenharam a nível diplomático duas posições: uma defendida pelos EUA e por Israel e outra defendida pelas potências ocidentais europeias.

Por um lado, os primeiros defendem que não se justificam mais negociações dado o tipo de atitudes que o Irão tem tomado em relação à AIEA. Por outro, a UE, que a todo o custo tenta negociar com o Irão, para que este abandone todas as pretensões de produção de armas atómicas.

Segundo Rogério Leitão, docente da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, "têm-se registado algumas alterações, no que diz respeito à resposta iraniana relativamente à proposta europeia". O Irão quer pôr fim à suspensão da produção de combustível atómico, visto que se recusa a ficar dependente da Rússia, com quem tem um acordo a esse respeito.

De forma a solucionar este problema, os três países europeus ofereceram ao Irão a possibilidade de adquirir tecnologia nuclear, incluindo um reactor nuclear de "água ligeira" que permite o enriquecimento do urânio apenas para fins nucleares civis. No que toca a esta proposta, Rogério Leitão explica que "é respeitável a posição da UE visto que se preocupa com a questão da autonomia do país, de modo a que as duas partes fiquem satisfeitas". De qualquer maneira, "esta proposta não deixa de se constituir como um ultimato", segundo a perspectiva do docente, visto que se o Irão não aceitar esta última oportunidade, o trio europeu abandona as negociações e a questão vai, em última instância, a Conselho de Segurança da ONU.

A UE "tem uma estratégia muito bem planeada e uma posição bastante firme", refere Rogério Leitão e, por isso, com o objectivo de não agudizar ainda mais os problemas no Médio Oriente, tentou a negociação por uma via própria que "ilustra a 'praxis' da diplomacia europeia", bem como, "a prova da consciência da gravidade da situação" explica o



Irão tem até meados de Novembro para tomar uma decisão

docente.

No entanto, o panorama mundial pode sofrer graves complicações no caso de uma recusa iraniana. Assim, tal acontecimento "conduzirá a sanções graves, nomeadamente a nível económico e político", afirma Rogério Leitão. "O Irão constituir-se-á um país do eixo do mal da administração americana quer esta seja presidida por Bush ou por Kerry", completa.

No que diz respeito às consequências da recusa dos iranianos, é preciso ter em conta que dois dos países da "troika" (França e Inglaterra) são membros do Conselho de Segurança da ONU e, tal como prometeram no encontro de Viena, vão defender sanções pesadas para ao Irão.

Em análise a esta situação, Rogério Leitão acredita que "o Irão vai acabar por aceitar o acordo, o que constituirá uma grande vitória para a

UE".

Uma resposta iraniana positiva à proposta europeia constituiria um marco importante na luta contra a proliferação das ADM que foi secundarizada com a invasão do Iraque. Deste modo, processa-se o "início de uma verdadeira política internacional de não proliferação das ADMs, visto que uma oportunidade já havia sido desperdiçada", conclui Rogério Leitão.

Comissão Europeia num impasse

Barroso vê-se obrigado a reformular a sua Comissão, perante chuva de críticas

Rui Simões

A Comissão Europeia (CE) viveu, na última semana, dias bastante complicados, com a liderança do antigo primeiro-ministro português Durão Barroso a ser posta em causa, ao mesmo tempo que este se via obrigado a adiar a apresentação dos membros da CE para data incerta. Esta medida tornou-se necessária devido à forte contestação de que foi alvo o italiano Rocco Buttiglione, convidado para o pelouro da Justiça, Liberdade e Segurança, mas criticado pelo seu ultra-conservadorismo.

Buttiglione, é criticado pelas suas convicções decalcadas das teses mais conservadoras da Igreja Católica sobre a homossexualidade

e o casamento, que são consideradas pelos grupos mais à esquerda do Parlamento Europeu (PE) como incompatíveis com o seu pelouro. Embora se tenha posto a hipótese de Buttiglione abandonar a CE pelos seus próprios pés, ou do primeiro-ministro italiano Silvio Berlusconi o forçar a fazê-lo, este acabou por rejeitar tal possibilidade.

Barroso, que afirmava inicialmente ser "preciso guardar o sentido das proporções e do equilíbrio", questionando a razoabilidade de "fazer cair uma Comissão porque dois ou três comissários não dão satisfação", acabou mesmo por ceder parcialmente e, com o apoio do grupo político conservador e democrata-cristão (PPE), solicitou o adiamento da votação da CE, para rever a sua composição, levando em conta as críticas e as objecções dos eurodeputados e evitando, assim, um chumbo quase certo no PE.

A decisão de Durão Barroso foi aceite pela esmagadora maioria dos 732 eurodeputados,

da direita e da esquerda, como a melhor solução para a crise que se anunciava. A decisão permitirá ao seu presidente um compasso de espera, de duração indeterminada, para assim discutir com os líderes da União Europeia uma nova proposta susceptível de ser aceite pelo PE. A sua Comissão não poderá assim entrar em funções a 1 de Novembro, tal como estava previsto, o que obriga a equipa cessante de Romano Prodi a assegurar a gestão corrente dos assuntos comunitários. A retirada da proposta não afecta juridicamente Barroso que, como foi objecto de uma eleição separada no passado mês de Julho, dispõe de uma legitimidade própria que o mantém como presidente da Comissão.

Agora Barroso terá de formar um nova equipa de vinte e quatro comissários, reiniciando conversações com os diversos governos, e obrigando mesmo alguns a mudar o comissário proposto, ou, no mínimo, substituindo o seu pelouro. No entanto, esta

tarefa não se afigura fácil, pois muitos governos resistirão a qualquer "desvalorização" do "seu" comissário.

Além de Buttiglione, outros comissários que se encontram em causa são a holandesa Neelie Kroes, o húngaro Lászlo Kovács, a leita Ingrida Udre, a dinamarquesa Mariann Fischer-Boel e o grego Stavros Dimas, que foram igualmente alvos de críticas, ainda que não tão fortes, dos parlamentares europeus.

Só mediante estas alterações será possível a Durão Barroso garantir uma equipa capaz de recolher um apoio bem mais largo que apenas os grupos da direita do PE, e assim partir para uma liderança minimamente estável. Ainda relativamente a esta situação melindrosa é de referir o facto surpreendente dos eurodeputados não se terem comportado segundo uma lógica nacional mas segundo uma lógica de grupo político, assim como o facto desta ter sido uma excelente oportunidade deste novo Parlamento, agora a 25, afirmar o seu poder.

Vento influencia construção em altura

Departamento de Engenharia Mecânica investiga efeitos do vento num dos mais altos edifícios de Angola

A área da engenharia do vento tem, cada vez mais, uma palavra a dizer no capítulo da segurança em grandes construções e na gestão dos espaços públicos

Rui Pestana

O Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade de Coimbra (DEMUC) participa no projecto de construção do Edifício GES em Luanda para tentar descobrir qual será a carga do vento sobre esta estrutura com cerca de 100 metros de altura. Estes estudos sobre a engenharia do vento tentam ainda perceber que campos de vento vai o edifício criar na zona circundante e qual o conforto dos utentes nas varandas e na parte superior do edifício.

O estudo vai ser realizado através de uma simulação em túnel de vento utilizando uma maquete à escala de um para 100 e, numa fase um pouco mais avançada, a modelação vai também ser feita por computador.

Para Almerindo Ferreira, do DEMUC, é igualmente importante “estudar a carga estática que o vento exerce directamente sobre o edifício bem como as vibrações que se libertam com o impacto do vento na estrutura”. Se estas vibrações estiverem próximas da frequência de ressonância do edifício, a vibração do ciclo anterior adiciona-se à vibração do ciclo seguinte podendo levar ao desabamento. “É como agitarmos duas pontas de uma mesma corda: porque uma onda pode somar a sua força com outra e provocar a destruição” explica o docente.

Neste jogo de forças, a face do edi-

fício “escondida” para o vento é outra das preocupações de Almerindo Ferreira, pois irá transformar-se numa zona de baixas pressões que vai puxar a estrutura. Esta zona de baixas pressões vai também criar um efeito de recirculação do vento (à semelhança dos remoinhos das folhas das árvores) e “portanto não convém que saídas de exaustão ou de renovação de ar sejam lançadas para esta zona” alerta o investigador.

Neste momento, o edifício, propriedade do Grupo Espírito Santo e desenhado pelo Atelier do Chiado, está ainda na fase de projecto, sendo que os resultados disponibilizados pelo DEMUC servirão para dimensionar a estrutura para que possa suportar as cargas de vento.

Outros projectos

A investigação na área da engenharia do vento engloba áreas como a climatização em estruturas, campos de vento atmosférico, dispersão de poluentes, conforto de transeuntes e a produção de energia eólica.

No DEMUC estudou-se ainda a distribuição e comportamento do vento na área internacional sul da Expo98 através de uma simulação em computador e em maquete. Almerindo Ferreira destaca que neste projecto o intuito foi “analisar os pontos da Expo

em que o vento causava mais desconforto às pessoas e, se houvesse situações críticas, propor algumas alterações”.

Outro dos estudos levado a cabo em Coimbra foi o de transporte de carvão em vagões abertos entre Sines e o Pego num trajecto de aproximadamente 350 quilómetros. O objectivo era “ver o que se perdia e qual o impacto que iria ter nas povoações atravessadas pelo vagão” lembra Almerindo Ferreira. Neste caso, o DEMUC foi contactado por uma empresa que cobria os seus vagões com uma lona e queria substituir este sistema por umas semi-tampas. Contrariando estimativas teóricas, concluiu-se, através de experiências feitas em túnel de vento e de medições no vagão em andamento, que o sistema de semi-tampas compensava significativamente em relação a ter o vagão totalmente aberto.

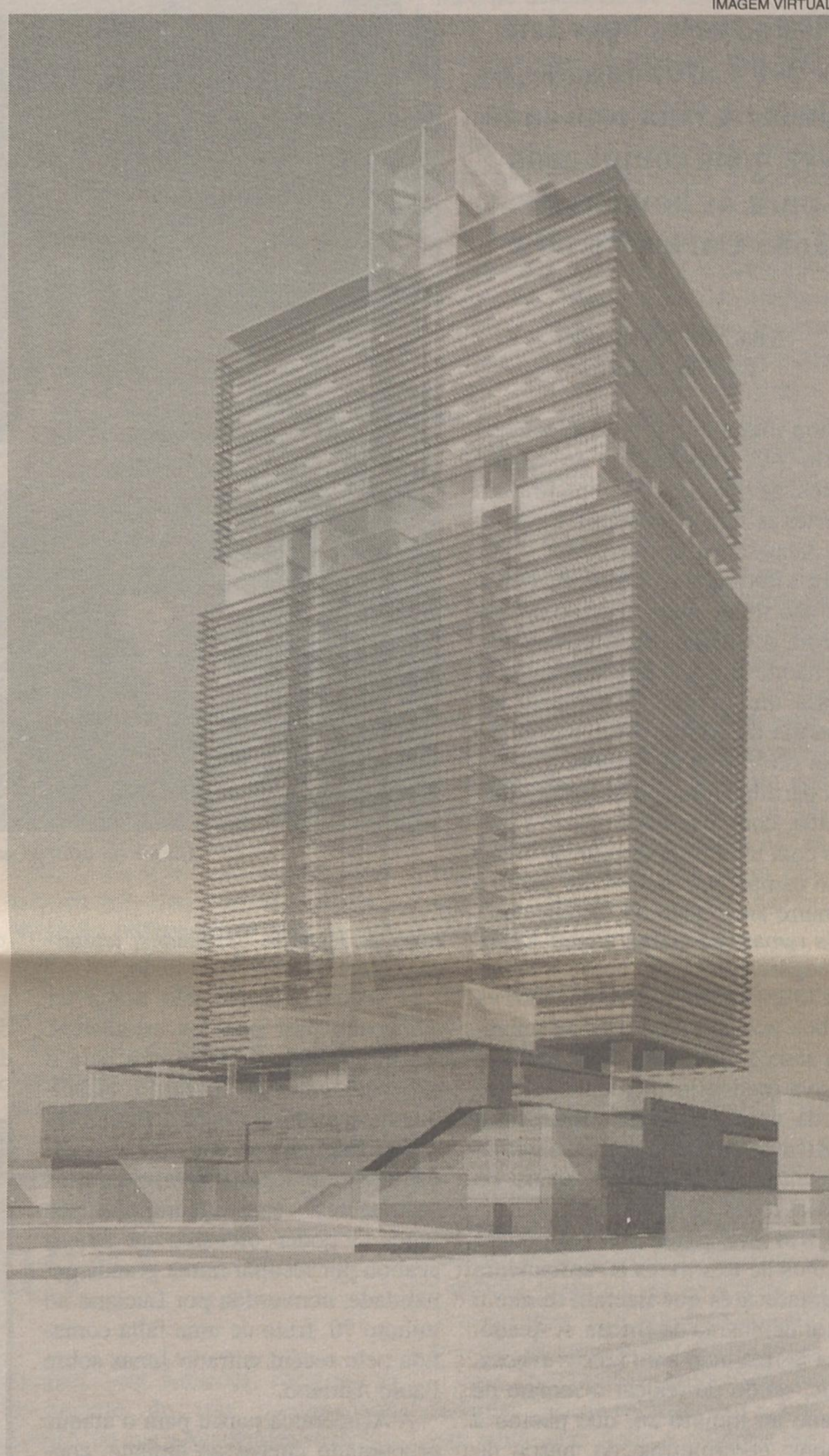
Em conjunto com a Universidade New Brunswick do Canadá, está também em desenvolvimento um modelo por computador que permita simular o escoamento e a deformação do material exposto ao vento nos vagões. Sobre este projecto, ainda em desenvolvimento, Almerindo Ferreira refere que o intuito é “descobrir qual o ponto em que as partículas começam a mover-se e onde é que elas vão ser depositadas”.

Baixa coberta?

O DEMUC propôs um estudo à Câmara Municipal de Coimbra no sentido de conhecer o que acontecerá caso as ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz venham a ser cobertas.

À espera da autorização do edil, Almerindo Ferreira pretende instalar “três ou quatro anemómetros [instrumentos de medição de vento] naquelas ruas para conhecer o campo de vento e a circulação atmosférica”.

Para onde devem ser desviados os gases dos cafés e o conforto dos transeuntes são algumas das preocupações do especialista. “Da mesma forma que nas nossas casas fechamos as janelas, de vez em quando também as abrimos para ventilação” explica.



UC participa no projecto de construção de um edifício com cerca de 30 andares

Curvas e superfícies aproximam universidades

Investigação matemática no ramo da geometria diferencial juntou Universidade de Coimbra e Universidade de Paris num intercâmbio de conhecimentos

**Marisa Ferreira
Carla Santos**

O Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra levou a cabo, em conjunto com a Universidade de Paris, um projecto de investigação com o objectivo de desenvolver o estudo das aplicações da geometria diferencial à Física, incluindo como componente de formação a preparação de uma tese de doutoramento.

O projecto foi elaborado em torno da tese de doutoramento elaborada por Raquel Casei-

ro e insere-se numa “longa tradição de colaboração entre a Universidade de Coimbra (UC) e a Universidade de Paris VI”, explicou a coordenadora do projecto em Portugal, Joana Costa. A docente de matemática esclarece ainda que por geometria diferencial entende-se o estudo das curvas e das superfícies. Esta pode debruçar-se mais particularmente sobre uma pequena porção de uma curva ou superfície tentando analisar com rigor o seu comportamento.

Esta ramificação da matemática é relativamente recente: nasceu no século XVIII. A geometria diferencial foi inicialmente aplicada à cartografia e posteriormente teve grande utilidade na astronomia e nas engenharias. Os métodos usados no estudo deste ramo da matemática são sobretudo de análise.

Joana Costa refere que “a matemática é uma ciência que vai à frente das outras, ou seja, muitas vezes desenvolvem-se teorias matemáticas que os próprios criadores não sabem ‘a priori’ qual a sua utilidade prática, mas que posteriormente vêm a ter grandes aplica-

ções”.

A investigação sobre geometria diferencial exigiu um nível muito avançado de conhecimentos porque contemplou uma tese de doutoramento e foi desenvolvida na fronteira da matemática com a física. Segundo a investigadora Joana Costa “torna-se difícil perceber onde começa a física e onde acaba a matemática”.

O projecto realizou-se ao abrigo de um acordo de cooperação entre o Gabinete de Relações Internacionais da Ciência e do Ensino Superior e a embaixada de França em Portugal. No decorrer do projecto, cada parte assegurou as suas deslocações, sendo o alojamento pago mutuamente pelos dois países. Com este método foi possível partilhar as despesas, garantindo à candidata portuguesa presente na equipa de investigadores a oportunidade de efectuar vários estágios em Paris, durante a elaboração do projecto.

Este intercâmbio de conhecimentos possibilita um maior desenvolvimento das áreas de investigação científica. Joana Costa acaba

mesmo por frisar que “nos trabalhos de investigação é muito importante a colaboração com outros colegas da mesma área de trabalho tanto de universidades portuguesas como de universidades estrangeiras”.

Quando questionada sobre a criação de novos projectos na mesma área, a docente revela que foi iniciada no mês de Junho uma candidatura nacional aberta a todas as áreas científicas, onde se contempla também a matemática. Para esta iniciativa candidatou-se uma equipa de investigação do Departamento de Matemática, em que se pretende o desenvolvimento da geometria diferencial e das suas aplicações, esperando-se ainda uma resposta.

A matemática é divulgada através da organização de sessões no departamento, onde estudantes exteriores à UC tomam contacto com a matemática. Joana Costa sublinha a importância de eventos como as Olimpíadas da Matemática, pois “envolvem muitos estudantes por todo o país e isso funciona também como um meio de divulgação”.

16 DESPORTO

Ainda não foi desta

Académica ainda não conseguiu somar pontos fora de casa

“Estudantes” perdem por 3-1 e afundam-se na tabela. A vida está cada vez mais complicada para os homens de João Carlos Pereira

Ana Maria Oliveira
Carina Valério

Num jogo em que a Académica e o Rio Ave precisavam de ganhar pontos, as duas equipas procuravam reverter as suas estatísticas. Enquanto a Académica tentava obter a primeira vitória fora de portas, o Rio Ave não tinha ainda vencido no seu terreno, o Estádio dos Arcos. A partida não teve início sem que antes se fizesse um minuto de silêncio em memória de Jacinto João, antigo jogador do Vitória de Setúbal.

A partida começou bastante equilibrada, com ataques de parte a parte, e com uma forte disputa de bola a meio campo. Ao minuto dez surge o primeiro susto para os “estudantes”. Após remate de Gama, Pedro Roma não segura a bola que quase sobrava para José Gomes, que se encontrava em boa posição para marcar, valendo a atenção de Tixier. A Académica atacava predominantemente pela esquerda apostando nos cruzamentos de Ricardo Fernandes que, invariavelmente, acabavam nas mãos do guarda-redes Mora.

O Rio Ave beneficiou em poucos minutos de três livres no enfiamento da grande área que fizeram tremer o sector defensivo da Briosca. A Académica ia reagindo com lances esporádicos, sendo de realçar o remate de Joeano ao minuto 26, que passou a poucos centímetros da barra do guarda-mão do Rio Ave, Mora.

Quase no final da primeira parte, após um cruzamento a servir Gama, Pedro Roma sai mal à bola, deixando a baliza aberta para o avançado da equipa da casa marcar o primeiro gol da partida. Houve ainda tempo, na primeira parte, para um remate



Apesar do esforço, a Académica tomba no Estádio dos Arcos frente ao Rio Ave

forte de Ricardo Fernandes, tentando responder ao gol sofrido.

O segundo tempo não podia ter começado pior para os estudantes. Ao minuto 48, Gama centra para o cabeceamento de Ricardo Nascimento, que desvia para o fundo das redes. Enquanto o Rio Ave se concentrava em segurar o resultado, os “estudantes” tentavam impor o seu jogo. O poder ofensivo da Briosca acabou por resultar numa grande penalidade, convertida por Luciano ao minuto 70, fruto de uma falta cometida pelo recém entrado Junas sobre Paulo Adriano.

A Académica partiu para o ataque procurando chegar ao empate, contudo revelava algum nervosismo que acabou por prejudicar a eficácia ofensiva.

Os últimos momentos do jogo ficaram marcados por desentendimentos entre as duas equipas, que levaram à expulsão do treinador Carlos Brito e à amostragem do cartão ama-

relo a Pedro Roma.

Já nos descontos o Rio Ave chegou ao terceiro gol, beneficiando de uma descompensação defensiva da Briosca que acabou por deixar Paulo César isolado que, a passe de

Niquinha, bateu o guarda-redes dos estudantes com facilidade. O Rio Ave “matou” assim o jogo conseguindo um resultado demasiado expressivo tendo em conta o desenrolar do encontro.

Nas cabines...



Carlos Brito,
treinador do
Rio Ave

“Se calhar a diferença de golos não se justificava, mas a vitória é justa”.

“Em certos períodos do jogo a Académica dominou, mais por consentimento do Rio Ave do que por mérito próprio”.

“Finalmente conseguimos ganhar em casa e continuamos a lutar pelos pontos que garantam a manutenção”



João Carlos
Pereira, treina-
dor da Académica

“Foi um jogo bastante equilibrado, no qual a equipa que cometeu erros mais graves saiu penalizada”.

“Criámos algumas oportunidades, mas no futebol quem não marca sofre, então aceito o resultado”.

“Quanto às cenas de indisciplina no final do jogo preferia que não tivessem acontecido.”

Orabolos!

António Gil Leão

Opinião

Sobre o futebol

“O futebol quebra barreiras sociais, culturais, e outras”

Vi há dias na televisão uma notícia sobre uma pesquisa europeia que avaliava o comportamento dos cidadãos nas estradas. Foram feitos vários inquéritos pretendendo obter as opiniões das pessoas sobre o seu próprio comportamento nas estradas e sobre o comportamento dos outros.

Claro que o resultado em Portugal foi o esperado: mais de dois terços consideram-se bons condutores, enquanto quase todos acham que os “outros” são perigosos, irresponsáveis, etc. Não deixa de ser curioso que assim seja, embora apenas prove que o adágio popular segundo o qual “ninguém é bom juiz em causa própria” é verdadeiro.

Com o futebol existe algo de parecido.

Quase todos os adeptos de futebol consideram que os treinadores não percebem nada do assunto, o vizinho do lado “tem a mania que sabe” mas “é só mania” e a malta do café ou do emprego é toda “uma cambada de ceguetas”...

Mas como isto é geral, isto é, todos pensam isto de todos, a discussão gera-se a toda a hora e sobre qualquer aspecto relacionado com o desporto rei.

Já se disse, e é verdade, que o futebol quebra barreiras sociais, culturais, e outras que possam eventualmente existir - menos as económicas, claro está...

De facto, nas discussões sobre futebol não há padrões nem empregados, licenciados ou analfabetos, pessoas cultas ou incultas. Há pessoas. Discutem de igual para igual, sem complexos de qualquer espécie, porque cada um dos interlocutores está convencido que domina o tema melhor do que qualquer outro.

Este é sem dúvida um dos aspectos mais importantes do futebol: a sua profunda característica inter-classista, não elitista, igualitária.

E isto não compreendem (lá está!) alguns, que depreciam o valor do futebol, que o minimizam, o ridicularizam, com conceitos pré-definidos básicos, do género: “são vinte e dois tipos atrás duma bola”.

Porque é que o futebol chega a tantas e tão variadas pessoas?

Esta é a pergunta a que não respondem.

O futebol é arte popular que ainda não chegou à “vernissage”.

Genuíno, autêntico, belo. Assim é o futebol, assim são as discussões entre adeptos.

E depois, é claro, há os dirigentes...

Regata das Latas realiza-se sábado

A prova, integrada no calendário regional, pode ser adiada para domingo devido às condições climatéricas

João Campos

O rio Mondego recebe no próximo sábado a Regata da Festa das Latas, uma prova inserida no programa da festa académica. Esta é uma regata de nível regional, que integra o calendário da associação da Beira Litoral, e na qual está prevista a par-

ticipação de cerca de 150 atletas e oito clubes vindos das regiões de Coimbra, Aveiro, Figueira da Foz, Mira, Cacia e Montemor-o-Velho.

A regata é constituída por duas partes. A primeira é o torneio de escolas, uma prova com um regulamento próprio e em que participam atletas que iniciaram este ano a actividade. A segunda parte é a da Festa das Latas, envolvendo provas de outra competitividade e atletas de maior experiência.

O percurso da regata situa-se entre a ponte Rainha Santa Isabel e a ponte de Santa Clara, num máximo de 1500 metros. Segundo o treina-

dor da secção de Desportos Náuticos da Associação Académica de Coimbra (AAC), Rascão Marques, “há provas de 500, 1000 e 1500 metros, divididas por escalões em infantis, iniciados e juvenis”.

Rascão Marques adiantou ainda que a data da realização da prova não é definitiva, havendo a possibilidade desta só ter lugar no domingo. “Se continuar a chover muito, o rio pode ter um caudal que seja inconsistente em termos de velocidade, e se não houver um abaixamento pode impedir a realização das provas”, sustenta o técnico, afirmando estar preocupado com as condições cli-

máticas previstas até ao final da semana.

Para além da Regata da Festa das Latas, a secção de Desportos Náuticos da AAC tem já calendarizadas duas provas: a primeira realiza-se no dia 14, no Porto. Trata-se de uma regata que envolve também clubes de outras regiões do país para além da Beira Litoral e que, no entender de Rascão Marques, “dá maior competitividade aos atletas e testa a sua capacidade para as provas do calendário nacional”. A segunda prova integra o calendário regional e realiza-se no dia 27, novamente em Coimbra.

Regresso às vitórias no Futsal

Num jogo que valeu pela segunda parte, a Académica venceu o Macedense por 6-4

João Campos

Os “estudantes” vinham de três jogos sem ganhar e precisavam de reencontrar o caminho das vitórias. Francisco Batista colocou em campo um cinco inicial formado pelo guarda-redes João Manuel e os jogadores de campo Batalha, André Matos, Pichel e Luisinho.

O jogo começou logo com um remate de Batalha ao lado, ao que a equipa de Macedo de Cavaleiros reagiu, com Pires a atirar à barra. A partir daí, a primeira parte entrou numa corrente monótona, quebrada a espaços por um “duelo” entre Luisinho e o guarda-redes da equipa transmontana, Costa, sempre com vantagem deste último. Aos 11 minutos, Zito atirou ao poste e devolveu alguma animação ao jogo. Poucos minutos depois, a Académica voltou a desperdiçar uma soberana ocasião, com Rui Moreira a atirar ao lado num livre directo.

O Macedense parecia uma equipa inofensiva. No entanto, no último minuto, na transformação de um livre directo, é a formação forasteira que marca, por intermédio de Lino. Antes do final da primeira parte, há ainda um lance polémico: Bicho sofre falta passível de livre directo, mas o árbitro apita para o intervalo e não concede a marcação. Assim, as equipas foram para o balneário debaixo dos protestos vindos da bancada.

Na segunda parte, o Macedense entrou melhor e ampliou a vantagem aos dois minutos, através de Play. No en-



Académica obteve a sua segunda vitória na competição

tanto, este golo acordou a equipa da casa, que nos dois minutos seguintes apontou três golos e deu a volta ao resultado: o primeiro por André Matos, a passe de Luisinho; o segundo num grande trabalho de Batalha, a correr com a bola de uma área à outra; e o terceiro por Luisinho, a corresponder a um passe de Pichel.

A partir daí, a Académica foi à procura de ampliar a vantagem, destacando-se neste período a exibição de Batalha. Só que quem marcou foi a equipa transmontana, através de Play-boy, num remate de longe. A Brios

foi para a frente e, aos 11 minutos, voltou a desfazer a igualdade: Zito faz uma grande jogada individual e oferece a bola a Luisinho, que só tem de empurrar para a baliza e apontar o seu segundo golo da tarde.

Após este golo, a Académica foi praticamente a única equipa em campo, desperdiçando uma série de oportunidades que levaram as bancadas ao desespero. Batalha, Luisinho e Pichel (este último com um remate ao poste) não conseguiram transformar em golo as inúmeras ocasiões criadas.

A dois minutos do fim, chegou o golo da tranquilidade, por Batalha, na recarga a um primeiro remate do mesmo. No minuto seguinte, Rui Moreira aproveitou o adiantamento do guarda-redes adversário e rematou desde a sua área, colocando o resultado em 6-3. Nos momentos finais, a formação transmontana procurou reduzir a desvantagem, o que conseguiu a 20 segundos do fim, num livre directo de Play.

Esta foi a segunda vitória da Académica em cinco jogos na série A da segunda divisão.

Voleibol na cauda da tabela

A secção de voleibol da Associação Académica de Coimbra teve no último fim-de-semana uma jornada dupla, sendo obrigada a disputar dois jogos em 24 horas.

No passado sábado dia 30, os “estudantes” deslocaram-se ao pavilhão de desportos de Vila do Conde para defrontar uma equipa que se pensava estar ao alcance dos jogadores de Coimbra.

Tal cenário não se veio a verificar, a Brios fez um jogo muito aquém das suas potencialidades e acabou por perder os dois primeiros sets por 25-17 e 25-18. Em desvantagem, a Académica reagiu bem e conseguiu chegar ao empate, sendo os parciais 23-25 e 20-25. Tudo fazia parecer que os estudantes podiam regressar a casa com uma vitória, mas a decidir o jogo na “negra”, o ritmo dos “estudantes” diminuiu e estes acabaram por perder por 15-8. A Académica realizou uma exibição fraca, perdendo o jogo por 3-2.

No domingo dia 31, a jogar em casa contra o Leixões, a Académica procurava a segunda vitória no campeonato e assim fugir da cauda da tabela. Ao contrário do jogo do dia anterior, a Brios fez um bom jogo, contribuindo para uma partida muito disputada, o que se reflectiu nos parciais 25-20, 23-25, 30-28 e 22-25. Mais uma vez empatados até ao final, os estudantes não foram felizes e acabaram por perder no desempate por 14-16.

Deslize dos “estudantes”

No passado sábado, dia 30, a equipa de hóquei da secção de patinagem da Associação Académica de Coimbra deslocou-se ao campo do Turquel para mais um jogo do campeonato da terceira divisão nacional.

Num jogo muito disputado os “estudantes” foram os primeiros a marcar, tendo dominado a primeira parte por completo. O Turquel chegou ao empate após uma jogada de contra-ataque resultante de uma falta supostamente não assinalada. Mesmo assim a equipa da casa não mostrou muita garra tendo sofrido o segundo golo antes do fim da primeira parte.

O segundo tempo já foi diferente. O Turquel consegue chegar ao empate mas a Brios não se deixa impressionar, e num contra-ataque volta à vantagem. O jogo aumenta de velocidade e as oportunidades dos estudantes marcarem são numerosas, porém, não são aproveitadas. O Turquel aproveita, por sua vez, e nas jogadas de contra-ataque constrói a sua vitória chegando ao 5-3. No final do jogo a Académica consegue fixar o resultado em 5-4.

Basquetebol na senda das vitórias

Após um início de temporada desastroso, os “estudantes” regressaram às vitórias

Bruno Vicente

Devido à morte de João Moreno, presidente da Académica/OAF, e a consequente utilização do pavilhão Eng. Jorge Anjinho como local onde lhe foi prestada a última homenagem, a secção de basquetebol viu o jogo diante do Esgueira ser adiado e realizou dois jogos no espaço de quatro dias.

No início da corrente época da Proliga, sobressai a quantidade de lesões e os poucos jogadores disponíveis no plantel, bem como o curioso facto de a Académica ter disputado, até agora, quatro partidas fora de portas e apenas uma no seu reduto.

Após três derrotas iniciais, em jogos fora, diante do Basket Almada, Marinhense e Galitos, a Brios rectificou a sua posição na tabela, primeiro frente ao Esgueira, em casa, e depois diante do Atlético, em Lisboa.

Neste último desafio, realizado no passado sábado, o cinco inicial voltou a sofrer alterações em relação aos desafios precedentes. O treinador acadêmico, João Jaime Moutinho, fez alinhar de início Luís Cabral, Fernando Sousa, Zane Gilliard, Eduardo Santos e Dwight Anglade.

Antes do jogo, o técnico da Académica mostrava-se “confiante na vitória”, e apelava “à coesão de grupo na consistência defensiva aliada à qualidade ofensiva”, como armas de combate a usar contra o adversário.

Na primeira parte os “estudantes” estiveram quase sempre à frente do marcador, alcançando inclusive vantagens significativas de oito pontos, 10-

18 e 18-26. No entanto, devido a alguns erros, como perdas de bola e precipitação ofensiva, os “estudantes” chegaram ao intervalo com a vantagem mínima, 27-28, num jogo que se previa equilibrado até final.

Só na segunda parte os “estudantes” desequilibraram, com uma entrada fulgurante, o que permitiu alcançar um parcial de 11-0, que projectou a Académica para uma vantagem de 12 pontos (27-39). Gerir essa vantagem até final não foi tarefa fácil, até porque a equipa do Atlético, muito aguerrida, nunca desistiu de procurar a vitória, recorrendo muitas vezes à falta. Dwight Anglade, um dos “estudantes” mais massacrado pelas faltas, perdeu a cabeça numa dessas ocasiões, empurrando um jogador do Atlético, com o jogo parado, o que lhe valeu a expulsão, a oito minutos do fim.

Com o cronómetro do árbitro a aproximar a partida do final, o

Atlético, sem soluções, recorreu ao lançamento de três pontos com sucesso, ao que a Académica soube responder com boa circulação de bola e qualidade ofensiva, estabelecendo-se o resultado final em 65-75, favorável aos “estudantes”.

Após o jogo, João Jaime Moutinho, treinador da Académica, mostrou-se “satisfeito com a vitória e com a atitude dos jogadores em campo, pois mostrámos claramente que estamos a subir gradualmente”. Esta ideia é realçada por Fernando Sousa, capitão da equipa (alcançou 23 pontos e quatro ressaltos), que se mostra “confiante para o futuro”.

Com este resultado a Académica soma duas vitórias e três derrotas e aproxima-se dos lugares que dão acesso ao playoff, posições que os “estudantes” querem alcançar já no próximo jogo, em casa, frente ao Illi-abum.

SEXTA
Informática Multimédia, Lda
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com

18 CULTURA

Experimentalismo sobre rodas

Camião de culturas estaciona na Praça da República

Projecto Voyager03 traz a Coimbra arquitectura, fotografia, artes plásticas, música, design gráfico e muito mais. Tudo subordinado ao lema "Para além do consumo"

Alexandre Monteiro
João Vasco

Do próximo dia 12 até 30 de Novembro vai estacionar na Praça da República um camião muito especial. Trata-se do Voyager03, um veículo com dimensões semelhantes às de um TIR e cujo interior vem recheado de curiosidades.

Há trabalhos de cinco fotógrafos portugueses que retratam o tema do consumo, maquetas de diferentes arquitectos a quem foram pedidas elaborações conceptuais sobre as ligações entre o centro histórico e a parte moderna de cidades contemporâneas, trabalhos de dois criadores plásticos, vídeos, instalações e diversas formas 'sui generis' de conceber arte. "O próprio som ambiente que envolve todo o veículo pretende influenciar de forma determinante a identidade de Voyager03", garantem os responsáveis pelo evento.

E, assim, toma forma "um projecto móvel e mutante, de apresentação sedutora e interactiva, especialmente desenhado para provocar o público e estimular a descoberta dinâmica dos seus conteúdos", acrescenta a Experimentadesign, entidade responsável pela iniciativa.

O conceito da criação deste espaço móvel, com um design urbano contemporâneo de grande impacto

no meio envolvente surgiu aquando da realização da Bienal de Lisboa 2003, inspirado no lema "Para além do consumo". Na altura, o ponto de partida foi a criação de algo aglutinador, auto-transportável e capaz de permanecer num espaço público sujeito a alterações climáticas. Assim se começou a construir de raiz o objecto propriamente dito, com enormes cuidados em detalhes como os da armazenagem, amplitudes térmicas, resistência de materiais, montagem e desmontagem, sistemas de energia e segurança, para além dos conceitos estético e formal. O desenho ficou a cargo de Miguel Vieira Baptista, que trabalhou durante largo tempo com especialistas em som, engenharia e design de automóveis, de forma a garantir a consistência e solidez de um camião que é, ele mesmo, um complexo exercício de design.

Por tudo isto, os responsáveis pelo Voyager03 garantem que, apesar do carácter experimental deste objecto, a peça foi "desenhada para o grande público".

Em digressão nacional neste momento, o Voyager03 abriu as portas pela primeira vez em Barcelona, entre 3 e 12 de Julho de 2003, e foi visitado por 10.600 pessoas. Um sucesso que se prolongou em Paris, também em Julho desse ano, com uma média de cerca de 673 visitantes por dia, número superado em Madrid durante quatro dias em Setembro de 2003, com 3970 visitantes.

Curiosamente, o local onde o Voyager teve menos visitas foi em Lisboa, na Praça do Comércio, durante a Bienal. Ainda assim, os números foram satisfatórios com cerca de 13 mil pessoas a marcarem presença no camião. Agora, o Voyager vem a caminho de Coimbra.



Camião traz experimentalismo a Coimbra

Voyager03 cabe no TAGV

A sessão de abertura e inauguração da Voyager03 terá lugar no dia 12 de Novembro, pelas 18 horas, no foyer do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), com a realização de uma conferência/debate intitulada "Voyager 03: Cultura em Movimento" que tem como mote a apresentação deste projecto invulgar. Nesse mesmo dia e espaço será servido também um cocktail e apresentada a performance musical "Da 8 bit man".

O TAGV associa-se ainda ao projecto Voyager03 entre os dias 12 e 30 de Novembro através de uma mostra de design de comunicação intitulada "12Des'Coi 04", com o objectivo de demonstrar o trabalho de desig-

ners formados e residentes em Coimbra, como José Martins, Paulo Côrte-Real, Pedro Branco e Pedro Góis.

No âmbito desta troca de experiências, o dia 13 de Novembro é igualmente pródigo. O palco principal do Gil Vicente recebe a visita do germânico Pole, um dos representantes do 'modern urban dub' (conceito de som virado para o ritmo e ruído), para um espectáculo de música experimental, a que se vai juntar a companhia Visomat Inc. com projecções vídeo em simultâneo.

Na primeira parte do espectáculo será projectada a nova curta metragem/performance de Ivo Serra, intitulada "Graffiti".

(Re)Visões Úteis para a "reflexão em conjunto"

O grupo Visões Úteis comemora em Coimbra os seus primeiros dez anos de actividade, no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). "Seis Gaivotas", "Orla do Bosque" e "667 - O Vizinho da Besta" são as três dramaturgias originais a (re)ver, de 5 a 11 de Novembro

Carina Fonseca
Marta Poiars

É já esta sexta-feira que tem início, com a peça "Orla do Bosque", pelas 21h30, a comemoração do décimo aniversário do grupo teatral Visões Úteis. Segue-se, nos dias 8 e 9, à mesma hora, a apresentação de "Seis Gai-

votas" (cruzamento entre "A Gaivota" de Tchekov e "Seis Personagens à Procura de um Autor" de Pirandello); e, por fim, "667 - O Vizinho da Besta" no dia 11.

Os três trabalhos já foram vistos pelo público noutros pontos do país, em diferentes ocasiões. Com efeito, "Orla do Bosque", 19ª produção do grupo, teve a sua estreia no Teatro do Campo Alegre, no Porto, a 6 de Outubro de 2001, tendo sido posteriormente apresentada em Aveiro. "Seis Gaivotas", 16ª produção do Visões, foi primeiramente posta em palco a 29 de Junho de 2000, no Mosteiro de São Bento da Vitória, no Porto, tendo também passado por Aveiro. Já a 23ª produção da Companhia, "667 - O Vizinho da Besta", consistiu numa co-produção Visões Úteis/Rivoli - Teatro Municipal.

O Visões Úteis foi fundado em 1994 no Porto, embora tenha as suas raízes em Coimbra. Esta companhia, segundo Catarina Martins (actriz e uma das directoras artísticas da mesma), deve a sua criação a "um grupo de

pessoas que fez um trabalho conjunto bastante coeso no Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra". E explica: "Escolhemos o Porto para fundar o Visões [Úteis] porque na altura não havia quase nada [a funcionar]", mas em contrapartida, "tinha teatros, tinha espaços".

A selecção dos três trabalhos referidos, na óptica de Catarina Martins, pretende reflectir a essência do Visões Úteis, incorporando elementos de reflexão muito fortes em que o humor - "um bocadinho negro" - é presença assídua. Característica inerente à própria companhia, o humor é, de facto, no dizer de Catarina Martins, "uma forma de expor as coisas e de nos rirmos de nós próprios; isso ajuda-nos a relativizar os problemas e a focar-nos no que é realmente importante e ajuda à reflexão em conjunto". De salientar o facto de "Seis Gaivotas", "Orla do Bosque" e "667 - O Vizinho da Besta" constituírem dramaturgias originais, da autoria de Ana Vitorino, Carlos Costa, Pedro Carreira e da pró-

pria Catarina Martins.

Quanto a possíveis alterações para os espectáculos a realizar no TAGV, há que destacar unicamente adaptações técnicas, alusivas ao facto de terem sido "estreados em espaços muito diferentes", não estando previsto "que pudessem ser feitos todos no mesmo tipo de palco, com o mesmo tipo de relação com o público". Quem o garante é a actriz/directora artística, acrescentando ainda que não há modificações em termos de conteúdo dos espectáculos, os quais permanecem tão actuais como no tempo em que foram elaborados.

Apesar das visitas a Coimbra se terem tornado menos regulares desde os primeiros tempos de vida do grupo, a escolha da cidade dos estudantes para assinalar o décimo aniversário da companhia é premeditada: "Pareceu-nos importante fazer uma itinerância, voltar aí com os espectáculos que escolhemos para comemorar os dez anos. O TAGV achou boa ideia e, portanto, aí estamos".

Teatro de construção

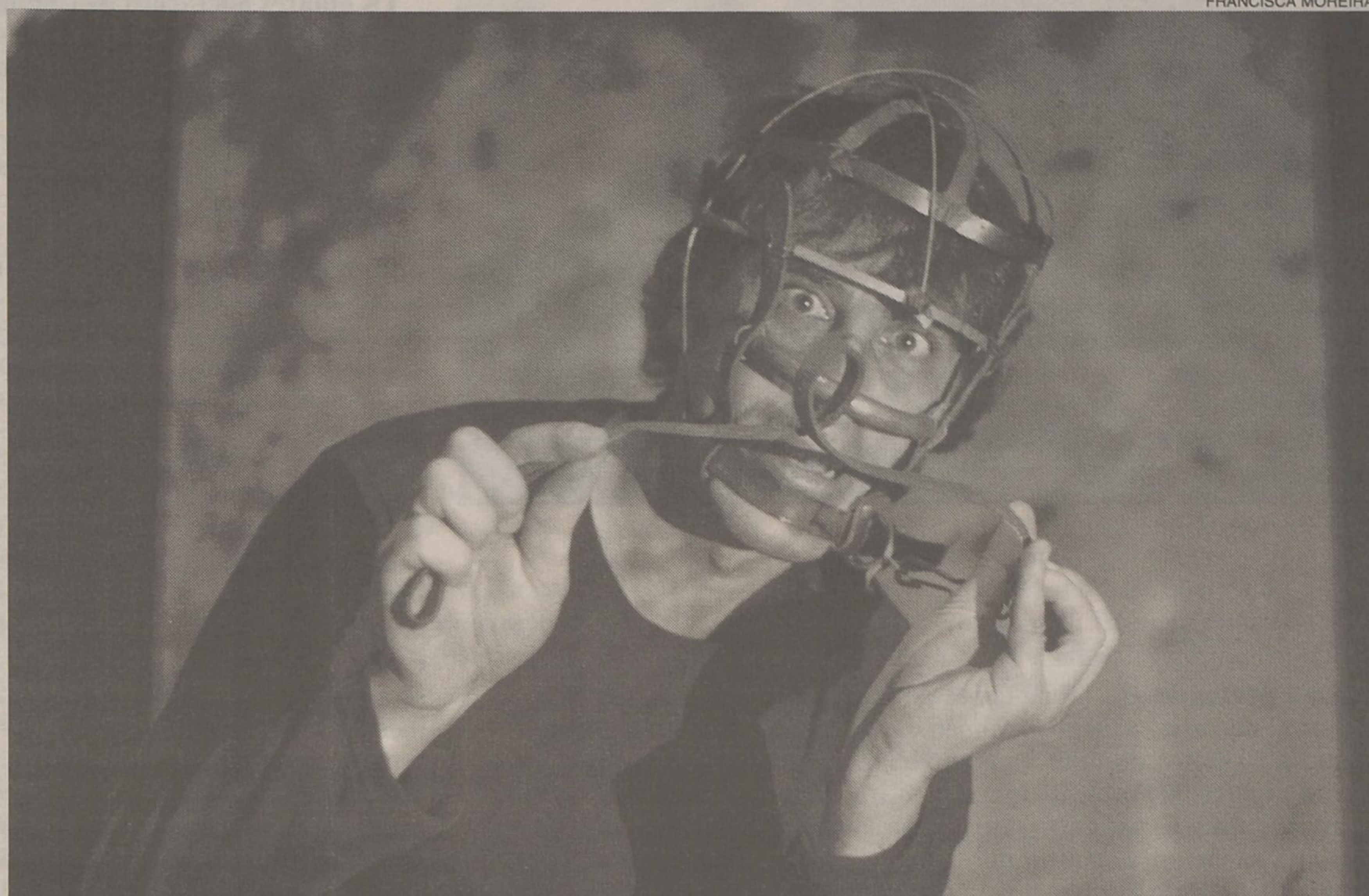
Os audiovisuais são co-protagonistas numa peça que abdica de um texto e que se constrói ao longo da própria representação

Lucía Blanco
Olga Telo Cordeiro

A companhia de teatro Marionet estreia uma nova peça no foyer do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). "DOGOD", um espectáculo que mistura teatro com novas tecnologias, poderá ser visto nos próximos dias 10 e 11, às 22h00 e às 23h59 respectivamente.

A Marionet – Associação Cultural, ao completar os seus primeiros quatro anos de vida, faz um novo arranque com um trabalho peculiar. Com um só actor em palco, "DOGOD" cria um ecossistema no qual interagem luz, som e imagem (fotografia e vídeo). Estes elementos tornam-se quase tão importantes como o próprio personagem à medida que a peça se vai desenvolvendo. Nas palavras de Mário Montenegro, da Marionet, a ideia-chave do espectáculo é a construção: "o processo de construção do espectáculo arranca com o actor e é posto à disposição do público". O actor começa a construir uma história por necessidade própria, e a imagem e o som vão-se construindo também a partir dessas sugestões. E seguem caminhos, por momentos coincidentes, que na segunda parte da peça se separam.

Esta peça acaba por relegar a história para segundo plano porque, como explica Mário Montenegro, "o que se tornou essencial foi a relação de forças entre o actor, o som e a imagem e a forma como eles convivem, bem ou mal. E a partir de determinada altura o espectáculo vai para aí, já é uma espé-



"DOGOD", um espectáculo de permanente recriação

cie de reflexão do teatro, da construção e dos vários elementos".

Em grande parte do espectáculo não há texto. A história vai-se contando pelos movimentos que o personagem vai fazendo. Esta experiência foi um grande desafio para o actor por ser a primeira vez que faz um papel sem ter texto.

Surgindo com o nome provisório de "Coisas que caíam do céu", o título "DOGOD" veio numa fase em que as ideias já estavam mais definidas e ficou como um jogo semântico. "O próprio título é uma construção. Há duas palavras ou três, pode ser 'dog' pode ser 'god' e pode ler-se 'do god' também. Isto tem a ver com o facto de o actor ter um papel criador" explica Mário Montenegro.

Por não necessitar de um palco, este espectáculo vai ser apresentado no

espaço do café-teatro do TAGV. Para além desta novidade espacial a companhia quis também dar um carácter universal à obra, já com a intenção de levar a peça para além fronteiras e a outros locais do país.

A mistura das novas tecnologias e a utilização duma linguagem mais corporal que textual faz deste um espectáculo de difícil classificação. Podendo chamar a peça como "arte performativa digital", o actor da Marionet não consegue porém defini-la com exactidão: "Procurei essa definição, mas no fundo é teatro para todos os efeitos". O espectáculo surgiu com a necessidade da companhia fazer uma síntese dos trabalhos anteriores como reflexão sobre aquilo que tem feito.

Fazer um espectáculo facilmente transportável e adaptável a qualquer

sítio (só um actor e um técnico eventualmente para operar o som e o vídeo) tem a ver com o facto da Marionet não ter um espaço próprio. Aliás este é o principal problema da companhia desde a sua criação, em Outubro de 2000, pois segundo Mário Montenegro "no que toca aos espaços da câmara municipal é preciso uma maior democracia na distribuição". Para resolver este problema criou-se em 2001 a Mafia, uma federação cultural que engloba cinco associações, nomeadamente Camaleão, Encerrado para Obras, Projecto Buh, Trampolim e Marionet, cujo objectivo é arranjar espaço físico e material técnico. Actualmente a Mafia conseguiu assinar um protocolo com o Inatel de Coimbra para fazer a gestão da programação e ceder aos grupos o espaço para ensaiarem e guardarem o material.

Em palco...

Tiago Pimentel Opinião

A realidade metaforizada

"2 Perdidos Numa Noite Suja"
de Plínio Marcos
encenação: Sílvia Brito
Oficina Municipal do Teatro
A Escola da Noite
Até 27 de Novembro
Quarta a Sábado
8 euros, 6 euros (estudante)

Dois homens. Duas existências distintas com um destino comum. Paco e Tonho são os dois personagens desta peça, que se vão perdendo em várias noites. Sujas, como se torna progressivamente a relação entre eles, obrigados a conviver pelo facto de partilharem um quarto de pensão e de trabalharem no mesmo mercado.

"2 Perdidos Numa Noite Suja" mostra-nos a degradação moral em que caem dois seres que lutam por uma vida de acordo com as suas ambições pessoais. Paco, mais urbano e conformado, quer fazer da música o seu sustento, e vai tocando gaita de beijos enquanto sonha com a flauta que lhe garantirá o desafio desejado. Tonho, vindo do interior, afirma recorrentemente que tem estudos e que a situação em que se encontra é passageira, nunca caindo no conformismo. Só lhe faltam uns sapatos novos para obter um emprego consentâneo com a sua formação intelectual.

As palavras ditas, e as não ditas são ditadas por um quotidiano difícil de enfrentar. A linguagem dos personagens roça muitas vezes o grosseiro, reflectindo um estado de desilusão não-confessa com a realidade que os absorve e aliena.

Tonho debate-se com conflitos no trabalho, enquanto Paco se acomoda à situação em que se encontra. Estes dois seres solitários não se solidarizam nunca, agindo sempre em função dos objectivos individuais. A falta de uma partilha de interesses e de valores condu-los à violência, à vingança e à autodestruição. Agem ambos cegamente, movidos pelo desespero que os impede de fazer uso da racionalidade.

Os personagens descortinam a felicidade emulada por entre o desespero da ausência quase total de esperança. A ruína psicológica dos dois perdidos acontece com o aproximar do fim da peça, que consegue construir uma representação da realidade opressiva das grandes cidades. A ausência de solidariedade entre os indivíduos decorre da construção de uma cidadania moderna assente em movimentos mecânicos que visam essencialmente a produção.

À procura de sapatos na escola da noite

A Escola da Noite traz-nos mais um trabalho – "Dois Perdidos Numa Noite Suja"

Rosa Ramos

A companhia de teatro Escola da Noite estreou na passada sexta-feira o espectáculo "Dois Perdidos Numa Noite Suja". Até 27 de Novembro a peça pode ser vista, de quarta a sábado às 21h30, na Oficina Municipal do Teatro. A peça, um original do brasileiro Plínio Marcos, foi encenada por Sílvia Brito, que assina assim o seu sexto trabalho. Como o próprio título

deixa adivinhar, trata-se do retrato da vida difícil de dois homens que, pela sua miserável condição e pelas suas palavras amargas, se vão ao longo da peça perdendo numa "noite suja".

Um simples quarto de pensão é o cenário que enquadra a acção, o diálogo entre os dois protagonistas. Diálogo este que é estabelecido durante vários dias, sempre à noite depois de um duro dia de trabalho. Tonho e Paco, interpretados por Carlos Marques e Ricardo Correia, são dois homens desencantados com a sua condição de pobreza, vozes de desespero que culminam na quebra de todos os valores e na marginalidade. O tema já é batido, a opressão social de um mundo duro e desconfortável para quem não possui grandes riquezas, emocionais e mate-

riais.

"Não dou nada. Mesmo que possa, não dou nada de bandeja para sacana nenhum. Nunca ninguém me deu nada". Esta é uma das mensagens centrais da peça. Paco transborda angústia e crueldade. Se o mundo foi impiedoso com ele, este responde ainda de forma mais austera.

Neste sentido, a encenadora, Sílvia Brito, afirma que "para além da questão mais evidente de pobreza existe uma pobreza de afectos que pode tocar a todos nós".

Para a responsável a obra deixa em aberto algumas questões e não culpa nada ou ninguém em particular: "a obra questiona mais do que responde. Afinal qual é a saída das coisas? Como é que as coisas se resolvem? So-

mos nós individualmente que temos que arranjar uma saída para aquilo que queremos? A culpa é de quem? Ninguém dá respostas", explica.

A encenadora explica que "Plínio Marcos teve uma vida atribulada [foi palhaço, vendedor de mercado e de feira, de livros de banda desenhada, estivador, actor] e é essa atribuição que pretende ser retratada na peça".

Com efeito, "Dois Perdidos Numa Noite Suja" fala dos encontros e desencontros na vida dos dois homens, dos seus paradoxos e ironias. Ambos sonham deixar o seu trabalho mal pago como carregadores de caixas no mercado, mas Tonho não tem sapatos com que se apresentar num possível emprego e a Paco roubaram o seu único meio de sustento, uma flauta.

PUBLICIDADE



CASTELLO LOPES
CINEMAS

C.C. Girassolum
Coimbra

A PROJECTAR EMOÇÕES. DESDE SEMPRE.
Peça já o seu cartão cliente nas nossas bilheteiras e descubra as vantagens

Próximas estreias:

DIA 4/11 - O CANDIDATO DA VERDADE

Realizado por JONATHAN DEMME

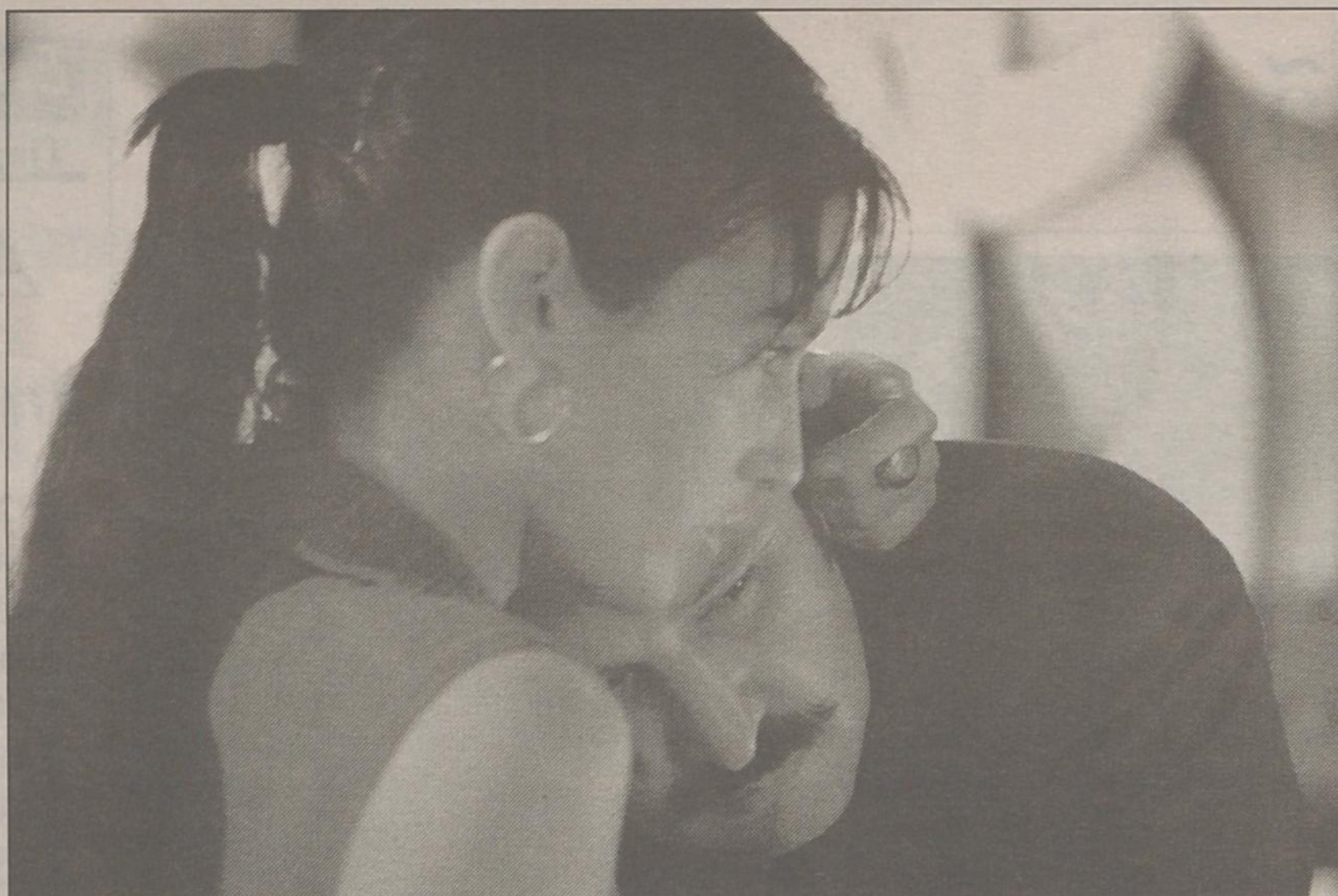
Com DENZEL WASHINGTON, MERYL STREEP, JON VOIGHT

DIA 11/11 - DODGEBALL

Realizado por RAWSON MARSHALL THURBER

Com: VINCE VAUGHN, CHRISTINE TAYLOR, BEN STILLER

Vê-se...



Telecinema à portuguesa

"Noite Escura" decorre ao longo de uma noite, no interior de uma casa de alterne, algures no Portugal profundo, clandestino e soturno que uma maioria silenciosa conhece, mas prefere escondê-lo por debaixo do tapete, fingindo que não existe. Um mundo tenebroso de luxúria, alcoolismo, drogas duras, prostituição, lenocínio, tráfico de mulheres, relações incestuosas, violência, tão longe do olhar das pessoas mas, funestamente, tão próximo das suas vidas, das suas casas, das suas famílias.

A câmara de filmar de João Canijo poderia ter irrompido neste mundo obscuro como a de Pedro Costa entrou "No Quarto de Vanda" (2000), porém, optou decididamente pelo caminho da ficção, em detrimento da linguagem documental. É precisamente no campo da ficção que a "Noite Escura" se perde em si própria, vítima maior de um argumento pouco credível e estranhamente claustrofóbico, desenvolvendo-se em círculos sucessivos, literalmente estonteantes, em torno do mesmo objecto, da mesma ideia, da mesma história que já está totalmente contada desde o início do filme, como que consagrando cinematograficamente a clássica teoria nietzschiana do eterno retorno.

Não obstante a sua exasperante redundância narrativa, "Noite Escura" tem, pelo contrário, uma qualidade visual impressionante, fruto de um brilhante trabalho de Mário Castanheira. Cores saturadas, quentes e vivas que retratam aquele mundo de indigência com uma expressividade bastante invulgar. Sem dúvida a grande (única?) virtude de um filme que deixa muito a desejar, do malfadado argumento às insípidas interpretações de uma grande parte do elenco, desembocando na sensação de absurdo que resulta de um final que, afinal, não diz nada, apenas mostra, como se tudo não passasse de um mero exercício de voyeurismo televisivo.

Gustavo Sampaio

Os olhares nocturnos de Canijo

A liberdade e a rendição. Dois conceitos que caminham, numa noite escura, sobre brasas. Conceitos que se fundem na impossibilidade de serem um só. Depois de "Ganhar a Vida" (seleccionado para Cannes, em 2001), João Canijo regressa, em grande, com uma adaptação da tragédia de Eurípides, "Ifigénia em Aulis".

Dias de viagem levaram Canijo a concluir que "Portugal é o país da Europa com mais casas de alterne por metro quadrado". Porém, muito mais do que isso motivou "Noite Escura". Sente-se, em cada segundo de fita, a vontade de lembrar o espectador que ele próprio é o condutor permanente dos espaços obscuros e, quase sempre, secretos do seu mundo. É ele que, mesmo sozinho, olha por cima dos seus ombros e pressente alguém. Tal como a filmagem enérgica e poderosa de "Noite Escura", à procura das personagens, mesmo quando estas parecem fugir dela.

O colar que percorre os pescoços, sedentos de nitidez e verdade,

na casa de alterne, tem um nome: destino. Aquele que observa um tabuleiro indiscreto, onde se movem olhares que não pensam em mais ninguém, para poderem vencer. Rita Blanco, a actriz eterna de Canijo, Fernando Luís e a "enorme" Beatriz Batarda são, impecavelmente, os rostos de uma viagem longa sem retorno. Sem retorno, pois, em "Noite Escura", a liberdade é a causa da rendição.

Estamos num espaço em que a prostituição se veste de fatalidade e o erotismo de opressão.

Assim, o também realizador de "Sapatos Pretos" consegue chegar ao espectador. Quando, na noite em que se "joga o futuro", ouvimos Cleia Almeida a cantar: "heide nascer sem idade... olhando a gente que passa e morrer de cegueira", paramos. Porque concluímos que, afinal, é possível lavar a tristeza com lágrimas. Basta que o escuro da noite permaneça de dia e vulgarize a crueldade e o negrume da vida. Obra-prima? Não. Imperdível? Sim.

Tiago Almeida

Noite Escura / João Canijo

| | | |
|---|---|-------|
| Gustavo Sampaio | Um mero exercício de voyeurismo televisivo. | 🐾 |
| Jorge Vaz Nande | Um filme-marco que servirá de comparação a todo o cinema português que há-de vir. | 🐾🐾🐾🐾🐾 |
| Rui Pestana | A autêntica e fascinante casa de alterne portuguesa é, sem dúvida, a personagem principal de "Noite Escura" | 🐾🐾🐾 |
| Tiago Almeida | Em "Noite Escura", a liberdade é a causa da rendição | 🐾🐾🐾🐾 |
| A evitar 🐾 Fraco 🐾 Podia ser pior 🐾 Vale o bilhete 🐾🐾🐾 | | |
| A Cabra aconselha 🐾🐾🐾 A Cabra d'Ouro 🐾🐾🐾🐾 | | |
| Todas as críticas em acabra.net . | | |

Navega-se...

Nomes

Namebase é um arquivo de nomes relacionados com escândalos, assassínios, crime organizado, corporações internacionais, política internacional, elites da política norte-americana, guerra-fria e actividades de espionagem. Os nomes foram compilados de centenas de livros, publicações e documentos norte-americanos. O resultado de uma pesquisa sobre um nome ou assunto é uma lista de documentos. Em alguns casos é possível consultar o documento, noutros apenas nos é dado o nome, autor e ano de publicação. Na página inicial há algumas ligações para temas já predefinidos, como por exemplo o escândalo Enron, a operação Condor ou o caso Monicagate e as suas ligações com a CIA. Para além da base de dados dos nomes também é possível consultar um arquivo de documentos da CIA e FBI sobre alguns assuntos. Outra das pesquisas que é possível fazer neste sítio é por proximidade. Pesquisa-se um nome e o resultado é um mapa onde o nome pesquisado se encontra no centro e os nomes relacionados aparecem espalhados não de uma forma aleatória, mas por relação directa ou indirecta com a pesquisa (experimentem pesquisar António Salazar). É pena não haver mais sítios deste género, principalmente com informação sobre o nosso país.

<http://www.namebase.org>

Dicionário das Artes

ARTLex é um dicionário, em inglês, de arte. O dicionário contém mais de três mil termos usados na discussão da cultura visual, produção de arte, história, criticismo, estética e ensino. Praticamente todas as entradas são acompanhadas de imagens, citações, notas sobre pronúncia e referências a entradas relacionadas. A organização deste sítio é simples: do lado esquerdo temos o índice e uma lista de atalhos para alguns artigos. No resto do ecrã aparece-nos o artigo ou entrada. Na página inicial há também ligações para algumas secções do sítio tais como o FAQ (Frequently Asked Questions), informação sobre o fundador do ARTLex, bibliografia que ajudou a construir o sítio e ainda informação sobre como podemos ajudar no seu desenvolvimento.

<http://www.artlex.com>

Jogos

"Game Rankings"

www.gamerankings.com

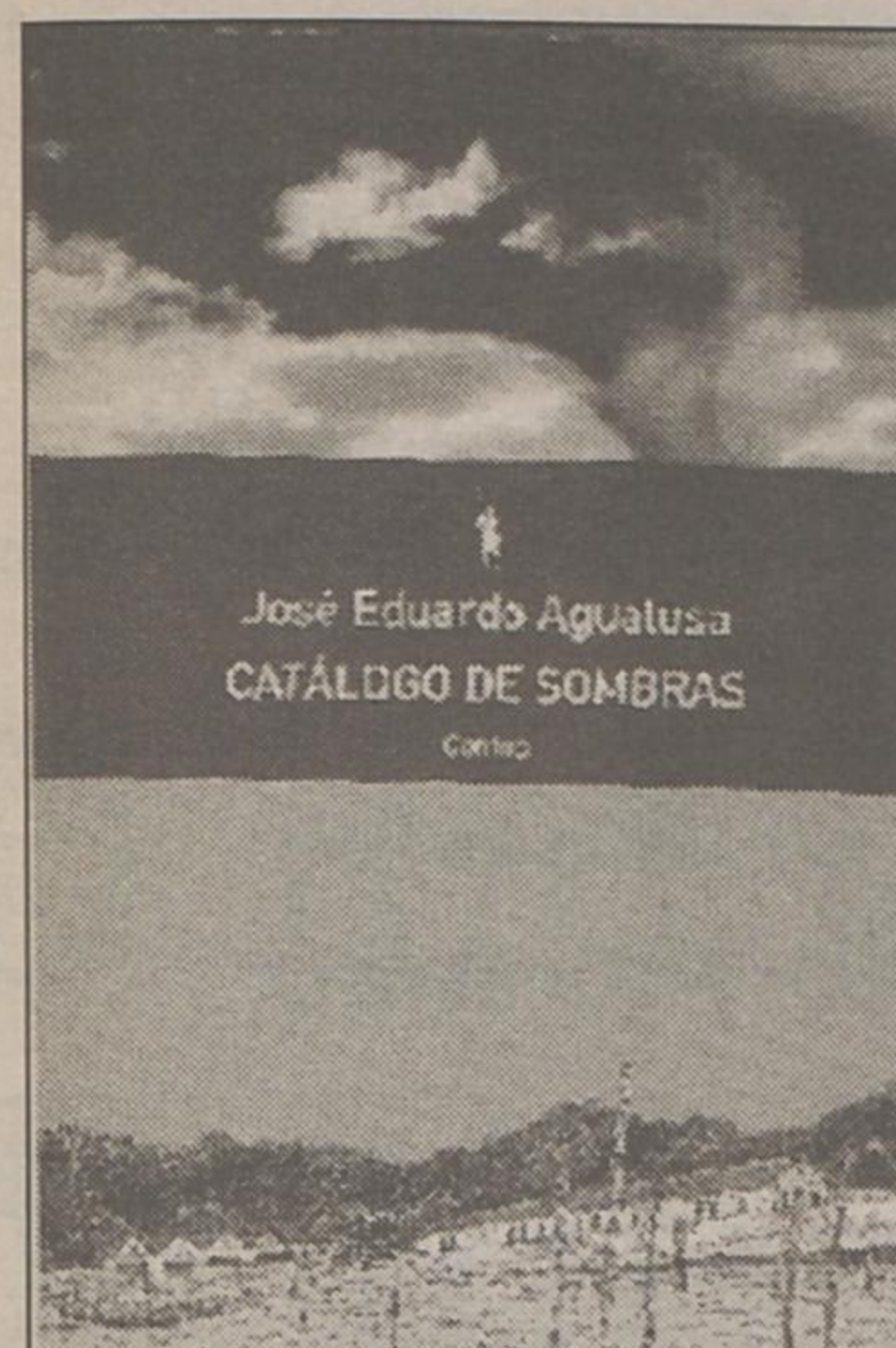
Tudo sobre jogos

Há vídeo-jogos no mercado para todos os gostos e feitios, mas o problema é que muitos deles também giram à volta da mesma ideia. Como decidir o que comprar e jogar? Uma visita ao Game Rankings pode ajudar. Este sítio reúne todas as críticas aos vídeo-jogos que vão sendo lançados no mercado e, através de alguma aritmética, chega a uma nota que varia entre zero e cem. Para além desta nota, todos os utilizadores registados do sítio também podem votar nos vídeo-jogos, criando uma segunda nota. Logo na página são mostradas duas listas, uma com os jogos mais populares e uma com os jogos mais recentes no mercado. Não há sistema que não esteja presente no sítio. Temos o PC, PS2, Xbox, Gameboy Advanced e por aí adiante. Até os jogos da N-Gage e telemóveis estão aqui representados. Há também as recomendações do pessoal que trabalha no sítio e uma secção para os fanáticos dos números, onde podemos saber coisas como o número de jogos que já foram criticados para o PC (4371).

<http://www.gamerankings.com>

Nuno Curado

Lê-se...



José Eduardo Agualusa

“Catálogo de Sombras”

Editorial Dom Quixote, 2003.

5/10

Sombras ensombreadas

José Eduardo Agualusa dispensa apresentações, conhecendo-o o grande público sobretudo devido à sua produção para revistas e jornais. Nascido no Huambo (Angola), o autor é um dos maiores representantes da escrita dos países africanos de expressão portuguesa.

“Catálogo de Sombras” é um conjunto de contos já publicados na imprensa nacional, nomeadamente nas revistas “Pública” – para onde escreve regularmente e espaço onde a grande parte destes contos foi publicada pela primeira vez –, “Tabacaria”, “Egoísta”, “Ficções”, “Magazine Artes” e para o jornal “Expresso”.

Encontramos uma linha que une todos estes contos e que nos é familiar em Agualusa: a existência narrada em português, ou melhor, a existência de mundos, de versões de mundos, unidas pela mesma experiência de falar e ser em português. É a língua portuguesa que move todo o enredo dos contos, mesmo quando não há o tema específico da língua. A língua é sempre o espaço e o pretexto de todos estes contos, muitos deles esvaziados de conteúdo, repleto de metáforas óbvias e referências fáceis. Parece existir por parte do autor um desejo de erudição que se traduz por uma permanente busca de acontecimentos literários, existindo um misto de ficção e ensaio, que se anulam mutuamente, não existindo uma harmonia de géneros. Apesar desta sensação desconfortável na leitura desta obra, que nos deixa na boca um sabor a pouco, há alguns contos aqui inclusos que valerá a pena ler, como é o caso de “Discurso sobre o fulgor da língua” e “Catálogo de Sombras”.

A leitura desta compilação de contos permite-nos saborear realidades ao mesmo tempo tão próximas e distantes de nós, mas sem nunca nos saciar, o que nos leva a questionar o porquê de Agualusa ser considerado – e apoiado – como um dos grandes nomes dos países de expressão portuguesa. Não somos ingénuos ao ponto de não saber que os nomes também se fabricam e que, infelizmente não raras vezes, há acordos e cotas a cumprir, políticas e morais.

No prefácio aos “Doze Contos Peregrinos”, Gabriel Garcia Marquez dizia-nos que demorou dezoito anos a seleccioná-los, mandando muito deles para o lixo e outros reescrevendo-os. Chamo-o aqui para dizer, com ele, que escrever não é nem nunca será fácil, sobretudo quando falamos de ficção literária e do género narrativo do conto. E, mesmo que o espírito criativo e o calor narrativo permitam escrever de modo mais célere, a literatura, como todas as artes, não é feita para o umbigo do autor, mas, antes, um desejo honesto de comunicar versões de mundo, possibilitando ao espectador/leitor um crescendo do seu horizonte. Agualusa, nestes contos, não o faz.

Andreia Ferreira

Desenha-se...



Hugo Pratt

“Corto Maltese - A balada do mar salgado vol. I”

Edição do jornal Público, 2004.

8/10

Uma obra humana

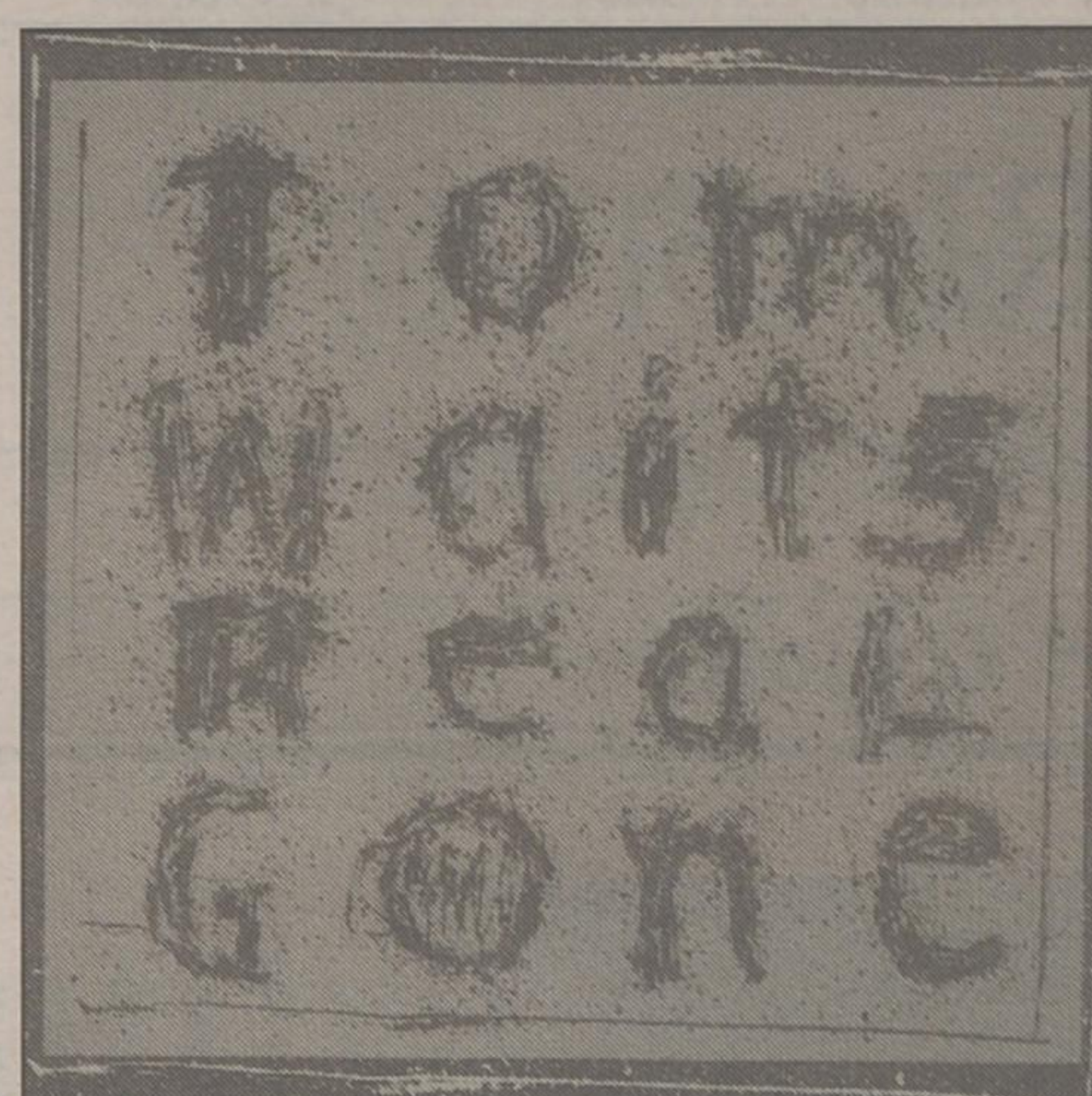
“A balada do mar salgado vol. I” é o primeiro de uma série de três livros que marcam o início das aventuras de uma das mais célebres criações da história da banda desenhada. Corto Maltese é um marinheiro, nascido na ilha de Malta (daí o seu nome) em 1886, filho de um pai inglês e de uma mãe espanhola. Vendo-se constantemente envolvido em aventuras, Corto Maltese é uma personagem – e uma obra – que requerem uma certa habitação, seja pelo desenho de Pratt, seja pela complexidade e humanização do argumento. De facto, o traço de Pratt não é muito apelativo: os desenhos são talvez demasiado simplistas, muitas vezes parecendo meros esboços para os quais a ausência de cor em nada contribui. Contudo, ao ler a obra apercebemo-nos de que a arte, por muito que não nos agrade,

adequa-se perfeitamente ao argumento criado pelo autor; e é aquele que reside toda a genialidade da obra.

O herói das histórias é um observador atento ao mundo que o rodeia, mas distanciado deste; nunca atribuindo demasiada relevância aos acontecimentos, age apenas por intuição. Corto Maltese é um personagem construído em volta de uma personalidade bem estruturada, e apresenta uma grande densidade psicológica; esta cuidadosa formulação do personagem, a par das atitudes deste no livro e das relações e diálogos que mantém com as restantes personagens existentes tornam-no uma personagem real, quase “humana”.

“A balada do mar salgado” é assim uma obra de referência que assinala o princípio de uma ótima colecção. José Miguel Pereira

Ouve-se...



Tom Waits

“Real Gone”

Anti-, distribuidora Edel, 2004

8/10

“O Exorcista Intemporal”

Factos:

1) Tom Waits é um músico invulgar, sedento de experimentação, nunca renunciando às mais inusitadas possibilidades de desconstruir, inverter, montar, redefinir os princípios básicos do blues, do rock e agora também do funk (acreditem!!);

2) A quinquilharia sonora tão querida do autor de “Bone Machine” cede agora o protagonismo à sua voz gutural, fronteira última da improvisação, numa espécie de ‘brain eating zombie’ alien beatbox effect”, como alguns chegaram a atrever definir. A verdade é que estas vocalizações infernais ajudam a sublinhar as visões sombrias que se escondem atrás de algumas das letras do álbum;

3) Mas se a voz de Waits é o esqueleto e a carne, o cubismo no centro deste teatro negro, o aroma cubano, esse, deve-se a uma autêntica parada de estrelas que incluem o guitarrista Marc Ribot, o baixista Primus’ Les Claypool e ainda Brain Mantia no arranjo das percussões;

Ficção:

1) Será o melhor álbum de Tom Waits desde o já citado ‘Bone Machine’? Provavelmente sim, de costas voltadas para o sentimentalismo dos seus primeiros trabalhos, cujo regresso alguns fãs temeram (ou não) depois de “Alice”. Sobre tudo se atendermos ao peso do nº 20 neste novo trabalho - quem ousa continuar a experimentar, a fazer da imperfeição o seu charme como Waits? Alguma da melhor música que já ouvimos saiu das mãos, da voz e da visão do norte-americano.

2) Erro de casting: provavelmente a única canção ‘política ou politizante’ (para além da dedicatória especial do título do álbum ‘a um líder renegado e demente’), “Day after tomorrow”, uma carta de um soldado à família, é o momento menos inspirado de Tom, contrastando com o catecismo assassino de “Don’t go into that barn” - ‘Did you cover you tracks?/ Yes, Sir!/ Did you bring your knife?/ Yes, Sir! (...)’-, ou ainda o clímax da pequena faixa oculta, que resume e define todo o álbum.

3) Para todos os fãs fica ainda a recomendação da banda-sonora do filme-experiência “One from the heart” de Francis Ford Coppola, recentemente editado em DVD, com a opção verdadeiramente especial de a podermos desfrutar separadamente do filme.

Henrique Costa



Feist

“Let It Die”

Universal/Polydor, 2004.

6/10

A mediania é uma gaja tramada

É o que apetece proferir após algumas audições de “Let It Die”, o segundo opus (após “Monarch” de 1999) da canadiana Leslie Feist, voz que, no passado, encantou canções de Gonzales, Broken Social Scene e Kings Of Convenience.

A intriga da mediania instala-se, quando, no fim, apenas se inscreve na memória um nível geral de conforto interrompido por três ou quatro momentos especiais, o que parece insuficiente, vindo de alguém como Feist. Problema de expectativas? Talvez.

“Let It Die” é um álbum de canções simpáticas (cinco originais, seis versões) – quase sempre de esqueleto folk ou jazz e de maquilhagem pop – que, servido por uma esperta campanha promocional nos próximos dois meses, a passar por um press-release a apontar Joni Mitchell, Beth Gibbons, Sade e a música disco como referências - venderia milhares por alturas do Natal.

Em “Gatekeeper”, Feist canta a ilusão que assombra os flirts de Verão, sem se aperceber de que, numa simples letra, traduzira a essência de “Let It Die”, um potencial flirt que cedo tende a desvanecer-se. Não incomoda mas, como um todo, parece não dispor de um alento suficiente para perdurar.

Um profeta fala-me numa Feist recordada daqui a meia dúzia de anos como uma ótima presença em álbuns alheios e, talvez, pelas revisitações de “Inside and Out” dos Bee Gees, do tradicional “When I Was A Young Girl” (Maddy Prior com chapéu de cowboy na garganta) ou de “Tout Doucement” (a “chanson française” como protagonista num musical da Broadway) e, na esfera dos originais, pelo dolente “Lonely Lonely” (balada roubada a Cat Power, a encerrar em dança tribal) ou pelo estival “Mushaboom”. “Que pena!”, dizia-me ele. “Com aquela voz, merecia a eternidade”. E uma obra realmente sua e digna da sua voz, acrescento. Tiago Pereira Carvalho

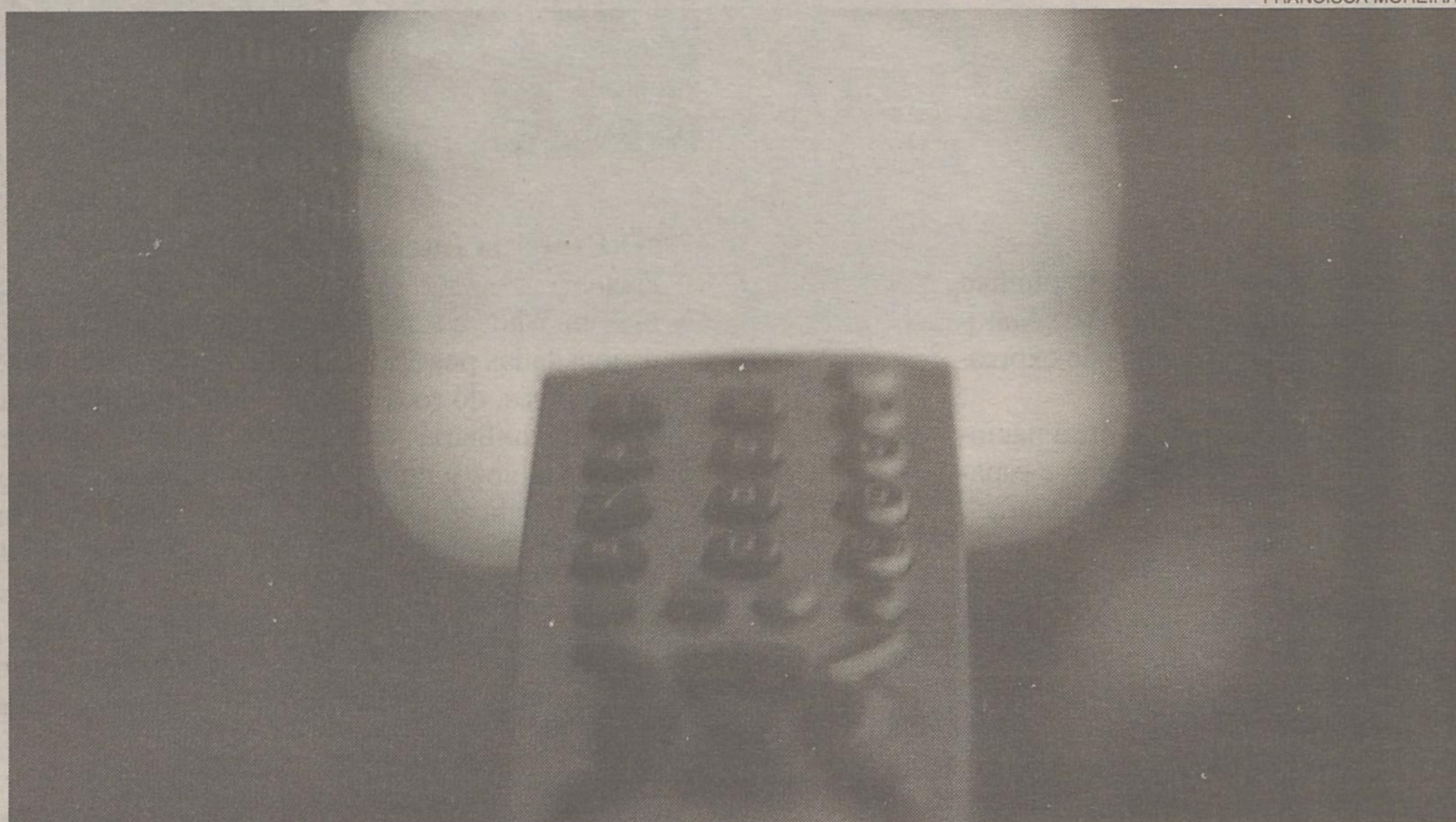
22 ESTÓRIAS

Vida Moderna - 3º Episódio

O Apartamento

O apartamento que K. alugara na Grande Cidade situava-se no extremo ocidental, no limiar interior do primeiro anel de subúrbios. Para lá chegar, partindo do local de trabalho, tinha de percorrer duas linhas de metropolitano e, posteriormente, apanhar a ligação do comboio suburbano. Em média, o trajecto demorava cerca de uma hora, dependendo da intensidade do tráfego, de veículos e autómatos.

Era hora de ponta e o metropolitano encontrava-se atulhado de autómatos. Os vinte minutos do percurso, mais ou menos dez por cada linha, foram um martírio. Os autómatos empilhados no interior das carruagens, o ruído incessante, a escassez de ar respirável, o calor. Uma menina pequenina de vestido azul-marinho, quase submersa pela imensa mole humana, que chorava desalmadamente enquanto puxava o braço da mãe, que a repelia. Até que as portas se abriram e as formigas fluíram em carreiros pelas escadas rolantes acima, com uma pressa inusitada, como se perseguissem algo ou fugissem de alguma coisa.



FRANCISCA MOREIRA

A viagem de comboio, enfim, foi mais calma. Havia quem aproveitasse para ler uma revista, ou mesmo para dormir um pouco, tombando a cabeça contra a janela, sucessivamente. Um engratado decidiu partilhar uma animada conversa telefónica com meia carruagem, provocando a risota de umas quantas raparigas de liceu. Dois senhores de meia-idade, por seu lado, comentavam a actualidade desportiva. Os assentos não eram tão confortáveis quanto os do comboio rápido que apanhara de manhã, talhado para maiores distân-

cias, mas K. soube acomodar-se, com a ajuda preciosa do seu velho casaco de camurça. Retirou então o jornal do dia do interior da mala e pôs-se a ler, sob uma ténue, mas acolhedora, luz branca.

Chegado ao apartamento, sentia-se irremediavelmente cansado. Apenas um reflexo momentâneo o impediu de se deitar de imediato na cama, acordando no dia seguinte. Foi pois a poltrona que o acolheu de braços abertos, de frente para o televisor, com um controlo remoto à mão de semear. E dezenas de programas

estúpidos para consumir. Que mais desejar, quando se acaba de sobreviver ao primeiro dia de trabalho no denso âmago da Grande Cidade? Talvez não ter de sentir uma estranha picada na perna. Era o que restava da escultura de clips e agramos, amassada no bolso das calças. Agora sim, podia descansar, mudando sucessivamente de canal até adormecer, embalado pelo pressionar dos botões do comando, em movimento mecanizado. Já sonhava com o misterioso vulto de longos cabelos negros quando, subitamente, alguém bateu à porta.

(Na) Primeira Pessoa

Supedâneo

... e de repente, olhei para cima, a lua estava soberba.

Doíam-me os pés, estava encharcado, res-sacado, mais uma latada para trás, uma latada tão contestada quanto a repressão de que todos fomos alvos. E, mais do que os pés, doía-me a alma, doía-me a consciência por ter consciência por saber que afinal, era apenas um Homem de negro incapaz de mudar os rumos do mundo. Capaz de lutar, mas nos meus sonhos e quimeras de jovem irreverente, incapaz de cumprir a minha missão, incapaz de ser um entre muitos, mas não ser apenas mais um...

Com o peso nos ombros de uma "geração rasca", que de rasca só tem a denominação posta pelos que se julgam superiores, mas que muitas lutas tem travado e muitas vitórias tem almejado.

E prossigo a minha caminhada, rumo ao leito que me recupera este adereço carnal que me amortalha a alma, recuperar forças para uma outra caminhada, esta sim fortuita, espero, pois enquanto tiver sangue nas veias não baixarei os braços.

De frio e cansaço perturbado, arrastando-me por entre ruas e vielas, perdido nas encruzilhadas do mundo, sem norte, reparo em ti, do alto do teu pedestal, podes ver todos os poderes do mundo, será que também te revoltas tu?

Tu que já passaste por mais tormentas que eu, da minha infame existência, sabes bem os limites da acção humana. Tu sim, sabes as respostas às interrogações do mundo, perce-



BRUNO GONÇALVES

bes a coibição de que somos todos os dias alvo. Estou farto deste mundo de classes, de poderosos e marginalizados, abandonados pela justiça.

Lua, será de mim??

Bruno Gonçalves

Os restantes cronistas de "(Na) Primeira Pessoa" escrevem, esta semana, em acabra.net.

Crónicas do Paraíso

Paulo Nuno Vicente

Breve história de um fogo albino

O morro sentara-se frente à fogueira. O fogo é irmão albino do frio e companheiro de grandes estórias:

Lá, outrora, nos idos em que a cinza ordenhava o peito das gentes, comandava a vila um inferno adormecido. Os campos minados de semente alguma, as desgraças desnitradas, mais que secas, padecendo.

Deolinda doía. Doía sim, doía sem remédio. Gemia sem urro gritado.

Onde a vida não se faz sem chuva, a gente dói e desertifica-se na esperança. Sai de si e dá caminho a uma guarda eterna, ardendo à sombra dos possíveis.

Viera o fogo, não o albino ainda. Por enquanto, o que solda terra e céu numa labareda destinada a durar. Sob a temperatura, ruíram os montes. Rebolaram as casas como colmeias incendiadas, tudo fugiu: o tempo para um tempo pardo, evitado de movimento, o espaço para uma calçada descalça, de negro pranto, os modos para um silêncio de jeitos chorosos.

Deolinda doeu. Doe sem casa ou parque onde se estacionar. Doe, imperdoando. A mão de rosto alheio colhera o mundo num impropério do costume.

Depois do inferno, a seca agraciando.

O mesmo andar de chama, a mesma traça de dor. A cidadela de verdes hipotecados, empilhada de Cérberos, nas esquinas, com fome de imortais e azul, os homens de bolsos arremessados às tascas, e a morte diluída.

Eu sou só, homem. Arremeto-me. Não me vês aqui descaída?

Esses olhos que te sobram sussurram.

Eu só aguento.

À deriva, as soleiras de portas emudecidas.

Os corvos.

Deolinda, rente ao nada de olhar agudo. O cadeirão de verga e rugas no balanço soprado. O cão de patas e sonhos revirados, à entrada mansa da noite.

E foi sem o preâmbulo dos meteoros, em degraus entornados que os velhos mais velhos não podiam prever, que na terra se enterrou a explosão de céu.

O chão devolvido à água benta.

A peste de fugida.

Choraram os ares como se em pecado irremissível. E as vidas inaugurando novas vidas.

Deolinda, sempre nós...

Ao trovão que trouxe a chuva daí se chamou fogo albino. Ou lança de esperança renovada.

E Deolinda sobrevive, como só.

cronicas_do_paraíso@hotmail.com

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director João Pereira **Chefe de Redacção** Tiago Pimentel **Editores:** Francisca Moreira (Fotografia), Margarida Matos (Ensino Superior), João Campos (Cidade), Rui Simões (Nacional/Internacional), Lurdes Lagarto (Ciência), Bruno Gonçalves (Desporto), João Vasco (Cultura), Rita Delille, Daniel Sequeira (Fotografia ACABRA.NET) **Secretária de Redacção** Filipa Oliveira **Paginação** Bruno Gonçalves, Filipa Oliveira, Lurdes Lagarto, Nuno Braga **Redacção** Adalgisa Leitão, Ana Bela Ferreira, Ana Maria Oliveira, Ana Martins, Bruno Costa, Bruno Fernandes, Bruno Vicente, Carina Fonseca, Carina Valério, Carla Pinto, Carla Santos, Claudio Vaz, Diana do Mar, Dinarte Melim Velosa, Gustavo Sampaio, Helder João Pinto, Joana Moreira, Jorge Vaz Nande, José Manuel Camacho, Liliana Carona, Liliana Gonçalves, Liliana Guimarães, Marília Frias, Marta Poiares, Nuno Braga, Nuno Curado, Olga Telo Cordeiro, Patrícia Lourenço, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Pedro Santos, Rui Pestana, Rosa Ramos, Sandra Henriques, Sandra Pereira, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, So-raia Letra, Suzana Marto, Tiago Almeida, Tiago Pereira Carvalho, Vitor Aires **Colaboradores** Alexandre Monteiro, Andreia Ferreira, André Ventura, António Gil Leitão, Arlete Morais, Carla Moura, Cláudia Sousa, Helena Fagundes, Inês Subtil, José Miguel Pereira, Kossaqui, Laura Bastos, Marisa Ferreira, Marisa Soares, Paula Costa, Rúben Figueira, Sandra Ferreira **Fotografia** Ana Estevão, Ana Maria Oliveira, Bruno Costa, Bruno Gonçalves, Carla Pinto, Clarisse Magalhães, Cláudio Vaz, Joana Fonseca, Rui Couto, Rui Velindro, Susana Ventura **Publicidade** Joana Moreira - 239821554; 919879569 **Impressão** CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem** 4000 exemplares **Produção** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade** Associação Académica de Coimbra **Agradecimentos** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Secção de Jornalismo, Associação Académica de Coimbra, Rua Padre António Vieira, 3000 - Coimbra Tel. 239821554 Fax. 239821554

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

e-mail: cabra@aac.uc.pt

VINTE & TRÊS 23

O mundo perdido de um povo em miniatura

Um esqueleto quase completo de uma espécie humana com um metro de altura foi descoberto em Flores, uma ilha da Indonésia. O achado revela a existência de um povo de “liliputianos” que, até agora, não passava de uma lenda contada pelos habitantes locais

A descoberta do esqueleto de uma mulher numa caverna da ilha de Flores na Indonésia foi o primeiro passo para a constatação de que existiu até há bem pouco tempo uma espécie humana em tudo diferente da nossa. Os seus membros mediam apenas um metro. O achado foi feito em Setembro de 2003 por Peter Brown, um cientista e estudioso australiano. A ossada foi encontrada por acaso, numa zona da ilha chamada Liang Bua, enquanto a equipa, de arqueólogos e cientistas australianos e indonésios, procurava registos de migração humana na Ásia. Peter Brown afirma que “encontrar vestígios desta civilização numa isolada ilha asiática foi uma verdadeira surpresa que não poderia ter sido prevista”. Isto porque embora existam lendas locais que falam sobre um povo de seres anões, isto nunca tinha sido provado.

As lendas contadas pelos habitan-

tes da ilha são extremamente detalhadas. Eles chamavam às criaturas Ebu Gogo e descreviam-nas como sendo pequenos (com um metro de altura) e peludos. Costumavam murmurar numa espécie de linguagem uns para os outros. As histórias sugerem ainda que estes viviam em cavernas. As pessoas da vila deixavam taças com comida à entrada para que os pequeninos seres as comessem.

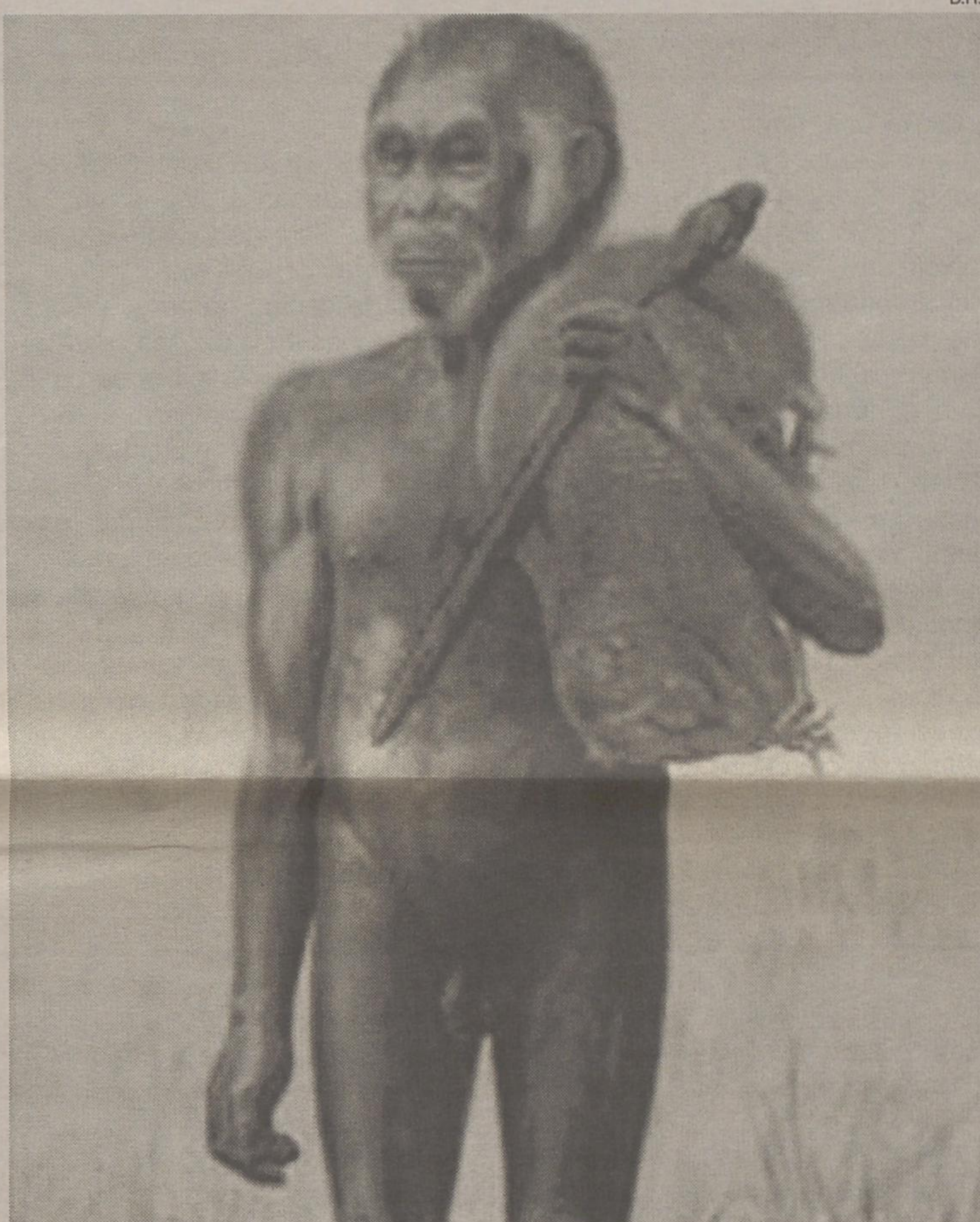
Agora sabe-se que estas criaturas existiram até há bem pouco tempo. Os pequenos humanos habitaram em cavernas até há cerca de 18 mil anos, ao mesmo tempo que o mundo começava a ser colonizado. Mike Morwood, professor da Universidade de Nova Inglaterra, está a investigar o assunto e explica que “esta é uma nova espécie humana que, efectivamente, viveu lado a lado com um homem moderno. Tinham metade do nosso tamanho, pesavam cerca de 25 quilos e tinham um cérebro do tamanho do de um chimpanzé. Mesmo assim, usavam fogo, faziam ferramentas em pedra muito sofisticadas e caçavam”. “A questão é que embora estes pequenos humanos tivessem um cérebro minúsculo eram inteligentes e possuíam, quase de certeza, linguagem”, acrescenta ainda.

Pensa-se que esta nova espécie, Homo floresiensis, descenda do Homo erectus, uma espécie alta e com cérebro grande que foi de África para a Ásia há cerca de dois milhões de anos. Esta evolução pode ter sido motivada pela escassez de recursos.

Uma das explicações para o desaparecimento da espécie é dada pelo

paleontologista Gert van den Bergh. “A pressão de vários milhares de anos de isolamento numa ilha relativamente pequena, com poucos recursos, onde há poucos predadores seleccionados para um tamanho de corpo pequeno”, explica.

Contudo, há ainda quem acredite que o Homo floresiensis não desapareceu totalmente. Henry Gee, editor da revista Nature, especula que a espécie possa ainda existir numa parte inexplorada da floresta tropical da Indonésia.



D.R.

Embalagens de medicamentos mais pequenas reduzem taxas de suicídio

Em Inglaterra, uma lei introduzida em 1998 obriga à venda de analgésicos em embalagens mais pequenas. Um estudo, feito por investigadores da Universidade de Oxford, mostra que esta medida reduziu as taxas de suicídio no país.

O estudo abrange suicídios com overdose de analgésicos entre os anos de 1993 e 2003. As mortes com paracetamol e aspirina descenderam quase um quarto depois de 1998. As overdoses com outros comprimidos, não abrangidos pela legislação, mantiveram-se inalteráveis.

Os investigadores argumentam que, embora as embalagens mais pequenas não impeçam alguém de comprar vários pacotes em várias farmácias, muitos dos suicidas são impulsivos e usam o que têm à mão em casa. Afirmam ainda que o estudo é um forte argumento para que se continue a reduzir as embalagens de medicamentos.

Etiqueta para robots

A forma como os robots deveriam conviver e comportar-se na sociedade humana está a ser objecto de estudo. A finalidade é promover uma coexistência pacífica entre homem e robot, quando esta se tornar uma realidade.

Uma equipa da Universidade de Hertfordshire está a tentar descobrir como devem reagir os futuros companheiros robot em situações sociais. O trabalho faz parte de um projecto europeu de robótica, chamado Cogniron, e esteve exposto no Museu da Ciência em Londres.

“Estamos a assumir uma situação em que já existe um companheiro robot útil ao Homem”, afirmou a coordenadora do projecto em Hertfordshire, Kerstin Dautenhahn. Existem estudos que demonstram que em 2007 os robots vão ser importantes no nosso dia-a-dia. A responsável pelo projecto, contudo, acredita que esta só vai ser uma realidade dentro de 20 anos.

“Sem este tipo de estudos vão ser construídos robots que podem não respeitar o facto de os seres humanos serem indivíduos com preferências e culturas variadas”, explicou à BBC a estudiosa. “Eu quero que os robots tratem os humanos como tal, não como robots”.

PUBLICIDADE

Crocodilos de estimação

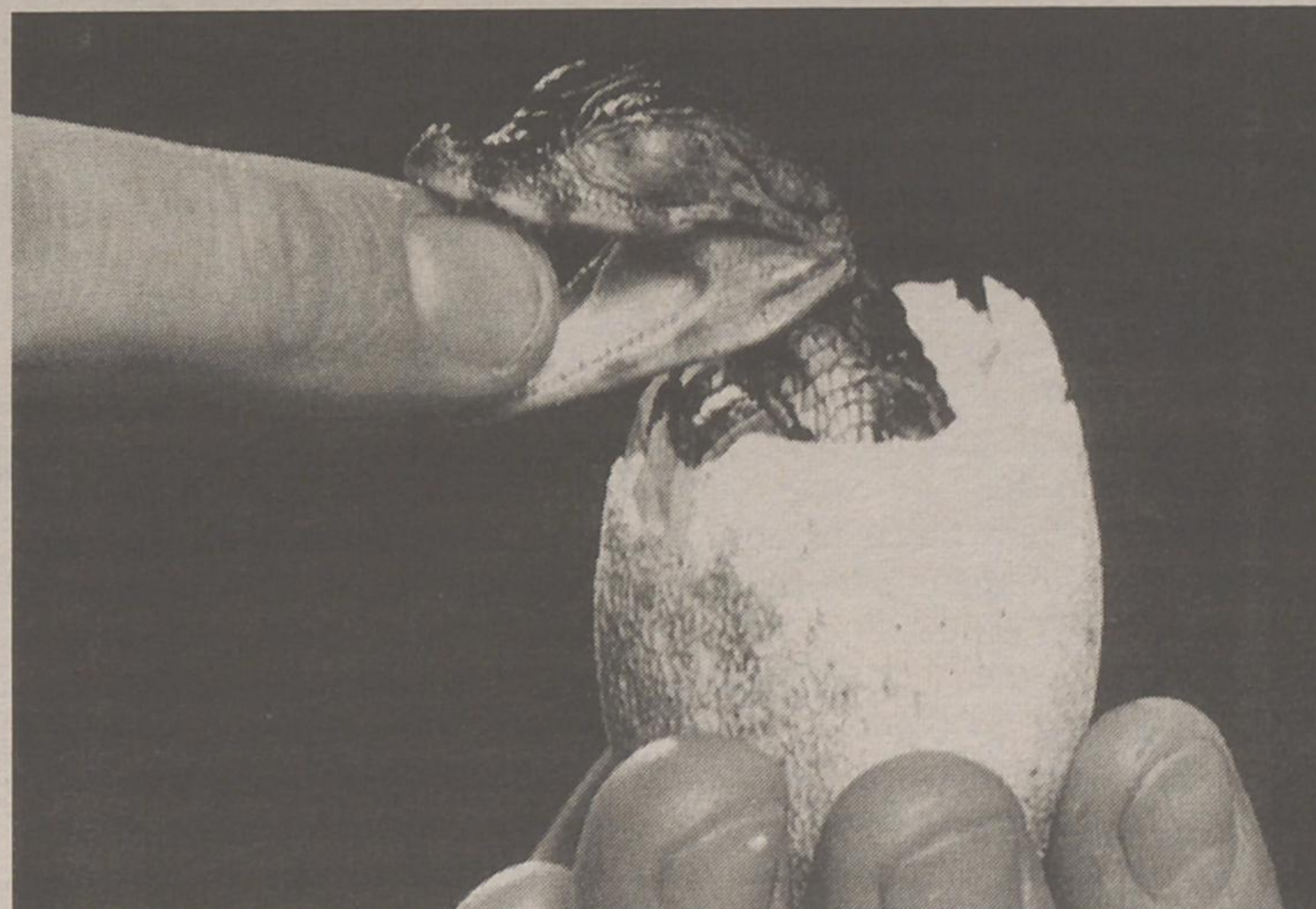
Especialistas procuram centenas de crocodilos-bebé roubados para serem vendidos como animais de estimação em Israel. Os investigadores temem que sejam libertados para condutas de água

Uma ninhada de crocodilos africanos, que podem atingir até sete metros de comprimento, foi roubada com apenas dois meses de idade de

uma quinta destinada à criação desta espécie no sul de Israel.

Um porta-voz da autoridade de parques e natureza explicou que se trata de uma “corrida contra o tempo”, já que “estes crocodilos atingem rapidamente um tamanho perigoso para o Homem. Depois de um ano já podem arrancar uma mão à dentada”. Explicou ainda que “A preocupação é que os répteis cheguem a lagos e rios, onde vão ser uma ameaça para as pessoas e para o ambiente”.

Até ao momento foram descobertos dez crocodilos-bebé em apartamentos no centro de Israel. As crias foram encontradas a nadar em banheiras e lavatórios.



D.R.

Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra
2, 3 e 4 de Dezembro no TAGV

JACC
JAZZAOCENTRO CLUBE

www.jacc.pt



Outros rumos...

Por Cláudio Vaz (texto e fotografia)

Lisboa

Mares de conhecimento

O mar, muitas vezes visitado para refrescar a alma e o corpo do calor do Verão, já foi deixado de lado há muito para quem ia ao litoral apenas para estes fins. Num bom mergulho ou mesmo num simples observar de pôr-do-sol, possível era imaginar-mo-nos presentes, anos atrás, de frente para o sítio de onde partiram para destinos pouco conhecidos, os mais famosos aventureiros de Portugal, "os Descobridores" que saíram em busca de riqueza e aventura pelo mar fora.

Em Lisboa, um espaço foi criado para saudar este tempo de conhecimento, coragem e respeito pelo mar. A EXPO98 já aconteceu, mas deixou um dos pontos de escape mais importantes da capital: O Parque das Nações e, na sua saudação ao mar, a Alameda dos Oceanos. Uma enorme área recreativa com chafarizes que produzem ondas artificiais, que imitam o barulho das ondas ao baterem no final do pequeno canal que elas percorrem. Um efeito simples que consegue reproduzir quase perfeitamente o som que estamos acostumados a escutar ao final da tarde numa praia. Bandeiras de todos os países enfileiradas decoram uma das laterais da alameda, famílias a passear em carros de pedais ao longo do rio, casais de namorados e velhinhos sen-

tados a ver o dia passar, um ambiente perfeito para ler um bom livro, tudo isso apenas a alguns metros da estação Gare do Oriente e a algumas horas de Coimbra.

Na parte central do parque, uma das atracções mais famosas da Europa. O Oceanário de Lisboa com cerca de 400 espécies num universo de 16.000 animais e plantas exóticas, além de sete milhões de litros de água salgada distribuídos em cinco aquários temáticos e um central com a opção de poder passar a noite ao lado do aquário a dormir na companhia de tubarões. Um programa aparentemente assustador, mas que pode vir a calhar, ainda mais se para aqueles que tencionam passar mais um dia pela capital depois de matar a saudade e a sede de conhecimento dentro e fora do mar.



Académica de Coimbra celebra 117 anos

A data é marcada por diversas actividades, que mostram a cultura e história da centenária academia.

Contudo, a agitação estudantil das últimas semanas acaba por condicionar os festejos

Sandra Pereira

Hoje é dia de comemorações na AAC, a maior e mais antiga associação estudantil portuguesa que tem representado os estudantes da Universidade de Coimbra ao longo dos tempos, tanto a nível nacional como internacional, abrindo novos

horizontes culturais e desportivos e completando a experiência e formação académica dos estudantes.

Para assinalar a data, a Direcção-Geral da AAC vai organizar um passacalhas composto por dez tunas académicas que vão percorrer as ruas da Alta de Coimbra. Este evento decorrerá da parte da tarde e partirá da Via Latina terminando no edifício da AAC. Será organizado um buffet no Centro Cultural D. Dinis aberto à comunidade estudantil com grupos académicos de fados a acompanhar o festejo. No buffet, a DG/AAC facultará a venda de senhas para a manifestação nacional que decorrerá no dia 4 de Novembro em Lisboa. Para findar as comemorações, a Companhia de Ballet do Teatro Hermitage de S. Petersburgo vai estrear um bailado no Teatro Académico Gil Vicente. Quebra-Nozes é o título do ballet em dois actos que decorrerá às

21h30. O preço do bilhete geral é de 16 euros e o de estudante 15 euros. Quebra-Nozes é um espectáculo quase tão antigo como a associação académica. Estreou em 1892, em S. Petersburgo, sendo um bailado que veio afirmar a Rússia como um grande centro mundial da dança. Foi a segunda composição de Tchaikovsky para ballet, e é considerada um dos casamentos mais bem conseguidos entre a coreografia e a música.

Segundo o coordenador-geral do pelouro da Cultura, Fernando Neves, estas comemorações serão bastante simples devido à agitação que a Academia tem vivido nos últimos tempos.

AAC, 117 anos de história

Fundada a 3 de Novembro de 1887, a AAC sucedeu à Academia Dramática de Coimbra, instalada nos baixos do antigo Colégio das

Artes, que exercia uma grande influência na vida universitária coimbrã da época através do famoso Teatro Académico.

Em 1889, na direcção do primeiro presidente da Direcção Geral da AAC, António Luís Gomes, a sede da AAC foi transferida para o edifício do antigo colégio da Trindade limitando as suas actividades culturais devido às fracas condições das instalações. A desocupação do Teatro Académico dificultou bastante a actividade académica nos anos seguintes, que acabou por estar sedada em várias casas de aluguer.

Em 1913, a sede da AAC foi transferida para o Colégio dos Paulistas na Rua Larga. A associação teve de partilhar o edifício com o Clube dos Lentes, oriundos da Academia Dramática, o que dificultou bastante a dinâmica da AAC. Assim, no dia 24 de Novembro de 1920, cansados de promessas de

reinstalação sempre adiadas, os estudantes decidiram ocupar pela força o restante do edifício. Este acontecimento ficou conhecido por "Tomada da Bastilha" e o dia 25 de Novembro foi oficializado como Dia da Academia de Coimbra. Desde esse dia, a academia ganhou um novo alento mas devido à sanção das autoridades universitárias e ao surgimento de novas actividades, o problema de espaço agravou-se. Em 1949, a sede foi transferida para o Palácio dos Grilos com uma nova promessa de construção de um edifício com capacidade e condições para receber todas as instituições académicas. A promessa manteve-se por cumprir e no dia 4 de Abril de 1954 deu-se a segunda "Tomada da Bastilha". Perante este acontecimento, em 1963, a AAC instalou-se na Praça da República terminando finalmente a luta estudantil que se arrastava desde 1889.

reportagens | informação cultural | passatempos

Olhar em Volta
Seguir em Frente

www.RU.PT
107.9 FM

De 2ª a 6ª, entre as 18 e as 19 horas, na antena da Rádio Universidade de Coimbra